

VI. AMOR

Um livro sobre o feminismo radical que não tratasse do amor seria um fiasco político. Porque o amor, talvez ainda mais que o parto, é o pivô da opressão das mulheres hoje em dia. Eu me dou conta de que isso tem implicações assustadoras. Queremos nos livrar do amor?

O pânico sentido por qualquer ameaça ao amor é um ótimo indício de seu significado político. Um outro sinal de que o amor é central em qualquer análise sobre as mulheres, ou sobre a psicologia sexual é sua omissão da própria cultura, sua relegação à “vida pessoal”. (Quem ouviu falar de lógica no quarto de dormir?) Sim, ele é retratado em novelas, até na metafísica, mas nelas é descrito, ou melhor, recriado, e não analisado. O amor nunca foi *compreendido*, embora possa ter sido amplamente *experimentado*, e essa experiência ter comunicado.

Existem motivos para essa falta de análise: *As mulheres e o Amor são escoras. Examinem-se eles, e a verdadeira estrutura da cultura ficará ameaçada.*

A questão já gasta de “O que as mulheres faziam, enquanto os homens criavam obras-primas?” merece mais do que a resposta óbvia do “as mulheres eram excluídas da cultura, exploradas em seu papel de mãe”. Ou o seu reverso: As mulheres não tinham necessidade de pintura, já que criavam filhos. O amor está ligado à cultura em

níveis mais profundos do que estes. Os homens pensavam, escreviam e criavam, porque as mulheres extravasavam as energias sobre esses homens; as mulheres não criam cultura, porque estão preocupadas com o amor.

O fato de as mulheres viverem para o amor, e os homens para o trabalho é um truísmo. Freud foi o primeiro a tentar situar as bases dessa dicotomia na psique individual: o filho, rejeitado sexualmente pela primeira pessoa de seu interesse, a mãe, “sublima” sua “libido” — seu reservatório de energias sexuais (vitais) — em projetos a longo prazo, na esperança de receber amor, numa forma mais generalizada. Assim, ele desloca sua necessidade de amor para uma necessidade de reconhecimento. Esse processo não é o mesmo na mulher: nunca deixa de desejar o calor direto e a aprovação.

Existe também muita verdade nos chavões de que “por trás de todo homem existe uma mulher”, ou de que “as mulheres são o poder [leia-se: a voltagem] por trás do trono”. A cultura (masculina) fundou-se no amor das mulheres, e à sua custa. As mulheres forneceram a substância das obras-primas masculinas, e, por milênios, fizeram o trabalho e suportaram o preço de relações emocionais unilaterais, cujos benefícios iam para os homens, e para o trabalho dos homens. Portanto, se as mulheres são uma classe parasita, vivendo afastada e às margens da economia masculina, o inverso também é verdadeiro: A cultura (masculina) foi (e é) parasitária, alimentando-se da força emocional das mulheres, sem reciprocidade.

Além do que, tendemos a esquecer que essa cultura não é universal, mas, ao contrário, sectária, mostrando apenas metade de sua estrutura. A verdadeira estrutura da cultura, como teremos a oportunidade de ver, está saturada por essa polaridade sexual, bem como é, em todos os níveis, dirigida pelos, para, e conforme os interesses da sociedade masculina. Mas, enquanto a metade masculina é chamada de toda a cultura, os homens não se esqueceram de que existe uma metade “emocional” feminina. Ela é vivida às escondidas. Em consequência de sua luta para expulsar as mulheres existentes dentro deles (o Complexo

de Édipo, como o interpretamos), os homens são incapazes de considerar o amor seriamente, como uma questão cultural. No entanto, eles não podem passar sem ele completamente. O amor é o nervo da cultura (masculina), assim como o amor é o ponto fraco de todo homem, empenhado em provar sua virilidade nesse vasto mundo masculino de “descobertas e aventura”. As mulheres sempre souberam como os homens precisam de amor, e como eles negam essa necessidade. Talvez isto explique o peculiar desrespeito que as mulheres sentem, tão universalmente, pelos homens (“os homens são tão bobos”), pois elas conseguem compreender que seus homens posam para o mundo exterior.

I

Como esse fenômeno “amor” funciona? Contrariamente à opinião popular, o amor não é altruísta. A atração inicial é baseada no estranho encanto (hoje, mais comumente, a inveja e o ressentimento) pelo autocontrole, a unidade integrada do outro, e um desejo de tornar-se, de algum modo, parte de seu *Self* (leia-se hoje: impor-se ou dominar), de tornar-se importante para esse equilíbrio psíquico. A independência do outro origina desejos (leia-se: um desafio); a admiração (inveja) do outro torna-se um desejo de incorporar (possuir) suas qualidades. Segue-se um conflito de *selves*, no qual o indivíduo tenta repelir o crescente poder do outro sobre ele. O amor é a abertura final para o outro (ou a rendição ao seu domínio). O amante demonstra ao bem-amado como ele próprio gostaria de ser tratado. (“Eu tanto tentei fazê-lo apaixonar-se por mim, que eu mesma acabei me apaixonando por ele.”) Assim, o amor é o auge do egoísmo. O *self* tenta se enriquecer, através da absorção de um outro ser. Amar é ser fisicamente vulnerável ao outro. Trata-se de uma situação de vulnerabilidade emocional total. Portanto, não deve ser apenas a incorporação do outro, mas uma *troca de selves*. Qualquer coisa desprovida de troca mútua prejudicará uma das partes.

Não existe nada inerentemente destrutivo nesse processo. Um pouco de egoísmo saudável pode ser uma mudança restauradora. O amor entre dois iguais seria um enriquecimento, cada um expandindo a si mesmo, através do outro. Em vez de só, fechado na cela de si mesmo, exclusivamente com sua própria experiência e seu próprio ponto de vista, o indivíduo poderia participar da existência de outro — uma janela extra para o mundo. Esse é o motivo da satisfação que os amantes bem sucedidos experimentam. Eles estão temporariamente libertos do fardo de isolamento que todo indivíduo carrega.

Mas, a satisfação no amor raramente ocorre. Para cada experiência de amor bem sucedida hoje, para cada pequeno período de enriquecimento, existem dez experiências de amor destruidoras, “depressões” pós-amorosas de muito maior duração — em geral terminando com a destruição do indivíduo, ou pelo menos com um cinismo emocional que torna difícil ou até impossível amar novamente. Por que aconteceria isso, se não é, hoje, inerente ao próprio processo de amor?

Falemos do amor, no seu aspecto destrutivo — e porque ele toma esse rumo, referindo-nos uma vez mais à obra de Theodore Reik. A observação concreta de Reik coloca-o mais próximo da compreensão do *processo* de “enamorar-se”, do que muitas mentes superiores, contudo, ele perde essa compreensão, na medida em que confunde o amor, como ele existe em nossa sociedade atual, com o próprio amor. Observa que o amor é uma formação reativa, um ciclo de inveja, hostilidade e possessividade. Entende que o amor é precedido de uma insatisfação consigo mesmo, de uma ânsia de alguma coisa melhor, gerada por uma discrepância entre o ego e o ego-ideal; que a satisfação que o amor produz deve-se à resolução dessa tensão pela substituição do outro, no lugar de nosso próprio ego-ideal; e, finalmente, que o amor murcha, “porque o outro não pode, mais do que você, viver à altura de seu elevado ego-ideal, sendo a crítica tão severa, quanto mais altos forem os graus de exigência sobre si mesmo. “Assim, na visão de Reik, o amor se desgasta, do mesmo modo como se estimula: A insa-

tisfação consigo mesmo (quem já ouviu falar de apaixonar-se na semana em que se está indo para a Europa?) leva à admiração pela independência do outro, à inveja, à hostilidade, ao amor possessivo, e a voltar, de novo, a exatamente o mesmo processo. Esse é o processo do amor *hoje*. Mas por que ele se dá desse modo?

Muitos, por exemplo Denis de Rougemont, em *O Amor no Mundo Ocidental*, tentaram esboçar uma distinção entre o “apaixonar-se” romântico, com sua “falsa reciprocidade que encobre um duplo narcisismo” (o Eros Pagão), e um amor não egoísta pela outra pessoa, do jeito que essa pessoa é realmente (o Ágape Cristão). De Rougemont atribui a paixão mórbida de Tristão e Isolda (amor romântico) a uma vulgarização das correntes místicas e religiosas específicas da civilização ocidental.

Sugiro que o amor é, essencialmente, um fenômeno muito mais simples. Ele se torna complicado, corrompido, ou dificultado por um equilíbrio desigual de poder. Vimos que o amor requer uma vulnerabilidade mútua, ou se torna destrutivo. Os efeitos destrutivos do amor só ocorrem num contexto de desigualdade. Mas, por ter a desigualdade sexual permanecido uma constante — embora seu grau possa ter variado — a corrupção do amor “romântico” tornou-se uma característica do amor entre os sexos. (Resta-nos apenas explicar porque ela se intensificou solidamente nos países ocidentais, desde o período medieval. Será o que tentaremos fazer no próximo capítulo.)

De que modo o sistema de classes sexuais, baseado na distribuição desigual de poder da família biológica, afeta o amor entre os sexos? Ao discutir o freudismo, investigamos a estruturação psíquica do indivíduo dentro da família, e como essa organização da personalidade pode ser diferente do homem para a mulher, em virtude de seus relacionamentos bem diferentes com a mãe. Atualmente, a interdependência insular do relacionamento mãe/filho impõe a ansiedade tanto ao filho quanto à filha de perder o amor da mãe, do qual dependem para a sobrevivência física. Quando, mais tarde (apesar

de Erich Fromm), a criança compreende que o amor da mãe é condicional, e que, para ser recompensada, ela tem de assumir um comportamento aprovado (i.e., o comportamento de acordo com os valores próprios e a gratificação pessoal do ego da mãe — pois ela é livre para moldar “criativamente” a criança, seja lá como defina essa criatividade), a ansiedade da criança se converte em desespero. Isto, coincidindo com a rejeição sexual do filho homem pela mãe, provoca, como vimos, uma esquizofrenia no menino entre o emocional e o físico, e na menina a rejeição da mãe, ocorrendo por diferentes razões, gera uma insegurança sobre sua identidade em geral, criando uma necessidade de aprovação, por toda a vida. (Mais tarde, seu amante substituirá o pai como doador da identidade necessária sub-rogada — ela vê tudo, através dos olhos dele.) Aqui se origina a ânsia de amor que, mais tarde, lança ambos os sexos à procura, numa pessoa após a outra, de um estado de segurança do ego. Mas, por causa da rejeição primitiva, no grau em que ela ocorreu, o homem ficará aterrorizado de comprometer-se, de “desabafar-se”, e, depois, ser despedaçado. A respeito de como isto afeta sua sexualidade, vimos que: conforme o grau em que uma mulher se assemelhe à mãe dele, o tabu do incesto funciona para restringir seu compromisso sexual/emocional total. Para sentir-se a salvo do tipo de resposta total que sentiu primeiramente pela mãe, e que foi recusada, ele precisa rebaixar essa mulher para diferenciá-la da mãe. Esse comportamento, reproduzido em larga escala, explica muitos fenômenos culturais, inclusive talvez o culto do amor ideal das eras cavaleirescas, o precursor do romantismo moderno.

A idealização romântica é parcialmente responsável, ao menos da parte do homem, por uma característica peculiar do “apaixonar-se”: a mudança acontece no amante quase que independentemente da personalidade do objeto amado. Ocasionalmente, o amante, apesar de fora de si, vê através de outra parte racional de suas faculdades que, objetivamente falando, a pessoa que ele ama

não merece toda a sua dedicação cega; mas, ele é impotente para agir sobre isso, “um escravo do amor”. Na maioria das vezes, ele se engana completamente. Entretanto, os outros conseguem ver o que se passa (“Porque cargas d’água ele poderia amá-la foge à minha compreensão!”). Essa idealização ocorre muito menos frequentemente da parte da mulher, como foi confirmado pelos estudos clínicos de Reik. Um homem pode idealizar uma mulher acima de todas as outras para justificar sua descendência de uma classe social mais baixa. As mulheres não têm esse motivo para idealizar os homens. De fato, quando a vida de alguém depende da habilidade de “sacar” os homens, essa idealização pode ser realmente perigosa — embora um medo do poder masculino possa, em geral, repetir-se nos relacionamentos particulares com os homens, aparentando o mesmo fenômeno. Mas, embora saibam ser inautêntica essa “paixão” masculina, todas as mulheres, de um modo ou de outro, exigem dos homens uma prova desse amor, antes que eles possam se permitir amar (genuinamente, no seu caso) em troca. Pois esse processo de idealização funciona para equalizar artificialmente as duas partes, uma precondição mínima para o desenvolvimento de um amor não corrompido. Vimos que o amor requer uma vulnerabilidade mútua, que é impossível de se realizar numa situação de poder desigual. Desse modo, “apaixonar-se” não é mais do que um processo de deformação da visão masculina — através da idealização, da mistificação, da glorificação — que torna nula a inferioridade da classe feminina.

Contudo, a mulher sabe que essa idealização, que ela se esforça por produzir, é uma mentira, que é uma questão de tempo ela ficar “transparente” para ele. Sua vida é um inferno, oscilando entre uma necessidade obsessiva pelo amor e a aprovação masculina, para erguê-la de sua submissão de classe, e sentimentos persistentes de inautenticidade, quando ela obtém o amor dele. Assim, sua identidade total depende da balança de sua vida amorosa. Só lhe é permitido amar a si mesma, se um homem a considerar digna de amor.

Mas, se pudéssemos eliminar o contexto político do amor entre os sexos, não restaria um certo grau de idealização no próprio processo de amar? Creio que sim. Pois o processo ocorre da mesma maneira, seja quem for o escolhido pelo amor: o amante “abre-se” para o outro. Por causa dessa fusão de egos, na qual cada um pensa e se preocupa com o outro, como se fosse um novo *self*, a beleza/índole do bem-amado, talvez escondida para os estranhos sob camadas de defesas, é revelada. O “Eu me pergunto o que ela vê nele” significa, então, não só que “ela é uma tola, cega pelo romantismo”, mas que “seu amor dotou-a de uma visão de raios-X. Talvez não estejamos percebendo alguma coisa”. (Note-se que esta frase é mais comumente empregada em relação às mulheres. A frase equivalente, relativa à escravidão dos *homens* ao amor, é, em geral, mais parecida com o “ele é um joguete nas mãos dela”, ela o envolveu de tal forma, que ele é o último a conhecer seu jogo.) A sensibilidade desenvolvida para os verdadeiros (ainda que ocultos) valores do outro, contudo, não é uma “cegueira”, ou “idealização”, mas é, de fato, uma visão mais profunda. Só a falsa idealização que descrevemos acima é que é responsável pela destruição. Assim, não é o próprio processo do amor que está errado, mas sua política, i.e., seu contexto de poder desigual. O quê, o porquê, o quando e o onde dele é que o tor-nam hoje um holocausto.

II

Entretanto, as abstrações sobre o amor são apenas mais um sintoma de seu estado doentio. (Como uma paciente de Reik tão perspicazmente expressou: “Os homens ou amam seriamente demais, ou então não amam seriamente o suficiente.”) Analisemos mais concretamente o fato, do modo como nós o vivenciamos hoje, em sua forma corrompida. Uma vez mais citaremos o Confessionário Reikiano. Pois se o trabalho de Reik tem algum valor, é onde ele menos poderia suspeitar, i.e., na sua insignificante ânsia feminina pela “fofoca”. Ei-lo,

justificando-se (supõe-se que seu Superego o esteja inco-modando):

“Um ‘já-era’ como eu sempre deve estar nalgum lugar, eu trabalhar nalguma coisa. Por que eu não deveria me ocupar com essas pequenas questões que, geralmente, não são colocadas e, contudo, talvez possam ser respondidas? As *petites questions* têm um lugar legítimo ao lado dos grandes e fundamentais problemas da psicanálise.”

“É preciso coragem moral para escrever sobre certas coisas, como por exemplo sobre um jogo que as meninas jogam no intervalo das aulas. Esse tema é realmente digno de um psicanalista *sério*, que já passou dos seus setenta e sete anos de idade?” (Grifos da autora)

E lembra a si mesmo:

“Mas, em psicanálise não existem pensamentos sem importância; existem apenas pensamentos que fingem não serem importantes, para não serem revelados.”

Assim ele racionaliza o que, na verdade, pode ser a única contribuição válida de seu trabalho. Eis seus pacientes, de ambos os sexos, falando eles próprios sobre suas vidas amorosas:

MULHERES:

“Mais tarde, ele me chamou de uma mulher meiga . . . Eu não respondi . . . o que eu poderia dizer? . . . mas eu sabia que eu não era, de modo algum, uma mulher doce, e que ele me via como alguém que eu não sou.”

“Nenhum homem pode amar uma mulher, do modo como uma mulher ama um homem.”

“Eu posso passar muito tempo sem sexo, mas não sem amor.”

“É como H₂O, em vez de água.”

“Algumas vezes eu penso que todos os homens são sexo-maníacos, e indigentes sexuais.”

“Tudo o que eles conseguem pensar, quando estão com com uma mulher, é em ir para a cama com ela.”

“Eu não tenho nada a oferecer a esse homem, além deste corpo?”

“Tirei meu vestido e meu sutiã, e me deitei na sua cama, e esperei. Por alguns instantes, pensei em mim como num animal de sacrifício no altar.”

“Eu não compreendo os sentimentos dos homens. Meu marido me tem. Por que ele precisa de outra mulher? O que elas têm que eu não tenho?”

“Acredite-me, se todas as esposas, cujos maridos têm casos, os deixassem, nós só teríamos mulheres divorciadas neste país.”

“Depois que meu marido teve muitos casinhos, eu me enamorei da fantasia de ter um amante. Por que não? O que é bom para o pato é bom para a pata... Mas, eu era estúpida como uma pata: não admitia para mim ter uma aventura extraconjugal.”

→ “Perguntei a várias pessoas se os homens também, algumas vezes, choravam, choravam, e acabavam dormindo. Eu não acredito nisso.”

HOMENS (para uma ilustração adicional, ver *Screw*):
“Não é verdade que só a aparência externa da mulher tem importância. A roupa de baixo também é importante.”

“Não é difícil transar com uma mulher. O que é difícil é destransar.”

“A mulher me perguntou se eu me preocupava com a opinião dela. Eu estava tentado a responder que me preocupava mais com sua bunda.”

“‘Você já vai?’, ela disse, quando abriu os olhos. Esse era um chavão de quarto de dormir, não importa se eu saísse uma hora, ou dois dias depois.”

“Talvez seja necessário enganar a mulher, e fingir que você a ama. Mas, como eu enganaria a mim mesmo?”

→ “Quando ela está angustiada, ela me manda embora. Mas, quando eu estou angustiado, ela sente pena de mim, e é mais afetiva do que de costume.”

→ “Não é suficiente para minha mulher que eu tenha que ouvi-la falar o tempo todo — blá, blá, blá. Ela também espera que eu ouça o que ela está dizendo.”

Simone de Beauvoir disse: “A palavra amor não tem, de modo algum, o mesmo sentido para ambos os sexos, e essa é uma das causas dos sérios mal-entendidos que os separam.” Acima, exemplifiquei algumas das diferenças tradicionais entre os homens e as mulheres

no amor, que vêm à tona tão freqüentemente nas discussões de sala de visitas, sobre o “double standard”*, nas quais todos concordam que: as mulheres são monogâmicas, melhores amantes, possessivas, “aderentes”, mais interessadas (altamente envolvidas) nos “relacionamentos” do que no sexo em si mesmo, e que elas confundem o afeto com o desejo sexual; que os homens não se interessam, a não ser por foder (Tchau e obrigado, dona!), ou então romantizam ridiculamente as mulheres; que, uma vez seguros dela, tornam-se notórios dom-jões, nunca satisfeitos; que tomam sexo por emoção. Tudo isso confirma o que tínhamos discutido — a diferença nas organizações psicosexuais dos dois sexos, determinada pelo primeiro relacionamento com a mãe.

Tiro três conclusões, baseada nessas diferenças:

1) Que os homens não podem amar. (Hormônios masculinos? As mulheres, tradicionalmente, esperam e aceitam uma invalidez emocional nos homens, que elas achariam intolerável numa mulher.)

2) Que o comportamento “adesivo” das mulheres é ditado por sua situação social objetiva.

3) Que essa situação não mudou significativamente do que ela sempre foi.

Os homens não podem amar. Vimos porque os homens têm dificuldade de amar, e porque, embora possam amar, geralmente eles “se apaixonam” — pela sua própria imagem projetada. Na maioria das vezes, batem um dia com força à porta de uma mulher, e, no dia seguinte, estão completamente desiludidos com ela; mas é raro as mulheres abandonarem os homens, e isso geralmente se dá por mais de uma ampla razão.

É perigoso ter pena de nosso opressor — as mulheres são especialmente propensas a essa fraqueza — mas eu estou tentada a fazê-lo nesta circunstância. Ser incapaz de amar é o inferno. É assim que isso acontece: logo que o homem sente alguma pressão do outro parceiro para que ele se comprometa, ele entra em pânico, e pode reagir de um destes vários modos:

* V. p. 260 (N.T.)

1) Pode sair correndo e foder outras dez mulheres, para provar que a primeira não tem controle sobre ele. Se ela aceita isso, ele pode continuar a vê-la nessa base. As outras mulheres verificam a (falsa) liberdade dele. Discussões periódicas mantêm-lhe o pânico a distância. Mas as mulheres são um tigre de papel, pois nada de muito profundo pode acontecer com elas, seja o que for. O homem contrabalança umas com as outras, de modo que nenhuma delas possa obter muito dele. Muitas mulheres espertas, reconhecendo que isto é apenas uma válvula de escape para a ansiedade masculina, “dão bastante rédea” a ele. Pois o problema real, por trás de todos esses medos pelas mulheres é que o homem é incapaz de comprometer-se consigo mesmo.

2) Ele pode exibir concretamente um comportamento imprevisível, faltando freqüentemente aos encontros, sendo vago a respeito da próxima data, dizendo “meu trabalho vem primeiro”, ou apresentando uma variedade de outras desculpas. Isto é, embora ele sinta a ansiedade dela, ele se recusa a tranquilizá-la de qualquer modo, ou mesmo a reconhecer-lhe a ansiedade como legítima. Pois ele *precisa* da ansiedade dela como um lembrete constante de que ele ainda é livre, de que a porta ainda não está completamente fechada.

3) Quando é forçado a um compromisso (incômodo), ele a faz pagar por isso: lançando olhares para outras mulheres na presença dela, comparando-a desfavoravelmente com namoradas antigas, ou com estrelas de cinema, com lembretes maliciosos na frente de amigos de que ela é seu “fardo”, chamando-a de “égua”, de “puta”, de “megera”, ou insinuando que, se ele fosse apenas um solteirão, estaria em melhores condições. Sua ambivalência com relação à “inferioridade” das mulheres torna-se evidente: comprometendo-se com uma, ele de algum modo cedeu à abominada identificação feminina, que a partir daí ele deve negar repetidamente, se quiser manter sua dignidade dentro da comunidade (masculina). Essa constante depreciação não é totalmente encenada, pois, de fato, toda outra mulher subitamente lhe parece ser melhor. Ele não consegue deixar de sen-

tir que perdeu alguma coisa — e, naturalmente, sua mulher é a culpada. Pois ele nunca desistiu da procura do ideal; ela o forçou a renunciar a isso. Provavelmente, morrerá com a sensação de ter sido enganado, nunca se dando conta de que não existe muita diferença entre uma mulher e outra, que é o amor que cria a diferença.

Existem muitas variações para resistir à mordida. Muitos homens passam de uma aventura casual para outra, evitando o tempo todo que ela comece a esquentar. E, no entanto, viver sem amor afinal se revela intolerável para os homens, tanto quanto para as mulheres. A questão que fica para todo homem normal é, portanto, como posso conseguir que alguém goste de mim, sem exigir um compromisso igual em troca?

O comportamento “adesivo” das mulheres é ditado por sua situação social objetiva. A resposta feminina a essa situação de histeria masculina diante de qualquer perspectiva de compromisso mútuo foi desenvolver métodos sutis de manipulação, para impingir tantos compromissos quantos possíveis forem serem impingidos aos homens. Durante séculos, foram planejadas estratégias, testadas e passadas de mãe para filha, em tête-à-têtes secretos, circuladas nas fofocas dos chás de mulheres (“Eu nunca compreendi com que as mulheres gastam tanto tempo falando!”), ou, em tempos recentes, via telefone. Essas não são, de modo algum, sessões triviais de mexericos (como as mulheres preferem que os homens acreditem), mas estratégias desesperadas pela sobrevivência. Uma garota de colégio misto, numa conversa de uma hora ao telefone sobre os homens, mostra-se muito mais brilhante do que quatro anos depois. Também há muito mais brilhantismo nesse tipo de conversa do que na maioria das manobras políticas masculinas. Não é de admirar então que, mesmo as poucas mulheres sem “obrigações familiares” sempre cheguem exaustas à linha de partida de qualquer empreendimento sério. Requer-se o melhor de sua energia, durante a melhor parte de seus anos criativos para “agarrar um bom partido”, e uma boa parte do resto de sua vida para “conservar” esse partido. (“Amar pode ser um serviço de tempo integral para as mulheres,

como a profissão é para os homens.”) As mulheres que preferem retirar-se dessa corrida escolhem uma vida sem amor, algo que, como vimos, a maioria dos *homens* não tem coragem de fazer.

Mas, infelizmente, a Caça ao Homem é caracterizada por uma urgência emocional, além desse simples desejo de anunciar um compromisso oficialmente. Ela é fundamentada, em primeiro lugar, na própria realidade de classes que produziu a incapacidade masculina de amar. Numa sociedade dirigida pelos homens, que define as mulheres como uma classe inferior e parasitária, a mulher que não obtém de algum modo a aprovação masculina é condenada. Para legitimar sua existência, uma mulher deve ser mais do que uma mulher, deve continuamente procurar uma saída para sua definição inferior; e os homens são os únicos em posição de conceder-lhes esse estado de graça. Mas, por ser raramente permitido à mulher realizar-se através da atuação na sociedade (masculina) — e, quando isso acontece, raramente lhe é concedido o reconhecimento que ela merece — torna-se mais fácil tentar o reconhecimento de um homem do que de vários; e, de fato, essa é exatamente a opção que a maioria das mulheres faz. Assim, uma vez mais o fenômeno do amor, bom em si mesmo, é corrompido por seu contexto de classes: as mulheres devem amar não só

1. Assim é a situação peculiar em que as mulheres nunca fazem objeção aos insultos dirigidos às mulheres como uma classe, desde que, individualmente, estejam excluídas dela. O pior insulto para uma mulher é dizer que ela é “exatamente como uma mulher”, i.e., que ela não é superior. O maior elogio é dizer que ela tem a inteligência, o talento, a dignidade, ou a força de um homem. De fato, como todo membro de uma classe oprimida, ela própria participa dos insultos dirigidos às outras iguais a ela, esperando, com isso, tornar óbvio que ela, como indivíduo, está acima do comportamento das outras. Assim, as mulheres, como uma classe, se indispõem umas com as outras (“Separar e Vencer”), a “outra mulher” acreditando que a esposa é uma “puta”, que “não o compreende”, e a esposa acreditando que a outra mulher é uma “oportunista”, que está “se aproveitando” dele — enquanto que o réu, ele mesmo, escapa furtivamente livre.

por motivos de bem-estar, mas realmente para validarem a sua existência.

Além disso, a contínua dependência econômica das mulheres torna impossível uma situação saudável de amor entre iguais. As mulheres, ainda hoje, vivem sob um sistema de patronato. Com poucas exceções, elas têm a escolher, não entre serem livres ou se casarem, mas entre serem uma propriedade pública, ou uma propriedade privada. As mulheres que se unem a um membro da classe dominante podem, ao menos, esperar que alguns dos privilégios deles possam, por assim dizer, passar para ela. Mas as mulheres sem homens estão na mesma situação das órfãs: são uma subclasse desamparada, que necessita da proteção dos poderosos. Isso é a antítese da liberdade, elas ainda serem definidas (negativamente) por uma situação de classe: pois hoje elas estão num estado de vulnerabilidade *exagerada*. Participar do domínio de alguém escolhendo o seu senhor dá em geral a ilusão de uma escolha livre; mas, na realidade, a mulher nunca é livre para escolher o amor sem motivações externas. Para ela, no momento atual, as duas coisas, amor e *status*, devem permanecer inextricavelmente entrelaçadas.

Agora, supondo que uma mulher não perca de vista esses fatores fundamentais de sua condição quando ama, ela nunca será capaz de amar gratuitamente, mas apenas em troca de segurança:

1) da segurança emocional que, vimos, ela tem motivos para exigir;

2) da identidade emocional que ela seria capaz de encontrar pelo trabalho e o reconhecimento, mas que lhe é negada — forçando-a, assim, a buscar sua definição através de um homem;

3) da segurança da classe econômica que, nessa sociedade, está ligada a sua habilidade em “fiscar” um homem.

Duas dessas três exigências são condições sem validade para o “amor”, contudo são impostas a ele, sobre-carregando-o.

Assim, na sua precária situação política, as mulheres não podem se dar ao luxo do amor espontâneo. Isso

seria perigoso demais. O amor e a aprovação dos homens são importantíssimos. Amar impensadamente, antes de ter assegurado o compromisso legal, poria em risco essa aprovação. Citemos Reik:

“Finalmente ficou claro, durante a psicanálise, que a paciente tinha medo de que, se ela mostrasse a um homem que o amava, ele a consideraria inferior e a deixaria.”

Uma vez que a mulher se entrega emocionalmente, ela será incapaz de jogar os jogos necessários: seu amor surgirá primeiro, exigindo expressão. Fingir uma frieza que não sente, *então*, seria doloroso demais e, além disso, seria inútil. Ela banca a durona e com isso está visando a liberdade de amar. Mas, a fim de garantir esse compromisso, ela *deve* refrear as emoções, *deve* observar as regras. Pois, como vimos, os homens não se submetem à abertura mútua e à vulnerabilidade, a não ser que sejam forçados a isso.

Como, então, ela faz para obrigar o homem a assumir esse compromisso? Uma das suas armas mais potentes é o sexo — ela pode excitá-lo até ele chegar a um estado de tormento físico, com uma variedade de estratégias: recusando a necessidade dele, provocando-a, dando e tirando, através do ciúme, e assim por diante. Uma mulher sob análise se indaga por quê:

“Existem poucas mulheres que nunca se perguntam, em certas ocasiões, ‘Quanto eu devo ser difícil para um homem?’ Penso que nenhum homem se preocupa com perguntas desse gênero. Eles talvez perguntem-se apenas: ‘Quando ela cederá?’”

Os homens estão certos, quando se queixam de que falta discriminação às mulheres, que elas raramente amam um homem por suas características individuais, mas, antes, pelo que ele tem a oferecer (sua classe); que elas são calculistas, que usam o sexo para obter outras coisas, etc. De fato, as mulheres não estão em condição de amar livremente. Se uma mulher tem bastante sorte para encontrar “um rapaz decente” que a ame e a sustente,

ela está se saindo bem — e, geralmente, será grata o bastante para retribuir o amor dele. A única discriminação que as mulheres *são* capazes de exercer é a escolha entre os homens que as escolheram; ou opor um homem, um poder, contra o outro. Mas *provocar* o interesse de um homem, e *pegá-lo* numa armadilha, logo que ele expresse seu interesse em se comprometer, não é exatamente uma autodeterminação.

Agora, o que acontece depois que ela, finalmente, fisgou seu homem, depois dele ter-se apaixonado por ela, e estar pronto a fazer qualquer coisa por ela? Ela conta com uma nova série de problemas. Agora, ela pode afrouxar o controle, abrir a rede e examinar o que pegou. Geralmente, fica decepcionada. Não é nada que a interessaria, se *ela* fosse um homem. Geralmente, está abaixo de seu nível. (Verifique isso algum dia: Fale com algumas dessas esposas serviçais.) “Ele pode não ser grande coisa, mas, pelo menos, eu consegui um homem para mim” é, em geral, a maneira como ela se sente. Mas, pelo menos, agora ela pode parar de encenar. Pela primeira vez é seguro amar. Agora, ela pode tentar furiosamente prendê-lo emocionalmente, pretendendo realmente o que sempre pretendeu. Frequentemente, é atormentada com preocupações de que ele poderá desmascará-la. Ela se sente uma impostora. É assediada por medos de que ele não a ame do jeito como ela “realmente” é — e, geralmente, está certa. (“Ela queria se casar com um homem com quem pudesse ser tão puta quanto realmente é.”)

É nesse momento que ela descobre que amor e casamento significam, para um homem, uma coisa diferente do que significam para ela. Embora os homens, em geral, acreditem que as mulheres são inferiores, todo homem tem reservado, na sua mente, um lugar especial para a única mulher que ele elevará acima de todas as outras, graças à união com ele. Até agora, a mulher, que tinha ficado de fora, implorava pela aprovação dele, morrendo de vontade de ascender a esse lugar de destaque. Mas, uma vez lá, ela se dá conta de que foi elevada acima das outras mulheres não em reconhecimento ao seu valor

real, mas só porque se adaptava primorosamente a esse pedestal. Provavelmente, ele sequer sabe quem é ela (se é que, nesse momento, ela própria o saiba realmente). Ele a admitiu não porque a amasse genuinamente, mas somente porque ela representava tão bem suas fantasias preconcebidas. Embora soubesse que o amor dele era falso, já que ela própria o maquinara, não pode deixar de sentir desrespeito por ele. Mas tem medo, em primeiro lugar, de revelar seu eu verdadeiro, pois então até esse falso amor poderia perder-se. E, finalmente, compreende que, para ele também, o casamento teve todos os tipos de motivação que nada têm a ver com o amor. Ela foi meramente a pessoa mais próxima da imagem fantasiosa dele. Foi chamada de A Atriz Mais Versátil, pela multiplicidade de papéis que assumiu na peça dele, como Altereço, Mãe de Meus Filhos, Dona de Casa, Cozinheira, Companheira. Foi adquirida para preencher um espaço vazio na vida dele; mas a vida dela é nada.

Portanto, ela não escapou de ser como as outras mulheres. Foi erguida para fora dessa classe, somente porque ela agora é um apêndice de um membro da classe dominante; e ele não pode unir-se a ela, a não ser que eleve o seu *status*. Mas ela não foi libertada. Foi promovida a “negra-da-casa”. Foi elevada, somente para ser usada de um modo diferente. Sente-se enganada. Não recebeu amor e reconhecimento, e sim possessividade e controle. É assim que ela se transforma de Noiva Ruborizada em Puta, uma mudança que, não importa quanto seja universal e previsível, ainda deixa o marido perplexo. (“Você não é a mulher com quem eu me casei.”)

A situação das mulheres não mudou significativamente do que ela sempre foi. Pois, durante os últimos cinquenta anos, as mulheres tiveram uma dupla ligação com o amor. Sob a máscara de uma “revolução sexual”, que se supõe ter ocorrido (“Ei, venha cá, garota, onde você esteve? Você não ouviu falar de revolução sexual?”), as mulheres foram persuadidas a deixar cair a couraça. A mulher moderna tem horror de ser tida por uma puta, que era exatamente o que sua avó esperava que acontecesse no decorrer natural das coisas. Também os homens,

ainda no tempo das avós, esperavam que toda mulher digna os deixaria esperando, jogaria todos os jogos normais, sem se sentir mal. Uma mulher que não protegesse seus interesses desse jeito não era respeitada. A jogada estava clara.

Mas a retórica da revolução sexual, se não trouxe melhorias para as mulheres, provou ter grande valor para os homens. Convencendo as mulheres de que os estratagemas e as exigências femininas habituais eram desprezíveis, desonestas, pudicas, antiquadas, e autodestrutivas, foi criado um novo estoque de mulheres disponíveis, para expandir o escasso suprimento de mercadorias para a exploração sexual tradicional, destituindo as mulheres até da pequena proteção que tão penosamente elas tinham conquistado. As mulheres, hoje, não se arriscam a fazer as velhas exigências, por medo de ter um novo vocabulário, criado especialmente para esse propósito, gritado para elas: “fodida”, “castradora”, “provocante”, “uma verdadeira droga”, “um baixo-astral” — o ideal é ser uma “gatinha pra frente”.

Mesmo hoje, muitas mulheres sabem o que está se passando, e evitam a armadilha, preferindo ser xingadas a serem desenganadas, em função do pouco que elas podem esperar dos homens (pois ainda é verdade que mesmo os mais avançados desejam uma “senhora” relativamente não muito usada). Mas, cada vez mais as mulheres são tragadas pela armadilha, apenas para descobrir, tarde demais, que as tradicionais estratégias femininas tinham um objetivo. Elas se chocam por se surpreenderem, aos trinta anos, queixando-se num vocabulário perigosamente próximo das antigas variedades do eu-fui-usada, os homens-são-gaviões, eles-são-todos-falsos. Eventualmente, são forçadas a reconhecer a verdade dos velhos ditos populares: uma mulher bonita e generosa é (na melhor das hipóteses) respeitada, mas raramente amada. Eis uma descrição, válida ainda hoje, da mulher “emancipada” — no caso, uma artista de seus trinta anos, do Greenwich Village — tirada de *Mosquitos*, um dos primeiros romances de Faulkner:

“Ela sempre teve aborrecimentos com seus homens... Mais cedo ou mais tarde, eles acabavam abandonando-a... Os homens nos quais ela reconhecera potencialidades passavam todos por um violento, porém temporário, período de interesse, que cessou tão abruptamente quando começou, sem deixar sequer fios de ligação com os momentos vividos a dois, como esses curtos temporais de agosto, que só ameaçam, e se dissipam, sem razão aparente, não produzindo nenhuma chuva.

“Às vezes, ela procurava, com uma imparcialidade quase masculina, uma razão para isso. Sempre tentou manter suas relações no plano que os próprios homens pareciam preferir — certamente, nenhuma mulher queria, e poucas conseguiriam, pedir menos de seus homens do que ela pediu. Nunca tomou seu tempo arbitrariamente, nunca os fez esperar, nem vê-la em casa em horas inconvenientes, nunca os fez servir de criados para ela. Ela os satisfaz e elogiou a si mesma por ser uma boa ouvinte. E, contudo, ela pensava nas mulheres que conheceu; como todas tinham, pelo menos, um homem nitidamente extasiado por elas. Pensou nas mulheres que tinha observado; como pareciam conseguir um homem, quando quisessem, e, se não conseguissem tê-lo, facilmente o substituíam por outro.”

As mulheres de idéias elevadas, que acreditavam ser possível a emancipação, mulheres que tentaram, desesperadamente, libertar-se dos “grilos” femininos, que tentaram cultivar o que acreditavam ser uma integridade, uma honestidade e uma generosidade maior dos homens, foram perversamente enganadas. Descobriram que ninguém apreciava suas conversas inteligentes, suas aspirações elevadas, seus grandes sacrifícios para evitar que desenvolvessem as personalidades de suas mães. Por mais que os homens tivessem prazer em desfrutar de sua sagacidade, de seu estilo, de seu sexo, e de suas ceias à luz de vela, sempre acabavam se casando com A Puta, e então, para arrematar isso tudo, voltavam para se queixar que tinha sido tudo. As mulheres “emancipadas” descobriram que a honestidade, a generosidade, a camaradagem dos homens era uma mentira. Os homens todos tinham muito prazer em usá-las, e depois dispensá-las, em nome da verdadeira amizade. (“Eu te respeito muito e gosto mui-

to de você, mas sejamos razoáveis...”) E, além disso, existem os homens que saem com elas para discutir Simone de Beauvoir, deixando as mulheres em casa com as fraldas.) As mulheres “emancipadas” descobriram que os homens estavam longe de ser os “caras legais” a quem elas gostariam de se equiparar. Descobriram que, imitando padrões sexuais masculinos (o olhar volúvel, a busca pelo ideal, a ênfase na atração física, etc.), não só não estavam conseguindo a liberação, mas estavam caindo em algo muito pior do que aquilo a que tinham renunciado. Estavam *imitando*. E tinham inoculado em si próprias uma doença que não havia sequer brotado de sua própria psique. Descobriram que seu novo “barato” era superficial e inexpressivo, que suas emoções estavam secando por trás disso, que envelheciam e se tornavam decadentes. Tinham medo de estar perdendo a capacidade de amar. Não tinham ganho nada imitando os homens, apenas superficialidade e imaturidade, e, ainda por cima, não eram tão hábeis quanto eles, porque alguma coisa dentro disso tudo era contra a sua natureza.

Desse modo, as mulheres que decidiram não se casar, porque eram suficientemente espertas para olhar à volta e ver aonde o casamento levava, descobriram que era uma questão de se casar ou de nada. Os homens só se comprometiam por um preço: elas participarem (arcarem) da vida deles, dependerem do pedestal dele, tornarem-se um acessório, senão... Senão, ficarem consignadas a este limbo de “gatinhas” que não significam nada, ou pelo menos nada do que a mãe pretendia. Serem a “outra mulher” até o resto da vida, usada para provocar a esposa dele, para provar sua virilidade e/ou sua independência, saboreada pelos amigos como sua última conquista “interessante”. (Pois, mesmo que ela tenha renunciado a esses termos, e ao que eles representam, nenhum homem renunciou a eles.) Sim, o amor significa para os homens uma coisa inteiramente diferente do que para as mulheres. Significa posse e controle; significa ciúme, apesar dele nunca o ter demonstrado antes, mesmo que ela possa ter desejado (não importa se ela era “dura”, ou se tinha sido violentada antes de pertencer oficialmente a ele; a

partir de então é que ele se torna um vulcão, um verdadeiro furacão, porque sua propriedade, a extensão de seu ego, foi ameaçada). Isso significa uma crescente perda de interesse, unida a um olhar volúvel. Quem precisa disso?

Infelizmente, as mulheres precisam. Eis, mais uma vez, as pacientes de Reik:

“Ela, algumas vezes, se sente desiludida por não ser mais perseguida pelos homens. Nesses momentos de não-perseguição ela fica muito deprimida.”

E:

“Todos os homens são egoístas, brutais e desatenciosos — mas eu gostaria de encontrar um.”

Vimos que uma mulher precisa de amor, em primeiro lugar, por sua função naturalmente enriquecedora, e, em segundo lugar, por motivos sociais e econômicos que nada têm a ver com o amor. Negar sua necessidade, é colocá-la num lugar social e economicamente extravulnéravel, bem como destruir seu equilíbrio emocional, que, diferente da maioria dos homens, é basicamente saudável. Os homens merecem isso? Decididamente não. A maioria das mulheres sente que fazer tais acrobacias por um homem seria unir a ofensa à humilhação. Eles continuam como antes, tirando o melhor partido de uma situação ruim. Se isto se torna demasiado ruim, elas optam por um afastamento (dos homens em geral):

“Uma vez perguntou-se a uma jovem paciente, durante uma consulta psicanalítica, se ela preferia um homem ou uma mulher psicanalista. Sem a menor hesitação ela disse: ‘Uma mulher, porque eu me sinto muito ansiosa pela aprovação de um homem.’”

VII. A CULTURA DO ROMANCE

Até agora não distinguimos “romance” de amor. Porque não existem dois tipos de amor, um sadio (maçante) e outro não (doloroso), e sim alguma coisa que não chega a ser amor, ou uma angústia diária. Quando o amor acontece num contexto de poder, a “vida amorosa” de todos fica afetada. Porque poder e amor não casam.

Portanto, quando falamos de amor romântico, queremos dizer o amor corrompido por seu contexto de poder — o sistema de classes sexuais — numa forma de amor doentia, que, por sua vez, reforça esse sistema de classes sexuais. Vimos que a dependência psicológica das mulheres em relação aos homens é criada pela continuidade da opressão econômica e social reais. Contudo, no mundo moderno, as bases econômicas e sociais da opressão não são suficientes em si mesmas para mantê-la. Desse modo, apela-se para o aparato do romantismo. (Parece que temos que dar uma mãozinha a ela, rapazes!)

→ O romantismo se desenvolve em proporção à libertação das mulheres de sua biologia. A medida que a civilização progride e as bases das classes sexuais desmoronam, a supremacia masculina precisa se escorar em instituições artificiais, ou em exagerações de instituições

anteriores, p.ex., enquanto a família anteriormente tinha uma forma frouxa e permeável, hoje ela se aperta e rigidifica na família nuclear patriarcal. Ou, enquanto que as mulheres outrora eram abertamente desrespeitadas, hoje elas são elevadas a estados de falsa adoração.¹ O romantismo é um instrumento cultural do poder masculino, para impedir as mulheres de conhecer sua condição. Ele é especialmente necessitado — e portanto mais forte — nos países ocidentais com maior taxa de industrialização. Hoje, com a tecnologia capacitando as mulheres a afrouxarem seus papéis de uma vez por todas — o que foi quase um malogro no início do século XX — o romantismo nunca esteve tão bem.

De que modo o romantismo funciona como um instrumento para reforçar as classes sexuais? Examinemos seus componentes, aperfeiçoados durante séculos, e os métodos modernos de sua difusão — técnicas culturais tão sofisticadas e penetrantes que até os homens são prejudicados por elas.

1) Erotismo. O principal componente do romantismo é o erotismo. Todas as necessidades animais (o afeto de um filhote que nunca sentiu calor) de amor e calor são canalizadas para a a sexualidade genital. Nunca se deve tocar pessoas do mesmo sexo, e, só se pode tocar pessoas do sexo oposto, quando nos preparamos para um encontro (“um passe”) sexual genital. O isolamento torna as pessoas ansiosas por afeição física; e, se a única forma como podem obter é a sexualidade genital, cedo isto será tudo por que elas ansiarão. Nesse estado de hipersensibilidade, o menor estímulo sensual produz um efeito exagerado, suficiente para inspirar tudo, desde as escolhas de quadros célebres até o *rock and roll*. Assim, o erotismo é a concentração da sexualidade — geralmente em objetos altamente carregados (renda “Chantilly”) — significando o deslocamento de outras necessidades afetivas/sociais para o sexo. Ser carente torna você chato; desejar um

1. A galanteria é comumente definida como a “atenção excessiva dirigida às mulheres, sem finalidades sérias”, mas o objetivo dela é bem sério: através de um falso lisonjeio, impedir as mulheres de tomarem consciência de sua condição de classe inferior.

beijo é embaraçante, a não ser que seja um beijo erótico. Só o “sexo” é O.K.; na verdade, ele prova nossa fibra. A virilidade e a atuação sexual se confundem com o valor social.²

A constante estimulação erótica da sexualidade masculina, junto com a proibição de sua expansão pelos canais mais normais são planejados para incentivar o homem a olhar para as mulheres apenas como coisas cuja resistência à penetração deve ser vencida. Observe-se que erotismo opera numa única direção. As mulheres são os únicos objetos “de amor” em nossa sociedade, a tal ponto que vêm *a si mesmas* como eróticas.³ Isto funciona para preservar ao homem o prazer sexual direto, reforçando a dependência feminina. As mulheres só podem ser satisfeitas sexualmente pela identificação vicária com o homem que gosta delas. Portanto, o erotismo preserva o sistema de classes sexuais.

A única exceção a essa concentração de todas as necessidades emocionais em relações eróticas são as afeições (ocasionais) dentro da família. Mas aqui, também, a menos que sejam seus filhos, um homem expressa pelas crianças tão pouco afeto quanto pelas mulheres. Assim, sua afeição pelos pequenos é também uma armadilha para prendê-lo à estrutura matrimonial, reforçando o sistema patriarcal.

2. Mas, como toda mulher já constatou, um homem que parece estas forçando ter sexo geralmente fica bastante aliviado ao se eximir do desempenho literal: seu ego criou-se dependente desse contínuo submeter-se à prova, através das conquistas sexuais; mas tudo o que ele deve ter realmente desejado era o pretexto para entregar-se às afeições sem a perda do amor-próprio viril. O fato de os homens refrearem mais a manifestação de suas emoções do que as mulheres ocorre porque, como uma consequência a mais do Complexo de Édipo, expressar ternura para uma mulher significa reconhecer sua igualdade. A não ser que, é claro, ele modere essa ternura — que ele a engula — com alguma demonstração de domínio.

3. Os homossexuais são assim tão ridicularizados porque ao verem os homens como objetos sexuais, eles vão duas vezes contra a corrente atual: nem as mulheres lêem revistas *Pretty Boy*.*

* Gênero de *Play Boy* para homossexuais. (N.T.)

2) A Privatização Sexual das Mulheres. O erotismo é apenas a camada mais elevada do romantismo, que reforça a inferioridade feminina. Assim como acontece em qualquer classe baixa, a consciência de grupo deve ser amortecida para impedir seus membros de se revoltar. Nesse caso, por ser sexual a característica distintiva da exploração das mulheres como classe, deve-se descobrir um meio especial de torná-las inconscientes de que todas são consideradas sexualmente iguais ("bocetões"). Quando um homem se casa, talvez ele escolha com cuidado dentre esse grupo indistinto, já que, como vimos, ele conserva um lugar especial na sua mente para "A Única", graças à união íntima dela com ele. Mas, em geral, ele não consegue ver diferenças entre as gatinhas (louras, morenas, ruivas).⁴ E ele gosta que seja assim. ("Um balanço no seu andar. um risinho no seu falar, É DISSO QUE EU GOSTO!") Quando um homem acredita que todas as mulheres são iguais, mas quer impedi-las de pensar isso, o que ele faz? Conserva suas convicções próprias e finge, para apaziguar as suspeitas da mulher, que o que ela tem em comum com as outras é exatamente o que a faz diferente. Assim, a sexualidade dela finalmente se torna sinônimo da sua individualidade. A privatização sexual da mulher é o processo pelo qual as mulheres ficam cegas para sua generalidade como uma classe que as torna invisíveis como indivíduos aos olhos masculinos. Não é estranho que, como parte das suas funções na Casa Branca, a Primeira Dama tenha que ficar ao lado do Presidente em sua comitiva, como discreto escravo negro?

O processo é insidioso. Quando um homem diz: "Eu adoro louras!", todas as secretárias nas redondezas se apuram nas cadeiras; elas o tomam pessoalmente, porque foram privatizadas sexualmente. A loura que cada uma traz em si se sente pessoalmente lisonjeada, porque aprendemos a medir nosso valor pelos atributos físicos

4. Quanto aos seus outros esportes", diz um anúncio publicitário recente sobre o herói do futebol Joe Namath, "ele prefere as louras.

que nos diferenciam das outras mulheres. Não se lembra mais que qualquer atributo físico que se possa mencionar é compartilhado por muitas outras, que esses são atributos acidentais, que não são uma criação sua, que sua sexualidade é compartilhada pela metade da humanidade. Entretanto, num reconhecimento autêntico de sua individualidade, sua lourice será amada, mas de um modo diferente a mulher será amada primeiro como uma totalidade insubstituível, e então sua lourice será amada como uma das características dessa totalidade.

O aparato da privatização sexual é tão sofisticado que pode ser que sejam precisos muitos anos para detectá-lo. Isto esclarece vários traços enigmáticos da psicologia feminina, que assumem as seguintes formas:

Mulheres que são lisonjeadas por seu sexo, i.e., "Tirem o chapéu para a mocinha!"

Mulheres que são chamadas de querida, doçura, candura, gatinha, anjo, rainha, princesa, boneca, mulher, quando estão vestidas de um modo habitual e impessoal.

Mulheres que são secretamente lisonjeadas por terem sido beliscadas na bunda em Roma (Elas fariam melhor em contar o número de vezes que as bundas de outras mulheres foram beliscadas.)

O prazer da provocação (manter os homens num estado de tesão constante é tido como um símbolo de valor e atratividade pessoal).

O fenômeno "varal". (Mulheres, cujos canais de escape legítimos de expressão de sua individualidade são negados, "expressam-se" fisicamente, como no "Eu quero ver alguma coisa diferente".)

Essas são apenas algumas das reações ao processo de privatização sexual, a confusão da sexualidade com a individualidade. O processo é tão eficaz que a maioria das mulheres acabou por acreditar seriamente que o mundo necessita de suas contribuições sexuais específicas para ir adiante. ("Ela acha que sua xota é feita de ouro.") Mas as canções de amor ainda continuariam a ser escritas sem elas.

As mulheres podem ser iludidas, mas os homens são totalmente conscientes disso como uma técnica de mani-

pulação válida. É por isso que tomam o maior cuidado para evitar falar sobre as mulheres na frente delas (“não na frente de uma dama”) — isto revelaria seu jogo. É traumático para uma mulher ouvir por acaso uma conversa entre homens. Assim, todo esse tempo, ela foi apreciada como “traseiro”, “carne”, “boceta” ou “material”, para servir de “um pedaço de”, “essa vaca”, ou “essa puta”, para ser enganada por dinheiro, ou sexo, ou amor! Compreender, afinal, que não é melhor do que outra mulher, mas completamente indiferenciável, sobrevém não só como um choque, mas também como uma aniquilação total. Mas talvez o momento mais freqüente em que uma mulher tem que se defrontar com sua privatização sexual é numa briga de amor, quando a verdade é revelada. Então, o homem pode tornar-se menos cuidadoso e admitir que a única coisa pela qual ele realmente sempre gostou dela foram seus peitos (“Duas balas de canhão”) ou suas pernas (“Que coxinhas!”), e ele pode encontrar isso em outro lugar, se precisar.

Assim, a privatização sexual estereotipa as mulheres. Estimula os homens a verem as mulheres como “bonecas” diferenciadas exclusivamente por atributos superficiais — não da mesma raça deles — e isto cega as mulheres para sua exploração sexual como classe, impedindo-as de se unirem contra isto, e, assim, segregando efetivamente as duas classes. Um efeito colateral é sua recíproca: enquanto que as mulheres são diferenciadas apenas por atributos físicos superficiais, os homens mostram-se mais individualizados e insubstituíveis do que realmente são.

As mulheres, pelo fato do reconhecimento social só ser conferido a uma individualidade falsa, são impedidas de desenvolverem uma individualidade forte, que lhes permitiria libertar-se desse ardid. Se a existência só é admitida em sua generalidade, por que dar-se ao trabalho de desenvolver a personalidade real? É muito menos controvertido alegrar o ambiente com um sorriso — até o dia em que a “gatinha” se transforme em “bagulho”, e descubra que seu sorriso não é mais “inimitável”. *VELHA, GORDA,*

3) Q Ideal de Beleza. Toda sociedade promoveu um certo ideal de beleza acima de todos os outros. Qual seja

este ideal não importa, porque todo ideal exclui a maioria. Os ideais, por definição, são moldados em qualidades raras. Por exemplo, na América, a moda atual de modelos franceses, ou o ideal erótico da Loura Voluptuosa, são moldados a partir de qualidades verdadeiramente raras. Poucas americanas são de origem francesa, a maioria não parece, nem nunca parecerá francesa. Morenas voluptuosas podem descorar o cabelo (como fez Marilyn Monroe, a rainha da sexualidade), mas as louras não podem aumentar suas curvas à vontade — e a maioria delas, anglosaxã, simplesmente não tem essa conformação. Se e quando, através de métodos artificiais, a maioria consegue espremer-se dentro da forma ideal, o ideal muda. Se ele fosse atingível, como poderia ser bom?

A exclusividade do ideal de beleza serve a uma função política clara. Alguém — na maioria mulheres — ficará de fora. E ficarão disputando, porque, como vimos, só foi permitido às mulheres alcançar a individualidade, através da aparência — atributos definidos como “bons”, não por amor à detentora deles, mas por causa de sua maior ou menor aproximação de um padrão externo. Essa imagem, definida pelos homens (e comumente por homens homossexuais, em geral misóginos da pior espécie), torna-se o ideal. O que acontece? As mulheres, em todo lugar, se apressam em comprimir-se no sapatinho de cristal, forçando e mutilando o corpo com dietas e programas de beleza, roupas e maquiagem, qualquer coisa para se tornarem a garota sonhada do príncipe João-ninguém. Mas elas não têm escolha. Se não conseguem amoldar-se, os castigos são enormes. Sua legitimidade social está em perigo.

Assim, as mulheres tornam-se cada vez mais parecidas. Mas, ao mesmo tempo, espera-se que elas expressem sua individualidade, através da aparência física. Assim, elas ficam oscilando, tentando, ao mesmo tempo, expressar sua semelhança e sua singularidade. As exigências da Privatização Sexual contradizem as exigências do Ideal de Beleza, provocando a intensa neurose feminina, em torno da aparência pessoal.

Mas, mesmo esse conflito tem uma função política importante. Quando as mulheres começam a ficar cada vez mais parecidas, diferentes apenas pelo grau em que elas se distinguem de um papel ideal, elas podem ser mais facilmente estereotipadas como classe. Elas se parecem, pensam similarmente, e, pior ainda, são tão burras, que acreditam não serem parecidas.

* * *

Estes são alguns dos principais componentes do aparato cultural do romantismo, que, com o enfraquecimento das limitações “naturais” das mulheres, faz a opressão sexual continuar intensa. Os usos políticos do romantismo, durante séculos, tornaram-se cada vez mais complexos. Funcionando sutil ou espalhafatosamente, em todos os níveis culturais, o romantismo está hoje — nessa época de maior ameaça ao papel de poder masculino — ampliado por novas técnicas de comunicação, tão penetrantes que os homens acabam presos na própria rede. Como essa ampliação atua?

Com a retratação cultural dos menores detalhes da existência (p.ex., desodorização debaixo dos braços), a distância entre a experiência e as percepções que cada um tem disso fica aumentada por uma ampla rede interpretativa. Se nossa experiência direta contradiz a interpretação dela dada por essa rede cultural, a experiência deve ser negada. Este processo, naturalmente, não se aplica só às mulheres. A penetração da imagem alterou tão profundamente nossas relações conosco mesmos, que até os homens se tornam objetos — quando mais não seja, objetos *eróticos*. As imagens se tornam extensões do indivíduo; torna-se difícil distinguir a pessoa real de sua última imagem, ainda que, na verdade, o Substrato Real da Pessoa não tenha evaporado completamente. Arnie, o garoto que sentava atrás de você na sexta série, fuchicando o nariz e contando piadas, aquele que tinha um calombo no ombro esquerdo, está perdido sob as camadas sucessivas de imagens adotadas: o Palhaço do Ginásio, o Rebelde da Universidade, James Bond, o Namorado de

Verão de Salem, e assim por diante, cada imagem atingindo novos graus de sofisticação, até que a própria pessoa não saiba mais quem ela é. Além do mais, ele lida com os outros, através dessa imagem-extensão (o Rapaz-Símbolo encontra a Namorada-Símbolo e consome um Romance-Símbolo). Mesmo que uma mulher conseguisse chegar ao que está por baixo dessa intrincada imagem de fachada — e isso levaria meses, até anos de um relacionamento doloroso, quase terapêutico — ela não encontraria gratidão por ter (dolorosamente) amado o homem por aquilo que ele é, e sim repulsa e horror da parte dele, por tê-lo desmascarado. Em vez disso, o que ele quer é a Garota-Pepsi-Cola, para sorrir amavelmente para seu Zé Johnny Walker diante da lareira de um albergue.

Mas, embora essa reificação afete igualmente tanto os homens quanto as mulheres, no caso destas ela é intensamente complicada pelas formas de exploração sexual que eu descrevi. A mulher não é apenas uma imagem, ela é uma Imagem com *Sex Appeal*. A estereotipação das mulheres se amplia. Agora não há mais a desculpa da ignorância. Toda mulher é constantemente informada de como “aperfeiçoar” o que a natureza lhe deu, de onde comprar os produtos para conseguir isso, e de como contar as calorias que nunca deveria ter ingerido. A competição se torna frenética, porque todo mundo, agora, está inserido no mesmo circuito. O ideal de beleza atual torna-se difundido (“As louras são mais felizes. .”).

E o erotismo se torna erotomania. Estimulado ao limite, ele atingiu um nível epidêmico, nunca igualado na História. Em toda capa de revista, tela de cinema, canal de TV, anúncio de metrô, seios balouçantes, pernas, costas, coxas. Os homens andam nas ruas num estado de constante excitação sexual. Mesmo com a melhor das intenções, é difícil concentrar-se nalguma outra coisa. Esse bombardeamento dos sentidos, por sua vez, leva a provocação sexual ainda mais longe: os meios normais de excitação perderam todo o efeito. As roupas se tornam mais provocantes: as bainhas sobem, os sutiãs são abandonados. Os materiais transparentes tornam-se comuns.

Mas, em toda essa barragem de estímulos eróticos, os próprios homens raramente são retratados como objetos eróticos. O erotismo feminino, tanto quanto o masculino, torna-se cada vez mais dirigido para as mulheres.

Uma das contradições internas desse sistema de propaganda altamente eficaz é expor, aos homens tanto quanto às mulheres, o processo de estereotipação a que as mulheres são submetidas. Embora a intenção fosse familiarizar as mulheres com seu papel feminino, os homens que ligam a TV também acabam recebendo mensagens para controlar o peso, usar cílios postiços, e ceras de assoalho (Será que ela usa... ou não usa?). Essa contracorrente de provocações sexuais e de revelações de coisas comprometedoras é suficiente para fazer qualquer homem odiar as mulheres, se já não odeia.

Assim, a extensão do romantismo através dos *media* modernos ampliou enormemente seus efeitos. Se antes a cultura mantinha a supremacia masculina através do Erotismo, da Privatização Sexual, e do Ideal de Beleza, hoje esses processos culturais são postos em prática de um modo quase que eficaz em excesso. Os *media* são culpados de "sobrecarregar". A reabilitação do movimento feminino neste momento da História pode ser que se deva a um tiro saído pela culatra, a uma contradição interna de nosso moderno sistema cultural de doutrinação. Pois, na sua expansão da doutrinação sexual, os *media* revelaram, inconscientemente, a deterioração da "feminilidade".

Concluindo, quero acrescentar uma observação sobre dificuldades específicas em atacar o sistema de classes sexuais, através de seus meios de doutrinação cultural. Os objetos sexuais são bonitos. Um ataque a eles pode ser confundido com um ataque à própria beleza. As feministas não precisam ser tão beatas em seus esforços, a ponto de sentir que devem repudiar frontalmente a beleza do rosto da capa de *Vogue*. Porque essa não é a questão. A verdadeira questão é: o rosto é bonito num sentido humano: ele concede em mostrar o crescimento, a mudança e a deterioração, ele expressa emoções tanto negativas, quanto positivas, ele se desintegra sem os suportes artificiais — ou ele imita de maneira falsa a beleza total-

mente diferente de um objeto *inanimado*, como a madeira tentando ser metal?

Atacar o erotismo cria problemas similares. O erotismo é *excitante*. Ninguém quer se desfazer dele. A vida seria enfadonha e rotineira sem ao menos essa centelha. O caso é exatamente este. Por que todo o prazer e a excitação foram concentrados, dirigidos para uma aléia estreita, difícil-de-achar da experiência humana, e todo o resto deixou-se perder? Quando exigimos a eliminação do erotismo, não queremos dizer a eliminação do prazer e da excitação sexual, mas sua redistribuição — há bastante para que seja suficiente para todos, e ele aumenta com o uso — por toda a extensão de nossas vidas.

VIII. CULTURA (MASCULINA)

A representação do mundo, assim como o próprio mundo, é tarefa dos homens; eles o descrevem segundo seu ponto de vista particular que confundem com a verdade absoluta.”

(Simone de Beauvoir)

A relação das mulheres com a cultura tem sido indireta. Examinamos como a atual organização física dos dois sexos prescreve que a maioria das mulheres gaste sua energia emocional com os homens, ao passo que os homens devem “sublimar” sua energia no trabalho. Desse modo, o amor feminino torna-se combustível para a máquina cultural. (Sem mencionar as Grandes Idéias nascidas diretamente das discussões de *boudoir* matinais.)

Além de prover seu suporte emocional, as mulheres sustentaram uma outra relação indireta com a cultura, muito importante. A Musa era feminina. Os homens de cultura foram deformados emocionalmente pelo processo de sublimação. Converteram a vida em arte; conseqüentemente, não poderiam vivê-la. Mas as mulheres, e os homens que foram excluídos da cultura, mantiveram-se em contato direto com sua experiência — serviram de matéria-prima à arte.

O fato de as mulheres terem sido essenciais para o conteúdo da cultura é confirmado por um exemplo tirado

da história da arte. Os homens são estimulados eroticamente pelo sexo oposto; a pintura era masculina; logo, o nu tornou-se um nu *feminino*. Onde a arte do nu masculino atingiu altos níveis, seja no trabalho de um artista individual, p.ex., Miguel Ângelo, seja em todo um período artístico, como o da Grécia clássica, os homens eram homossexuais.

O tema da arte, quando ele existe, é hoje ainda mais amplamente inspirado pelas mulheres. Imaginem a eliminação dos personagens femininos nos filmes populares e nas novelas, mesmo no trabalho de diretores “intelectuais” — Antonioni, Bergman, ou Godard; não restará muito. Porque, nos últimos séculos, particularmente na cultura popular — talvez ligado à posição problemática das mulheres na sociedade — as mulheres têm sido o principal tema da arte. De fato, correndo os olhos pelos anúncios publicitários até de uma produção cultural mensal, acreditaremos que as mulheres correspondem a tudo que já se pensou sobre elas.

Mas, que dizer das mulheres que contribuíram diretamente para a cultura? Não são muitas. E, nos casos em que algumas, isoladas, participaram da cultura masculina, tiveram que fazê-lo em termos masculinos. E isso se prova. Porque tinham que competir *como homens*, num jogo masculino — embora ainda compelidas a se testarem em seus papéis femininos antigos, um papel em desacordo com as próprias ambições — não é surpreendente que elas raramente sejam tão hábeis quanto os homens no jogo da cultura.

E não se trata de uma questão de ser tão competente, trata-se, também, de uma questão de ser *autêntico*. Vimos, no contexto do amor, como as mulheres modernas imitaram a psicologia masculina, confundindo-a com a saúde, e, com isso, acabaram ainda em pior situação que os próprios homens. Elas não estavam sendo verdadeiras, nem nas suas próprias doenças. E existem ainda camadas muito mais complexas nessa questão de autenticidade. As mulheres não têm meios de chegar a um conhecimento do que *é* sua experiência, ou mesmo de que ela é diferente da experiência masculina. A cultura, o instrumento

da representação e da objetivação de nossa experiência para que possamos lidar com ela, está tão saturada de preconceitos masculinos, que as mulheres quase nunca têm uma chance de ver-se culturalmente, através dos próprios olhos. De modo que, finalmente, os sinais de sua experiência direta, que entram em conflito com a cultura (masculina) predominante, são negados e reprimidos.

Assim, por serem as máximas culturais ditadas pelos homens, mostrando somente o ponto de vista masculino — e agora tendo-se criado uma superbarreira — as mulheres são impedidas de realizar uma imagem autêntica de sua realidade. Por que, por exemplo, as mulheres se excitam com uma pornografia de corpos femininos? Na sua experiência normal de nudez feminina, digamos num vestiário de ginásio, a visão de outras mulheres nuas poderia ser interessante (embora, provavelmente, só na medida em que elas se avaliem segundo os padrões masculinos), mas não diretamente erótica. A distorção cultural da sexualidade explica também como a sexualidade feminina se entrelaça com o narcisismo. Quando se relacionam com os homens, em vez de fazer amor diretamente com eles, as mulheres fazem vicariamente amor consigo mesmas. Às vezes, essa barreira cultural entre o homem/sujeito e a mulher/objeto dissensibiliza as mulheres para as formas masculinas, afetando-as num tal grau, que elas não chegam a sentir orgasmo.¹

Há outros exemplos de distorções na visão feminina de uma cultura exclusivamente masculina. Voltemos, mais uma vez, à história da pintura figurativa. Vimos como, na tradição do nu, as inclinações heterossexuais masculinas deram ênfase à mulher, em vez do homem, como sendo a forma mais estética e mais bela. Essa predileção de

1. A incapacidade feminina de enfocar a fantasia sexual mostrou ser a principal causa da frigidez feminina. Masters e Johnson, Albert Ellis, e outros ressaltaram a importância do “enfoque sexual” ao ensinar as mulheres frígidas a sentirem orgasmo. Hilda O'Hare, no *Jornal Internacional de Sexologia*, observa que esse problema pode manifestar-se em grande escala porque não há um correlativo feminino em nossa sociedade para os inumeráveis estimulantes da necessidade sexual masculina.

uma das duas formas sobre a outra, é baseada, é claro, numa sexualidade que em si mesma é artificial, criada culturalmente. Mas, ao menos poderíamos esperar que o preconceito oposto prevalecesse na visão das mulheres pintoras, ainda envolvidas com a tradição do nu. Este não é o caso. Em qualquer escola de arte no país vemos salas de aula cheias de moças trabalhando diligentemente com modelos femininos, aceitando que o modelo masculino é, de algum modo, menos estético, na melhor das hipóteses, talvez original, e, certamente, nunca questionando porque o modelo masculino veste uma sunga, enquanto que o modelo feminino não sonharia em aparecer nem de tanga.

Novamente, olhando para os trabalhos das pintoras célebres ligadas à escola impressionista do século XIX, Berthe Morisot e Mary Casatt, espantamo-nos com sua preocupação obsessiva com assuntos tradicionalmente femininos: mulheres, crianças, nus femininos, interiores, etc. Isso é parcialmente explicado por condições políticas da época. As mulheres pintoras já eram felizes de lhes ser consentido pintar qualquer coisa, que dirá modelos masculinos. E, no entanto, é mais do que isso. Essas mulheres, com toda sua arte majestosa e sua habilidade composicional, permaneceram pintoras menores, porque tinham “abandonado” uma série de tradições e uma visão de mundo inautêntica para elas. Trabalharam dentro dos limites do que tinha sido definido como feminino pela tradição masculina. Viram as mulheres, através de olhos masculinos, pintaram uma idéia masculina da mulher. E levaram isso a um extremo, porque estavam querendo superar os homens em seu próprio jogo. Deixaram-se seduzir pela linha (da graciosidade). E daí a falsidade que corrompe seus trabalhos, tornando-os “femininos”, i.e., sentimentais, delicados.

Seria necessário uma recusa de toda a tradição cultural para que as mulheres chegassem a produzir uma arte “feminina” verdadeira. Pois a mulher que participa na cultura (masculina) deve produzir e ser classificada segundo padrões de uma tradição de cuja feitura ela não participou — e, certamente, não há lugar nessa tradição

para uma visão feminina, mesmo que ela *possa* descobrir o que ela foi. Nesses casos em que uma mulher, cansada de perder no jogo masculino, tentou participar na cultura de um modo feminino, ela foi rebaixada e incompreendida, e chamada pelo *establishment* cultural (masculino) de “Senhora Artista”, i.e., de insignificante, inferior. E, mesmo onde se admite (com relutância) que ela é “hábil”, é elegante insinuar que é hábil, porém irrelevante — um modo vulgar de indicar a “seriedade” e o refinamento de gosto de alguém.

Talvez seja verdade que uma apresentação só do lado feminino das coisas — que tende constituir um longo protesto e reclamação, em vez do retrato de uma existência ampla e substancial — seja limitada. Mas uma questão igualmente pertinente, em geral muito menos vezes levantada; é: será esta visão mais limitada do que a visão masculina predominante sobre as coisas, que — quando não é tomada pela verdade absoluta — ao menos é vista como “séria”, pertinente e importante? Mary McCarthy, em seu livro *O Grupo*, seria, de fato, uma escritora pior do que Norman Mailer em *O Sonho Americano*? Ou estaria ela talvez descrevendo uma realidade com a qual os homens, os controladores e os críticos do *Establishment* Cultural, não conseguem sintonizar?

Que os homens e as mulheres estão sintonizados com diferentes canais culturais, que de fato existe uma realidade totalmente diferente para os homens e para as mulheres — é evidente até em nossa forma cultural mais rude: as revistas de histórias em quadrinhos. De experiência pessoal: quando era pequena, meu irmão tinha uma coleção, literalmente falando, do tamanho de um quarto, de revistas de histórias em quadrinhos. Mas, embora eu fosse uma leitora voraz, essa vasta biblioteca de revistas de quadrinhos não me interessava de modo algum. Meu gosto literário era inteiramente diferente do dele. Ele preferia histórias “pesadas”, como os quadrinhos de guerra (Tra-ta-ta-tá) e o Super-Homem; e, para aliviar, histórias como “O Coelho Pernalonga”, “Tweetie and Sylvestes”, “Tom e Jerry”, e todos os leitões gagos que insistem em se manifestar numa mensagem mais do que

óbvia. Embora esses “cômicos” irritassem minha sensibilidade mais estética, eu os leria, na falta de outra alternativa. Mas, se eu tivesse tido uma mesada tão grande e uma supervisão tão pequena dos pais, teria me saciado com uma coleção de quadrinhos de amor “pesada”. (Lágrimas. Oh, Tod, não fale a Sue sobre nós, ela morreria!), um ocasional *True Confessions* e, para um “leve” descanso, Archie and Veronica. Ou as variações ocasionalmente mais imaginativas dos quadrinhos dos meninos, como O Homem-de-Borracha (Super-Homem com um braço de borracha, que poderia se estender em volta dos quarteirões), ou Tio Patinhas (Eu adorava sua extravagância egoísta. Outras mulheres [desprendidas] confessaram a mesma paixão de mocidade). Mais provavelmente até, eu não teria investido em revistas de quadrinhos de modo algum. Contos de fada, muito menos realistas, eram uma “viagem” melhor.

Meu irmão achava que o gosto das meninas era “chato”, e eu achava que ele era um grande bobalhão. Quem estava certo? Os dois. Mas ele venceu (ele tinha a biblioteca).

Essa divisão continua a operar em níveis culturais mais elevados. Eu tive que me forçar para ler Mailer, Heller, Donleavy, e outros, pelas mesmas razões pelas quais não poderia suportar a biblioteca de meu irmão. Para mim, eles pareciam apenas versões complexas (respectivamente) do Super-Homem, Tra-ta-ta-tá, e das Aventuras do Pernalonga. Mas, apenas da biblioteca “masculina” continuar a me repelir, no processo de desenvolvimento do “bom-gosto” (segundo padrões masculinos), também perdi meu amor pela biblioteca “feminina”. Na verdade, desenvolvi uma aversão; e — tenho vergonha de admitir isso — preferia longe ser apanhada com Hemingway do que com Virginia Woolf na mão.

Para ilustrar essa dicotomia cultural em termos mais objetivos não precisamos atacar os mais óbvios tigres de papel (todos os sentidos implícitos), que conscientemente apresentam uma realidade “masculina” — a saber, Hemingway, Mailer, Heller, Miller, Donleavy, e o restante. A nova Escola da Virilidade na literatura do sé-

culo XX é, ela própria, uma resposta direta, na verdade uma reação cultural masculina à crescente ameaça à supremacia masculina — Virilidade, Inc., um grupo de “garotos brigões” culturalmente excluídos, esmurrando-se, para salvar sua masculinidade. E, apenas de ganharem mais crédito, esses artistas escrevem sobre a experiência masculina não mais perceptivelmente do que Doris Lessing, Sylvia Path e Anais Nin escreveram sobre a experiência feminina. De fato, eles são culpados de uma mistificação da sua experiência, que torna falsos seus escritos.

Em vez disso, examinaremos um preconceito mais traiçoeiro (porque menos óbvio) dos escritores masculinos que honestamente tentaram descrever todo o espectro da experiência masculina/feminina — Bellow, Malamud, Updike, Roth, etc. — mas que falharam porque, em geral, sem se dar conta, descreveram esse todo a partir de um ângulo (masculino) limitado.

Examinemos brevemente uma história de Herbert Gold, um escritor que não é “masculino” nem no estilo, nem na temática. Ele escreve sobre coisas que dizem respeito às mulheres, i.e., relações de preferência masculinas/femininas, casamentos, divórcios, aventuras. Nessa história, “What’s Become of Your Creature?”, ele descreve o romance entre um problemático professor de universidade, jovem, e sua aluna loura, boêmia.

A imagem que fazemos de Lenka Kuwaila, a partir da visão do personagem masculino, é apenas sensual, ainda que sensitiva nesses termos. A história começa:

“Uma mulher. Alegre, bela e sombria, ao mesmo tempo com sinais de doçura e de crueldade. Quando ele procurou por cigarros na escrivaninha dela, havia uma pilha de calcinhas de seda, enlaçadas como flores, entontecendo-o com a alegria da primavera. Quando ela vestiu uma delas, subitamente dilatando a minúscula pétala de roupa em dois botões pares, era como se o sol tivesse forçado uma flor a um delicado florescer de páscoa. Oh, ele precisava dela, amava-a, e assim, em respeito aos dois, deixem-nos contar a verdade, tão direta como a verdade surge.”

Mas, a verdade que nós obtemos “direta como a verdade surge” é apenas a sua visão da verdade.

“*Há um momento na vida de todo homem em que ele não consegue fazer nada.* Este era o momento da vida de Frank Curtiss. O desespero com a esposa tinha sucumbido a um profundo prazer com uma bela moça. Ele até sentia-se melhor em casa. As coisas esfriavam e se acalmavam. Seu trabalho ia melhor. Mal precisava dormir, e não sofria de sua febre normal, que sentia na primavera em que conhecera Lenka. Sem resfriados, sem olhos vermelhos. Respiração expandida, visão aguçada. Curou-se da habitual dor de cabeça, causada pelo cansaço, com o toque da mão dela, com sua acolhida quando ele chegava sorrindo, mostrando-lhe os dentes, através da janela.”

Mas a verdade dela deve ter sido completamente diferente, uma verdade da qual não há traços na história, até o dia em que (inesperadamente) Lenka escreve uma longa carta para a mulher dele. O casamento fracassado, que se tinha tornado mais estável desde que Frank iniciara sua aventura com Lenka, é destruído para sempre:

“Lenka deixou Nova Iorque sem vê-lo, depois que recebeu seu telefonema angustiado: ‘Por quê? Por quê? Por que você teve que fazer isso assim, Lenka? Você não consegue perceber como isso destrói tudo entre nós, até o passado?’

‘Eu não me interesso por recordações. O que acabou não significa nada. Acabou. Você não queria senão rastejar na minha janela umas duas vezes na semana...’

‘Mas, escrever para ela daquele jeito — o que significava — como...’

‘Você se interessou muito mais por uma puta sem graça do que por mim. Só porque você tinha um filho.’

‘Por quê? Por quê?’

Ela bateu o telefone.

Ele deu de ombros. As mulheres estavam cortando suas ligações em todo lugar do mundo. Estava confuso.”

Sentindo-se traído e enganado, Frank desnorreadamente trata as feridas. Durante todo o resto da história, sentimos-lhe a perplexidade. Não compreende o que a le-

vou a fazer aquilo, não “compreende as mulheres”. Afinal, termina admitindo nela “grandes traços de crueldade” assim como de douçura.

Mas a “crueldade” de Lenka é o resultado direto da incapacidade dele de vê-la como algo além de “uma pequena” (alegre, bonita, *ou* sombria), e em vez disso vê-la talvez como um ser humano complexo, com interesses pessoais diferentes dos seus. Contudo, devido à autenticidade da narrativa dos incidentes e dos diálogos de Gold, um leitor sensível (provavelmente mulher) conseguirá ler nas entrelinhas: Lenka foi a única traída. Eis Frank, poucos dias depois, em Manhattan:

“Ele procurou uma pequena que comesse com ele uma maçã. Morderam e sugaram seu doce suco ao amanhecer, e finalmente beijaram-se como bons amigos, voltando-se de lado para dormir... Ele se sentia livre... Jogou fora o vidro de aspirinas. A visão que tinha de si mesmo como um homem casado, pesado, áspero, um búfalo cansado, deprimido, amoraçado, deu lugar a uma outra imagem — ele era magro, seu estado era bom, ele era um ágil *bon-vivant*. Quando sua primeira esposa casou-se de novo, seu último vestígio de culpa desapareceu. Livre, livre. Jogava tênis duas vezes por semana com uma francesa que pronunciava ‘Te-nís.’”

Agora um solteirão alegre, Frank um dia, impulsivamente, telefona para Lenka:

“Mas, depois de ter-lhe dito quanto tempo tinha estado em Nova Iorque, ela disse que não estava interessada em vê-lo.”

‘Eu guardei um rancor, você pode entender isso’, disse ele. ‘Eu ainda acho que você estava errada, mas lhe sou grato de alguma forma. Acabou sendo melhor.’

‘E acabou’, disse ela.”

Mais tarde, encontrou-se com ela, vendo-a acabada por drogas, prostituindo-se com um músico negro:

“Ela deve ter inventado uma mentira absurda (para convidá-lo a subir em seu quarto), mas reconheceu um brilho

de contentamento na face dele, e em seus vinte e cinco anos de hoje ela só tinha aprendido um meio de responder ao julgamento dos homens. Inclinou-se para ele, no seu rosto uma mistura de timidez e pavor, um meio-sorriso de flerte, um movimento felino, estudado e insinuante, na direção dele, seus olhos cheios de lágrimas quando os fechou, as lágrimas balançando em suas pestanas umedecidas, escorrendo pelas bochechas. 'Frank', disse ela hesitando. 'Eu me esqueci por um longo tempo, eu não sei, as coisas ficaram difíceis, eu pensei que você estivesse muito irritado... Mas eu tenho me lembrado... É porque... Perdoe...'

"Ele envolveu-a nos braços, apertou-a, porém mais confuso do que amoroso ou terno..."

"Então pensou nas cartas sobre as quais ela tinha acabado de mentir, e, subitamente, quando ela voltava a cabeça, querendo ser beijada, sua fantasia mais intensa era esta: *Ela era suja*. Seu medo irrefreável, deixava-o confuso — ilusão, doença, compaixão secreta, lama e desforra. Sem saber o que ele próprio temia, pensou apenas: sujeira, sujeira feia, sujeira grossa, mordidas, feridas. Por não poder suportar as lamentações dela, pensou: *ilusão, astúcia, e doença!*"

"Afastou-se, antes que os lábios dela o tocassem; as unhas dela arranharam seus braços, rasgando-lhe a pele. Fugiu, ouvindo os soluços dela à porta aberta, enquanto tropeçava pelos degraus contaminados da escada, descendo até encontrar o ar livre da rua."

Final: Frank acaricia a esposa recentemente grávida, indagando-se o-que-teria-acontecido-a-Lenka.

Essa não é uma história masculina no tema, nem no "estilo" — há suficiente descrição de emoções para envergonhar qualquer escritor masculino. Mas ainda é uma história "masculina", em virtude de sua peculiar limitação de visão: ela não compreende as mulheres. A sensualidade e a beleza de Lenka são determinadas pelo quanto Frank é capaz de compreendê-las. Os motivos pelos quais ela escreveu para a esposa dele, sua recusa em vê-lo, sua tentativa de sedução, descritas com tanto ódio culpado — Frank não consegue lidar com eles, exatamente como acontece na vida real com os homens ("Por não poder suportar as lamentações dela, pensou: Ilusão,

astúcia, e doença!"). Conhecer uma mulher além do nível de sua beleza era demais para ele. As mulheres são julgadas só nos termos dele, ou em termos do que elas podem lhe trazer, seja beleza e alegria, seja sofrimento e tristeza. Quaisquer que sejam esses termos, ele não os questiona; não compreendendo que seu próprio comportamento foi ou poderia ser uma influência determinante.

Podemos imaginar uma história completamente diferente sobre esse caso de amor, usando até as mesmas referências e os mesmos diálogos, só que dessa vez escrita por Lenka. Seu comportamento então não pareceria mais irracional, mas inteiramente compreensível; o personagem masculino, ao contrário, se mostraria superficial. Talvez, de fato, pudéssemos terminar com algo além de um preconceito sexual oposto. Poderíamos perceber uns três quartos do quadro (i.e., Frank é superficial porque é incapaz de assumir suas emoções), visto que as mulheres, em geral, em função de uma opressão prolongada, aprenderam a ser mais avançadas em psicologia masculina do que vice-versa. Mas isto raramente ocorreu em literatura, porque a maioria das Lenkas foi destruída pelo uso e abuso delas em não escrever as próprias histórias coerentemente.

Assim, a diferença entre a aproximação "masculina" e a aproximação "feminina" da arte não é, como alguns pensam, simplesmente uma diferença de "estilo" no tratamento de um mesmo tema (pessoal, emocional, descritivo *versus* vigoroso, econômico, enérgico, frio, objetivo), mas uma diferença no próprio tema. O sistema de papéis sexuais divide a experiência humana. Os homens e as mulheres vivem nessas diferentes metades da realidade. E a cultura reflete isso.

Somente alguns artistas superaram essa divisão em seu trabalho. E nos perguntamos se os homossexuais estão certos em suas reivindicações. Mas, se não o fizeram através da expressão física, então de algum outro modo os maiores artistas se tornaram mentalmente andróginos. No século XX, por exemplo, escritores da envergadura de Proust, Joyce, Kafka fizeram-no seja identificando-se fisicamente com a mulher (Proust), seja imaginariamente,

atravessando à vontade os limites entre esses mundos (Joyce), ou retirando-se num mundo imaginário raramente afetado pela dicotomia (Kafka). Mas, não só a maior parte dos artistas não superou a divisão, como sequer estava ciente da existência de uma limitação cultural baseada no sexo. É assim que a realidade masculina é aceita, tanto pelos homens quanto pelas mulheres como sendo a Realidade.

E, que dizer das mulheres artistas? Vimos que só nos últimos séculos foi concedido às mulheres participar — e apenas em bases individuais e em termos masculinos — da construção da cultura. E, mesmo assim, sua visão tornou-se inautêntica. Foi-lhes negado o uso do espelho cultural.

Existem várias razões *negativas*, pelas quais as mulheres ingressaram na arte. A riqueza sempre originou o diletantismo feminino, p.ex., a “jovem dama” vitoriana com seu talento, ou a arte das gueixas japonesas. Pois, além de servir de símbolo ao luxo masculino, a crescente ociosidade das mulheres, sob um industrialismo avançado, apresenta um problema prático: a insatisfação feminina tem que ser diminuída, para impedir as mulheres de explodir. Mas também pode ser que as mulheres estejam ingressando na arte como um refúgio. As mulheres, ainda hoje, são excluídas dos centros vitais de poder da atividade humana; e a arte é uma das últimas ocupações autodeterminadas restantes — geralmente feita na solidão. Mas, nesse sentido, são como uma Pequena Burguesa tentando abrir uma fábrica na era das Corporações Capitalistas.

Pois, ultimamente, a maior percentagem de mulheres na arte pode nos dizer mais sobre a situação da arte do que sobre a situação das mulheres. Devemos nos sentir animados pelo fato de as mulheres assumirem uma condição que breve será dispensada? (Do mesmo modo como noventa e cinco por cento de negros nos Correios não é sinal de integração; ao contrário, os indesejados estão sendo empurrados para as posições menos desejáveis: Agora, entre e bico calado!) Que a arte não é mais um centro vital que atrai os melhores homens de nossa geração pode também ser um produto da divisão masculino/feminino,

como tentarei mostrar no capítulo seguinte. Mas o entusiasmo das mulheres e dos homossexuais com as artes pode significar, hoje, a corrida dos urubus para um corpo agonizante.²

Contudo, se ainda não produziu grandes mulheres artistas, a literatura feminina criou certamente uma audiência feminina. Do mesmo modo como as audiências masculinas sempre exigiram, e receberam, uma arte masculina que reforçasse sua visão particular da realidade, assim também a audiência feminina requer uma arte “feminina”, para reforçar a realidade feminina. Daí o nascimento da grosseira novela feminina no século XX, que levou à *love story* de nossos dias, tão presente na cultura popular (o “dramalhão”); o comércio das revistas femininas; *Vale das Bonecas*. Estes podem ser começos grosseiros. Mas, de vez em quando, a realidade feminina é documentada tão claramente quanto o foi a realidade masculina, como, por exemplo, na obra de Anne Sexton.

Finalmente, devido a toda essa efervescência, talvez muito breve possamos assistir à emergência de uma arte feminina autêntica. Mas, o desenvolvimento de uma arte “feminina” não deve ser visto como reacionário, como o é seu correlativo, a Escola da Virilidade masculina. Ao contrário, ele é progressista. Uma exploração da realidade estritamente feminina é um passo necessário para corrigir a aberração de uma cultura sexualmente preconceituosa. Só depois de termos integrado a face escura da Lua em nossa visão de mundo é que poderemos falar seriamente de uma cultura universal.

* * *

Assim, toda a cultura foi corrompida, em diferentes graus, pela polarização sexual. Sintetizaremos as várias formas que essa corrupção assume, da seguinte maneira:

2. Contudo, a presença das mulheres nas artes e humanidades é ainda viciosamente sustentada pelos poucos homens restantes, em proporção à insegurança de sua própria posição — particularmente precária nas escolas tradicionais, humanistas, como a pintura figurativa.

1) *Arte de Protesto Masculino* — A arte que conscientemente glorifica a realidade masculina (contrariamente a se supor que ela constitua a própria realidade) é apenas uma manifestação recente. Vejo-a como uma resposta direta à ameaça à supremacia masculina, contida no primeiro enfraquecimento dos rígidos papéis sexuais. Essa arte é reacionária por definição. Recomendo um exame maior de sua personalidade aos homens que acreditam que essa arte expressa melhor o que eles vivem e sentem.

2) *O Ângulo Masculino* — Essa arte não consegue atingir uma visão de mundo ampla, porque não reconhece que a realidade masculina não é a Realidade, mas apenas uma metade da realidade. Assim, sua retratação do sexo oposto e de seu comportamento (metade da humanidade) é falsa: o próprio artista não compreende os motivos femininos. Algumas vezes, como na história de Herbert Gold, citada por nós, os personagens femininos podem ainda se sair bem, se o autor tiver sido honesto, ao menos no *como* — se não o foi no *porque* — de seu comportamento.

Um exemplo mais conhecido: o personagem Catarina, no filme *Jules e Jim*, de Truffaut, é tirado da vida real. Existem, em toda parte, muitas dessas *vamps* e *femmes fatales*, na realidade, mulheres que recusam aceitar sua impotência. Para conservar uma ilusão de igualdade, e ganhar um poder indireto sobre os homens, Catarina deve valer-se do “mistério” (Esfinge), da imprevisibilidade (atirando-se no Sena), e da astúcia (dormindo com o Homem Misterioso, para mantê-lo preso). Quando, no fim, como todas as mulheres, ela perde até seu poder ilegítimo, seu orgulho não admite a derrota. Ela mata o homem que ousou libertar-se dela, e depois se mata. Mas, mesmo aqui, numa arte traçada com esmero, surge o preconceito masculino. O diretor prossegue com a mística da Mulher Misteriosa; não investiga para descobrir o que está por trás dela. Além do mais, ele não quer saber: ele a usa como uma fonte de erotismo. A imagem que fazemos de Catarina só aparece através de um véu.

3) *A Mentalidade Andrógina (Cultivada Individualmente)* — Mesmo quando as limitações sexuais tenham

sido superadas pelo artista individualmente, sua arte revela uma realidade tornada feia por essa divisão. Um exemplo breve, de novo tirado do cinema: apesar dos diretores suecos serem notavelmente livres de preconceitos sexuais pessoais — as mulheres que eles retratam são primeiro humanas, e depois mulheres — a retratação que Liv Ullman faz da Nobre Esposa que acompanha fielmente o marido em sua crescente loucura (*A Hora do Lobo*, de Bergman) ou que o ama em sua degeneração moral (*Vergonha*, de Bergman), ou a sensibilidade confusa de Lena Nyman em *Eu Sou Estranha (Amarela)*, de Sjoman, são descrições não de uma sexualidade liberada, mas de um conflito ainda não resolvido entre as identidades sexual e humana.

4) *Arte Feminina* — É esta uma nova manifestação, que não deve ser confundida com a arte “masculina”, mesmo que, por enquanto, ela seja culpada do mesmo preconceito, ao inverso. Pois ela pode significar o início de uma nova consciência, em vez de uma ossificação do antigo. Dentro da década seguinte, poderemos assistir ao seu desenvolvimento em uma nova arte poderosa — talvez surgindo em conjunção com o movimento político feminista, ou inspirado nele — que, pela primeira vez, se relacionará com a realidade na qual as mulheres vivem.

Podemos também assistir a um Criticismo feminista, dando ênfase, para corrigi-las, às várias formas de preconceito sexual que hoje corrompem a arte. Contudo, em nossa terceira categoria, que fala de uma arte culpada de só refletir o valor humano de uma realidade sexualmente dividida, deverá ser tomado muito cuidado para que o criticismo seja orientado não para os artistas, em função de sua retratação (apurada) da realidade incompleta, mas para o absurdo dessa própria realidade, como foi revelada pela arte.

Somente uma revolução feminista pode eliminar completamente o cisma sexual, causador dessas distorções culturais. Até que a “arte pura” se torne uma ilusão — uma ilusão responsável, tanto pela arte inautêntica produzida até agora pelas mulheres quanto pela corrupção

da cultura (masculina) em geral. A incorporação da metade desprezada da experiência humana — a experiência feminina — no organismo cultural, para criar uma cultura abrangente, é apenas o primeiro passo, uma pré-condição. Mas, o próprio cisma da realidade deve ser destruído, para que possa haver uma verdadeira revolução cultural.

IX. DIALETICA SEXUAL DA HISTÓRIA DA CULTURA

Por enquanto, tratamos a “cultura” como sinônimo de “artes e letras”, ou no seu sentido mais amplo de “humanidade”. Essa é uma confusão bastante comum. Entretanto, ela é surpreendente em seu contexto. Pois descobrimos que, embora relacionadas com a arte, ainda que só indiretamente, as mulheres foram totalmente excluídas de uma metade igualmente importante da cultura: a ciência. Se, ao menos no setor das artes, conseguimos encontrar material sobre a relação das mulheres com a cultura — seja indiretamente, como influência, estímulo, ou tema, seja até ocasionalmente, como participantes diretas — suficiente para preencher ao menos um capítulo, com muita dificuldade descobrimos uma relação das mulheres com a ciência, digna de discussão. Talvez no sentido mais geral, nossa afirmação de que as mulheres são a força emocional por trás de toda a cultura (masculina) seja verdadeira — mas estendemos o problema para incluir a ciência moderna, onde o método empírico, especificamente, requer a exclusão da personalidade do cientista de sua pesquisa. A satisfação de suas necessidades emocionais através de uma mulher, nas suas horas vagas, pode torná-lo mais estável, e assim mais calmo no trabalho, mas isto é forçado.

Porém mesmo que a relação indireta das mulheres com a ciência seja discutível, é certo que não existe uma relação direta entre elas. Teríamos que sondar, para encontrar uma só mulher que tenha contribuído de um modo importante para a cultura científica. Além do mais, a situação das mulheres na ciência não está melhorando. Mesmo tendo o trabalho de pesquisa passado das inteligências mais completas do passado para pequenos grupos de pesquisa pragmática nas universidades, existe um número extraordinariamente pequeno de mulheres cientistas.¹

Essa ausência de mulheres em todos os níveis das disciplinas científicas é de tal forma um lugar-comum que muitas pessoas (também inteligentes) são levadas a atribuí-lo a alguma deficiência (lógica?) das próprias mulheres. Ou às próprias predileções das mulheres pelo emocional e o subjetivo em vez do prático e do racional. Mas a questão não pode ser tratada assim tão simplesmente. É verdade que as mulheres, na ciência, estão em território alheio — mas, como esta situação evoluiu? Por que existem disciplinas, ou ramos de pesquisa que só requerem uma mente “masculina”? Por que uma mulher, para se qualificar, precisa desenvolver uma psicologia alheia? Quando e por que a mulher foi excluída desse tipo de pensamento? Como e por que a ciência veio a ser definida e restrita ao “objetivo”?

Proponho que não só as artes e as humanidades foram corrompidas pela dualidade sexual, mas também a ciência moderna foi determinada por ela. É além disso que *a cultura reflete essa polaridade na sua própria organização.* C.P. Snow foi o primeiro a observar o que se

1. Eu fiquei engasgada com isso num recente seminário do Women's Liberation programado pelo departamento de ciências de uma universidade de alto nível do Leste. Das cinquenta mulheres presentes, apenas uma ou duas estavam envolvidas com pesquisa, sem falar na pesquisa de alto nível. As outras eram técnicas de laboratório, assistentes de titulares, professoras de ciência no ginásio, esposas de catedráticos, etc.

tornava cada vez mais óbvio: uma profunda fratura na cultura — as artes liberais e as ciências tinham-se tornado incompreensíveis umas para as outras. Além disso, embora o homem universal da Renascença seja muito lamentado, a especialização não pára de se intensificar. Esses são alguns dos modernos sintomas de uma longa doença cultural, baseada no dualismo sexual. Examinemos a história da cultura, de acordo com esta hipótese: de que existe uma dialética do sexo subjacente a ela.

1. *Os Dois Modos da História Cultural*

Para efetuar nossa análise, precisamos definir a cultura do seguinte modo: *a cultura é a tentativa dos homens de realizar o imaginável no possível.* A consciência que o homem tem de si mesmo, dentro de seu meio-ambiente, distingue-o dos animais inferiores, e transforma-o no único animal capaz de fazer cultura. Essa consciência, sua faculdade mais elevada, permite ao homem projetar mentalmente estados de ser que não existem no momento. Capaz de construir um passado e um futuro, ele se torna uma criatura do tempo — um historiador e um profeta. Mais do que isso, ele pode imaginar objetos e estados de ser que nunca existiram e podem nunca chegar a existir no mundo real — ele se torna um fazedor de arte. Assim, por exemplo, embora os gregos antigos não soubessem voar, ainda assim eles poderiam imaginá-lo. O mito de Ícaro foi a formulação, na fantasia, da concepção dos gregos do estado de “voar”.

Mas o homem não foi somente capaz de projetar o imaginável na fantasia. Também aprendeu a impô-lo à realidade. Acumulando conhecimentos, aprendendo, através da experiência, sobre essa realidade, e a como manipulá-la, ele pode moldá-la a seu gosto. Esse acúmulo de habilidades para controlar o meio-ambiente, a tecnologia, é um outro meio de atingir o mesmo objetivo, a realização do concebível no possível. Assim, em nosso exemplo, se, na era a. C. o homem podia voar no tapete má-

gico do mito ou da fantasia, no século XX sua tecnologia, o acúmulo de suas habilidades práticas, tornou possível para ele voar na realidade — ele inventou o avião. Outro exemplo: na lenda bíblica, os judeus, um povo agricultor desamparado durante quarenta anos no deserto, foram supridos de maná por Deus, uma substância milagrosa que poderia ser transformada em alimentos de qualquer cor, textura ou sabor. O processo moderno de nutrição, sobretudo com a “revolução verde”, provavelmente criará em breve uma produção de alimentos totalmente artificiais, talvez com esses atributos do camaleão. Além disso, na lenda antiga, o homem podia imaginar espécies mistas, p.ex., o centauro ou o unicórnio, ou pássaros híbridos, como um animal nascido do homem, ou uma concepção imaculada. A revolução biológica em curso, com seu crescente conhecimento do processo de reprodução, poderia agora — mesmo que somente nos estágios mais grosseiros — criar essas “monstruosidades” na realidade. Duendes e gnomos, o Golem do saber medieval judaico, o monstro de Mary Shelley em *Frankenstein* foram construções imaginárias que precederam em vários séculos o acume tecnológico correspondente. Muitas outras construções fantásticas — os fantasmas, a telepatia, a idade de Matusalém — aguardam a sua realização pela ciência moderna.

Essas duas respostas diferentes, a idealista e a científica, não coexistem apenas paralelamente; há um diálogo entre elas. A construção imaginária precede a tecnológica, embora freqüentemente ela não se desenvolva antes que o *know-how* tecnológico esteja “em circulação”. Por exemplo: a arte da ficção científica se desenvolveu, principalmente, somente meio século na frente da revolução científica, e agora coexiste com ela, que a está transformando em realidade — um exemplo (inofensivo): o vôo à Lua. As expressões “way out”, “far out”, “spaced”,* a observação “é como se fosse uma ficção científica” são linguagem comum. Na resposta estética, pelo fato de ela sempre se desenvolver antecipadamente, e assim ser o produto

* Referem-se estas expressões a pessoa “viajando” ou “desligada” em função do uso de drogas. (N.T.)

de uma nova era, a mesma realização pode assumir uma forma sensacional ou fantástica, p. ex., o monstro de Frankenstein, oposta, por assim dizer, às máquinas faz-tudo da General Electric: CAM (Máquinas Antropomórficas Cibernéticas). (Um artista pode nunca chegar a saber, antecipadamente, como sua visão poderia ser articulada na realidade.)

A cultura é, portanto, a soma e a dinâmica entre os dois modos através dos quais a mente tenta sobrepor-se às limitações e às contingências da realidade. Esses dois tipos de respostas culturais produzem diferentes métodos para alcançar o mesmo fim, a realização do concebível no possível. Inicialmente,² o indivíduo nega as limitações da realidade dada, fugindo dela completamente, para criar seu próprio possível. Nos territórios da imaginação, objetivada de alguma maneira — quer através do desenvolvimento de uma imagem visual dentro de algum limite artificial, digamos quarenta centímetros quadrados de tela, quer através de imagens visuais projetadas através de símbolos verbais (poesia), ou com sons ordenados numa sequência (música), ou idéias verbais ordenadas em progressão (teologia, filosofia) — o homem cria um mundo ideal, governado exclusivamente por uma ordem e harmonia artificialmente impostas por ele, uma estrutura na qual ele conscientemente relaciona cada parte estável (e, portanto, “eterna”). O grau em que ele abstrai sua criação da realidade não tem importância, pois mesmo quando mais parece imitar, ele cria uma ilusão dirigida por seu próprio — talvez secreto — conjunto de leis artificiais. (Degas disse que o artista tinha que mentir para dizer a verdade.) Essa busca pelo ideal, realizada através de um meio artificial, podemos chamar de Modo Estético.

No segundo tipo de resposta cultural, as contingências da realidade são vencidas, não através da criação de uma realidade substitutiva, mas através do domínio do próprio funcionamento da realidade. As leis da natureza

2. O modo idealista, que corresponde grosseiramente ao modo de pensamento “metafísico”, supra-histórico e não-materialista, contra o qual Marx e Engels se revoltaram.

são descobertas, e depois voltadas contra ela, para moldá-la de acordo com a concepção do homem. Se existe um veneno, o homem supõe que existe um antídoto; se existe uma doença, ele procura a cura. Todo fato da natureza que é compreendido pode ser usado para modificá-la. Mas, para realizar o ideal através desse procedimento é preciso muito tempo e é infinitamente mais árduo, sobretudo nos primeiros estágios do conhecimento. Pois a vasta e intrincada máquina da natureza pode ser inteiramente compreendida — e existem sempre camadas novas e imprevistas de complexidade — antes de poder ser completamente controlada. Assim, antes que qualquer solução para as contingências mais profundas da condição humana, p.ex., a morte, possa ser descoberta, os processos naturais de crescimento e decomposição devem ser catalogados, as leis mais simples serem relacionadas às mais complexas. Esse método científico (também tentado por Marx e Engels em seu enfoque materialista da História) é a tentativa do homem de dominar a natureza, através da compreensão total de sua mecânica. A coação da realidade para conformá-la à concepção ideal do homem, mediante a aplicação da informação extrapolada dessa própria realidade, chamaremos de Modo Tecnológico.

Definimos a cultura como a soma e a dialética entre os dois modos diferentes através dos quais o homem pode resolver a tensão criada pela flexibilidade de suas faculdades mentais dentro das limitações de seu meio-ambiente dado. A correspondência desses dois modos culturais diferentes respectivamente com os dois sexos é inconfundível. Observemos como as poucas mulheres que criaram diretamente a cultura tenderam para as disciplinas dentro do Modo Estético. Existe uma boa razão para isto: a resposta estética corresponde ao comportamento “feminino”. A mesma terminologia pode ser aplicada a qualquer dos dois: subjetivo, intuitivo, introvertido, fantasista, sonhador, relativo ao inconsciente (ao *id*), emocional, até temperamental (histérico). Analogamente, a resposta tecnológica é a resposta masculina: objetiva, lógica, extrovertida, realista, relativa à mente consciente (ao *ego*), racional, mecânica, pragmática e terra-a-terra, estável. Assim,

a estética é a recriação cultural daquela metade da estrutura psicológica que foi reservada às mulheres, enquanto que a resposta técnica é a magnificação cultural da metade masculina.

Assim como admitimos que a divisão biológica dos sexos em função da procriação é a dualidade “natural” fundamental a partir da qual nasce toda a divisão de classes ulterior, assim admitimos agora que a divisão sexual é também a raiz dessa divisão cultural fundamental. A interação entre essas duas respostas culturais, o Modo Tecnológico “masculino” e o Modo Estético “feminino”, recria ainda, num outro nível, a dialética dos sexos — bem como sua superestrutura, a dialética de classes econômicas e raciais. E assim como a fusão das distintas classes sexuais, raciais e econômicas é uma precondição para a revolução respectivamente sexual, racial ou econômica, assim a fusão da cultura estética com a tecnológica é a precondição para uma revolução cultural. E assim como a meta revolucionária das revoluções sexual, racial e econômica é, em vez de um mero nivelamento dos desequilíbrios de classe, uma eliminação total das categorias de classe, assim o resultado final de uma revolução cultural deve ser, não meramente a integração das duas correntes da cultura, mas a eliminação de todas as categorias culturais, a eliminação da própria cultura, como nós a conhecemos. Mas, antes de discutir a revolução cultural definitiva, ou mesmo o estado da divisão cultural na nossa época, vejamos como esse terceiro nível da dialética do sexo — a interação entre os Modos Tecnológico e Estético — operou para determinar o fluxo da história cultural.

Inicialmente, o conhecimento tecnológico se acumulou lentamente. Gradualmente o homem aprendeu a controlar os aspectos mais rudes de seu meio-ambiente — descobriu a ferramenta, o domínio do fogo, a roda, a fundição do minério para fazer armas e arados, até, finalmente, o alfabeto — mas essas descobertas foram muito poucas, em virtude de ele ainda não dispor de nenhum modo sistemático de iniciação. Contudo, finalmente acumulou suficiente conhecimento prático para

construir sistemas complexos, p.ex., a medicina ou a arquitetura, para criar instituições jurídicas, políticas, sociais e econômicas. A civilização evoluiu de uma horda de caçadores primitivos para uma sociedade agrícola, e, finalmente, através de estágios progressivos, para o feudalismo, o capitalismo e as primeiras tentativas de socialismo.

Mas, durante todo esse tempo, a habilidade do homem de imaginar um mundo ideal esteve bem à frente de sua habilidade de criá-lo. As formas culturais primárias das civilizações antigas — a religião e suas ramificações, a mitologia, a lenda, a arte e a magia primitivas, a profecia e a história — aconteciam no Modo Estético. Elas impuseram apenas uma ordem artificial, imaginária a um universo ainda misterioso e caótico. Mesmo as teorias científicas primitivas eram apenas metáforas poéticas do que mais tarde seria realizado empiricamente. A ciência, a filosofia e a matemática da antiguidade clássica, precursoras da ciência moderna, através de proezas imaginativas simples, operando num vácuo, independentes de leis materiais, anteciparam muito do que foi comprovado mais tarde. O átomo de Demócrito e a “substância” de Lucrecio prenunciaram milhões de anos antes as descobertas da ciência moderna. Mas elas foram realizadas somente no domínio do Modo Estético, um domínio imaginário.

Na Idade Média, a herança judaico-cristã foi assimilada à cultura pagã, produzindo a arte religiosa medieval, a metafísica de Tomás de Aquino e da Escolástica. Embora, simultaneamente, a ciência árabe, um produto do Período Alexandrino Grego (século III a.C. ao século VII d.C.) estivesse acumulando informação considerável em áreas como a geografia, a astronomia, a fisiologia, a matemática — uma tabulação essencial para o empirismo posterior — havia muito pouco diálogo. A ciência ocidental, com sua alquimia, sua astrologia, os “humores” da medicina medieval, era ainda um estágio “pseudocientífico”, ou, em nossa definição, ainda operava de acordo com o Modo Estético. Essa cultura estéti-

ca medieval, formada pelas heranças clássica e cristã, culminou no Humanismo da Renascença.

Até a Renascença, a cultura aconteceu no Modo Estético, porque antes dessa época a tecnologia tinha sido muito rudimentar, o corpo do conhecimento científico estava muito longe de ser completo. Em termos da dialética sexual, esse longo estágio da história cultural corresponde ao estágio matriarcal da civilização: o Princípio Feminino — escuro, misterioso, incontrolável — reinava, exaltado pelo próprio homem ainda em respeito à insondável Natureza. Os homens de cultura eram os principais sacerdotes do culto. Até e durante a Renascença *todos* os homens de cultura foram profissionais do Modo Estético idealista, portanto num certo sentido artistas. A Renascença, o apogeu do humanismo cultural, foi a idade de ouro do Modo Estético (feminino).

E também o início de seu fim. Por volta do século XVI a cultura sofria uma mudança tão profunda quanto a mudança do matriarcado para o patriarcado, em termos da dialética sexual, e correspondente ao declínio do feudalismo na dialética de classes. Essa foi a primeira fusão da cultura estética com a tecnológica, representada na criação da ciência (empírica) moderna.

Na Renascença, a Escolástica Aristotélica tinha-se conservado poderosa, embora já fossem visíveis as primeiras fendas na represa. Mas foi só depois de Francis Bacon, quem primeiro propôs usar a ciência para “estender mais além os limites do poder e da grandeza do homem”, que a união dos Modos foi consumada. Bacon e Locke transformaram a filosofia, a tentativa de compreender a vida, de uma especulação abstrata desligada do mundo real (metafísica, ética, teologia, estética, lógica) em uma descoberta das leis *reais* da natureza, através da experiência e da demonstração (ciência empírica).

No método empírico proposto por Francis Bacon, o *insight* e a imaginação deveriam ser usados exclusivamente nos primeiros estágios da investigação. Seriam concebidas hipóteses experimentais pela indução a partir dos fatos, e, em seguida, as conseqüências seriam deduzidas logicamente e testadas pela consistência entre elas e pela

conformidade com os fatos elementares e com os resultados de experimentos *ad hoc*. As hipóteses só se tornariam uma teoria aceita depois de terem passado por todos os testes, e permanecerem, ao menos até prova em contrário, uma teoria capaz de predizer os fenômenos num alto grau de probabilidade.

A visão empírica sustentava que, registrando e tabulando todas as observações e experimentos possíveis dessa maneira, a Ordem Natural automaticamente emergiria. Embora inicialmente a pergunta sobre o “porquê” fosse ainda mais freqüentemente solicitada do que a pergunta sobre o “como”, logo que a informação começou a acumular-se, cada descoberta somando-se à anterior para completar o quebra-cabeça, os especulativo, o intuitivo e o imaginativo gradativamente tornaram-se menos valiosos. Outrora, quando os fundamentos iniciais foram assentados por homens da estatura de Kepler, Galileu e Newton — pensadores ainda inspirados na tradição científica “estética” — centenas de técnicos anônimos puderam se deslocar para preencher os espaços vazios, o que levou ao início de uma idade de ouro da ciência, em nossa própria época — i.e., ao Modo Tecnológico, correspondente ao que o Modo Estético tinha sido para a Renascença.

2. *As Duas Culturas Hoje*

Agora, na década de 1970, estamos experimentando uma ruptura científica importante. A nova física, a relatividade, e as teorias astrofísicas da ciência contemporânea foram já formuladas na primeira parte deste século. Agora, na última parte, estamos chegando, com a ajuda do microscópio eletrônico e de outros instrumentos novos, a feitos semelhantes na biologia, na bioquímica, e em todas as ciências da vida. Descobertas importantes são feitas anualmente por pequenas equipes de trabalho, espalhadas por todos os Estados Unidos, bem como por outros países — da magnitude do DNA em

genética, ou do trabalho de Urey e de Miller, no início da década de 50, sobre as origens da vida. Estamos perto do domínio total do processo reprodutivo, e houve avanços significativos na compreensão do processo básico da vida e da morte. A natureza do envelhecimento e do crescimento, do sono e da hibernação, o funcionamento químico do cérebro e o desenvolvimento da consciência e da memória tudo está começando a ser compreendido em sua totalidade. Essa aceleração promete continuar por talvez um outro século, não importa quanto tempo seja preciso para realizar a meta do Empirismo: a compreensão total das leis da natureza.

Essa acumulação surpreendente de conhecimentos concretos em apenas algumas centenas de anos é o resultado do desvio da filosofia de um Modo Tecnológico. A associação da ciência “pura”, a ciência do Modo Estético, com a tecnologia pura provocou um progresso na direção da meta da tecnologia — a realização do concebível no mundo real — maior do que tinha sido alcançado em milhões de anos da história anterior.

O próprio Empirismo é apenas o método, uma técnica mais penetrante e mais eficaz, para a realização da meta cultural máxima da tecnologia: a construção do ideal no mundo real. Um de seus ditados básicos é de que uma certa quantidade de material pode ser reunida e arrumada em categorias, antes que qualquer comparação decisiva, análise ou descoberta possa ser feita. Em vista disso, os séculos de ciência empírica ultrapassaram um pouco, em termos de tempo, o período da construção dos fundamentos para as rupturas de nossa própria época e do futuro. O acúmulo de informação e de compreensão das leis e dos processos mecânicos da natureza (“pesquisa pura”) é meramente um meio para um objetivo mais amplo: a compreensão total da Natureza, a fim de controlá-la finalmente.

Nesse panorama do desenvolvimento e dos objetivos da história cultural, a meta final de Engels, citada anteriormente, no contexto da revolução política, é outra vez digna de citação:

“A esfera total das condições de vida que envolvem o homem, e que até agora o dirigiram, fica agora sob o domínio e o controle do homem, que pela primeira vez se torna o verdadeiro e consciente Senhor da Natureza.”

A ciência empírica representa para a cultura o que a mudança para o patriarcado foi para a dialética sexual, e o que o período burguês é para a dialética marxista — um estágio moderno antes da revolução. Além disso, as três dialéticas estão integralmente relacionadas entre si, tanto vertical quanto horizontalmente. A ciência empírica originária da burguesia (o período burguês é em si mesmo um estágio do período patriarcal) sucede ao humanismo da aristocracia (o Princípio Feminino, o matriarcado), e, com seu desenvolvimento do método empírico para armazenar conhecimento legítimo (o desenvolvimento da indústria moderna para acumular capital), finalmente acaba por expulsar a si mesma da História. O corpo das descobertas científicas (os novos modos produtivos), consegue finalmente superar o modo empírico (capitalista) de usá-las.

E, assim como as contradições internas do capitalismo se tornarão necessariamente cada vez mais visíveis, o mesmo deverá acontecer com as contradições internas da ciência empírica — como no caso do desenvolvimento do conhecimento puro, quando ele chega ao ponto de assumir uma vida própria, p.ex., a bomba atômica. Enquanto o homem estiver empenhado somente com os métodos para sua realização final — o registro das condições da natureza, a acumulação de conhecimento “puro” — o controle da natureza, que é o saber do homem, pelo fato de não ser completo, será perigoso. Tão perigoso que muitos cientistas se perguntam se deveriam pôr um limite em certos tipos de pesquisa. Mas esta solução é irremediavelmente inadequada. A máquina do empirismo tem seu próprio *momentum* e, para estes fins, está completamente fora de controle. Poderíamos decidir realmente o que descobrir ou não descobrir? Isto é, por definição, antitético ao processo empírico total acionado por Bacon. Muitas das mais importantes descober-

tas foram praticamente acidentes de laboratório, com implicações sociais compreendidas somente pelos cientistas que esbarraram com elas. Por exemplo: há apenas cinco anos, o professor F. C. Steward, de Cornell, descobriu um processo chamado *cloning*: ao colocar uma simples célula de cenoura numa substância nutriente rotativa, ele conseguiu produzir uma lâmina inteira de células de cenoura idênticas, a partir das quais finalmente recriou a mesma cenoura. A compreensão de um processo análogo referente a células animais mais evoluídas, no caso de escapar ao controle — como aconteceu com as experiências com drogas “alucinógenas” — poderia ter algumas implicações aterradoras. Ou, além disso, imaginem a partenogênese, o parto da virgem, como é praticado por um gênero de insetos, aplicado de fato à fertilidade humana.

Uma outra contradição no interior da ciência empírica: a visão-de-mundo mecanicista, determinista, científica “fria”, que é o resultado dos métodos, mais do que dos objetivos finais (inerentemente nobres e geralmente esquecidos) do Empirismo, a saber, a realização do ideal na realidade.

O próprio cientista paga um preço particularmente elevado, desumanizando-se, tornando-se pouco mais que um técnico cultural. Pois, ironicamente, para acumular apropriadamente a informação que leva a um conhecimento concreto e amplo do universo é preciso uma mentalidade ampla e integrada. Embora, no fim de tudo os esforços individuais dos cientistas possam levar à dominação do meio-ambiente em benefício da humanidade, temporariamente o método empírico requer de seus próprios praticantes que se tornem “objetivos”, “mecanicistas”, superpreciosos. A imagem pública do Dr. Jekyll vestido de branco, sem sentimentos por seus pacientes, simples porquinhos-da-índia, não é totalmente falsa. Não existe lugar para os sentidos no trabalho do cientista. Ele é obrigado a eliminá-los ou a isolá-los, lidando apenas com riscos ocupacionais. Na melhor das hipóteses, ele pode resolver esse problema, separando seu eu profissional de seu eu pessoal, compartimentando sua emo-

ção. Assim, embora geralmente bem versado num sentido acadêmico em artes — a freqüência disso é, pelo menos, maior do que a de artistas bem-versados em ciência — o cientista geralmente não está em contato com suas emoções e sensações diretas, ou, na melhor das hipóteses, é emocionalmente dividido. Sua vida “privada” e sua vida “pública” são divididas; e, por sua personalidade não ser integrada, ele pode ser surpreendentemente convencional. (“Querida, eu descobri hoje como reproduzir pessoas no laboratório. Agora, já podemos sair para esquiar.”) Ele não sente contradição por viver convencionalmente, nem mesmo por ir à igreja, pois nunca integrou o espantoso material da ciência moderna com sua vida cotidiana. Geralmente, é preciso que sua descoberta seja usada impropriamente para alertá-lo para esta conexão, que está há muito tempo sepultada em sua mente.

O catálogo de vícios científicos é bem conhecido: ele em geral duplica, exagera o catálogo de vícios “masculinos”. Isto era de esperar. Se o Modo Tecnológico evoluiu do Princípio Masculino, então deduz-se que seus praticantes desenvolveriam as deformações da personalidade masculina ao extremo. Mas deixemos a ciência por um momento, querendo acelerar a revolução cultural definitiva, para compreender o que, nesse meio-tempo, tinha acontecido à Cultura Estética propriamente dita.

Com a filosofia, entendida no sentido clássico mais geral — incluindo a ciência “pura” — a imperfeita cultura estética tornou-se cada vez mais limitada e encravada, reduzida às artes e às humanidades, no sentido refinado em que nós as conhecemos hoje. A arte (daqui em diante referente às “artes liberais”, especialmente às artes e letras) sempre foi, na sua própria definição, uma busca pelo ideal, separada do mundo real. Entretanto, nos seus primórdios, ela foi a serva da religião, articulando o sonho comum, objetivando “outros” mundos da fantasia comum, p.ex., a arte dos túmulos egípcios, para explicar e justificar esta última. Assim, embora tenha-se afastado do mundo real, ela serviu a uma importante função social: satisfaz artificialmente aqueles desejos da sociedade que não podiam ainda ser realizados na realidade. Em-

bora tenha sido patrocinada e sustentada exclusivamente pela aristocracia, a elite culta, ela nunca esteve tão desligada da vida quanto mais tarde se tornou. Pois a sociedade daqueles tempos era, para todos os fins práticos, sinônimo da classe dominante, fosse ela o sacerdócio, a monarquia ou a nobreza. As massas nunca foram consideradas pela “sociedade” como parte legítima da humanidade. Elas eram escravas, nada mais do que animais humanos, zângãos, ou servos, sem o trabalho das quais a pequena elite culta jamais se teria conservado.

A pressão gradual exercida sobre a aristocracia pela nova classe média, a burguesia, assinalou a erosão da cultura estética. Vimos que o capitalismo intensificou as piores características do patriarcado, por exemplo, como a família nuclear emergiu do vasto e impreciso lar do passado para reforçar o enfraquecido sistema de classes sexuais, oprimindo as mulheres e as crianças ainda mais profundamente do que antes. O modo cultural favorecido por esta nova burguesia excessivamente patriarcal foi o Modo Tecnológico “masculino” — objetivo, realista, concreto, de “senso comum” — em vez do afeminado, espiritual Modo Estético “romântico idealista”. A burguesia, buscando o ideal no real, cedo desenvolveu a ciência empírica que descrevemos. Quando admitiam alguma utilidade remanescente na cultura estética, isto ocorria apenas na arte “realista”, oposta à arte “idealista” da antiguidade clássica, ou à arte abstrata religiosa dos períodos primitivos ou medievais. Interessaram-se, durante algum tempo, por uma literatura que descrevesse a realidade — melhor exemplificada pela novela do século XIX — e por uma arte de cavalete decorativa: naturezas-mortas, retratos, cenas de família, interiores. Foram construídos museus e livrarias públicas, ao lado dos velhos salões e galerias privadas. Mas, com sua solidificação como uma classe segura, até principal, a burguesia não precisou mais imitar a cultura aristocrática. Com o rápido desenvolvimento de sua nova ciência e tecnologia, o pouco valor prático que atribuía à arte se eclipsou. Tomemos, por exemplo, o desenvolvimento científico da máquina fotográfica. Logo a burguesia deixou de precisar

dos pintores de retrato; a câmara se mostrou muito mais precisa do que os pintores e novelistas.

A arte “moderna” foi uma represália (*épater le bourgeois*) violenta, embora responsável afinal pelo próprio malogro, dirigida contra estes danos; a evaporação da função social da arte, o rompimento do cordão umbilical social, a redução das fontes antigas de patronato. A tradição da arte moderna, associada inicialmente a Picasso e Cézanne, e incluindo todas as principais escolas do século XX — cubismo, construtivismo, futurismo, expressionismo, surrealismo, expressionismo abstrato, e assim por diante — não constitui uma expressão autêntica da modernidade, por mais que seja uma reação ao realismo da burguesia. O pós-impressionismo rejeitou deliberadamente todas as convenções afirmadoras da realidade. Na verdade, o processo começou com o próprio impressionismo, que destruiu a ilusão em seus valores formais, engolindo a realidade e cuspidando-a de novo como arte, e finalmente levou a um purismo da “arte-pela-arte”, a uma negação total da realidade que acabou tornando-a inexpressiva, estéril e até absurda. (Os motoristas de táxi são filisteus; eles reconhecem uma sacanagem quando a vêem.) A deliberada violação, deformação e fraturamento da imagem, chamada arte “moderna”, não foi senão uma destruição de ídolos durante cinquenta anos, que acabou levando ao impasse cultural do presente.

No século XX esgotou-se a energia e nulificou-se completamente a função social da arte. Ela é despejada nas classes ricas remanescentes, constituídas por aqueles *nouveaux riches* — particularmente os da América, que ainda sofriam em complexo de inferioridade cultural — empenhados em provar que tinham “acontecido”, evidenciando um gosto pela cultura. Vários fatos testemunham a morte do humanismo estético: o seqüestro dos intelectuais em universidades-torres-de-marfim, onde, excetuando o caso das ciências, seu trabalho teve muito pouca repercussão no mundo exterior, independente do brilhantismo de cada um (e eles não são brilhantes, porque não dispõem do *feed-back* necessário para sê-lo); o obscuro — em geral literalmente ininteligível — jargão das ciên-

cias sociais; as literaturas de panelinhas, publicadas trimestralmente, com sua poesia esotérica; as galerias e museus chiques da 57th Street (não é por acaso que elas ficam ao lado da Saks Fifth Avenue e de Bonwit Teller), sustentadas, na sua maioria, por tipos sofisticados de homens desmunhecados; e também o estabelecimento crítico vulturino, que prospera à custa dos vestígios do que outrora foi uma cultura grande e vital.

Nos séculos em que a ciência galgou novas alturas, a arte decaiu. Seu nascimento forçado transformou-a num código secreto. Por definição escapista da realidade, a arte hoje se voltou a tal ponto para si mesma, que corroeu seus próprios órgãos vitais. Tornou-se doente — com uma autocompaixão e timidez neuróticas, concentrando-se no passado (em oposição à orientação futura da cultura tecnológica) e assim congelando-se em convenções e academias, ortodoxias das quais a “vanguarda” é apenas a mais recente. Sustentam-na as lembranças de glórias passadas, os Grandes Velhos Tempos Em Que a Beleza Ainda Florescia. Tornou-se pessimista e niilista, cada vez mais hostil à sociedade em geral, os “filisteus”. E, quando a jovem e arrogante Ciência tentou cortejar a Arte na sua torre — eventualmente um sótão — de mármore, com falsas promessas de um amante cortejador (“Você agora já pode descer, estamos tornando o mundo cada dia melhor”), a arte recusou-se, mais veementemente do que nunca, a lidar com ela, muito menos aceitou seus presentes corruptos, retirando-se ainda mais em suas fantasias: neoclassicismo, romantismo, expressionismo, surrealismo, existencialismo.

O artista e o intelectual viram-se, individualmente, tanto como um membro de uma elite invisível, de uma *intelligentsia*, quanto como um “marginal”, misturando-se com quem quer que fosse julgado a escória da sociedade. Em ambos os casos, seja fazendo o papel de Aristocrata, seja o de Boêmio, ele estava à margem da sociedade como um todo. Ser artista tinha-se tornado um capricho. Sua crescente alienação do mundo a sua volta — o novo mundo criado pela ciência era, sobretudo em seus estágios primitivos, incrivelmente horrível, intensifi-

cando a necessidade dele de fugir para o mundo ideal da arte — a falta de uma audiência, tudo isso o levou a uma mística do “gênio”. Esperou-se do Gênio do Sótão — mais parecido com um Saint Simeon ascético em seu pedestal — que criasse obras-primas num vácuo. Mas sua artéria de ligação com o mundo exterior tinha sido cortada. Seu trabalho, cada vez mais impossível de ser realizado, geralmente o compelia literalmente à loucura, ou ao suicídio.

Preso num canto, sem nenhum outro lugar para onde ir, o artista conseguiu iniciar um acordo com o mundo moderno. Ele não serve para nada nesse mundo: semelhante a um inválido, confinado durante muito tempo, não conhece nada sobre o mundo: nem política, nem ciência, nem sequer como viver ou amar. Até o momento, e mesmo agora, embora cada vez menos, a sublimação, aquela deformação da personalidade, fora recomendável: era o único meio (se bem que indireto) de alcançar satisfação. Mas o processo artístico quase que sobreviveu à utilidade dela. E o preço dela é alto.

As primeiras tentativas para enfrentar o mundo moderno foram, na sua maior parte, mal dirigidas. A Bauhaus, famoso exemplo, fracassou em seu objetivo de suplantiar uma irrelevante arte de cavalete (a morte desta é indicada por apenas algumas ilusões de óptica e cadeiras com um ar de *design*), acabando num hibridismo, nem arte nem ciência, e certamente não a soma das duas. Seus planejadores falharam porque não compreenderam a ciência nos próprios termos dela. Para eles, que enxergavam através do modo estético antigo, ela era meramente um novo tema rico, a ser digerido totalmente pelo sistema estético tradicional. Era como se alguém visse um computador apenas como uma série harmoniosamente organizada de luzes e sons, escapando-lhe completamente a função propriamente dita. O experimento científico não é apenas harmonioso, uma estrutura elegante, uma peça adicional de um quebra-cabeça abstrato, alguma coisa a ser usada na próxima colagem — embora os cientistas também vejam, a seu próprio modo, a ciência como essa abstração divorciada da vida. Ele tem um sen-

tido intrínseco, real, próprio, semelhante, embora não o mesmo, à “presença”, ao “*en-soi*” da pintura moderna. Muitos artistas cometeram o erro de tentar anexar a ciência, de incorporá-la a sua própria estrutura artística, em vez de usá-la para expandir esta estrutura.

Seria desolador o estado atual da cultura estética? Não. Houve algumas evoluções na arte contemporânea. Fizemos referência a como a tradição realista na pintura morreu com o aparecimento da máquina fotográfica. Esta tradição tinha evoluído, num processo que durou séculos, para um nível de ilusionismo, obtido com a pincelada, que foi equivalente e até melhor — observe-se Bougeureau — do que a fotografia primitiva, considerada na época apenas como um novo meio gráfico, como era o caso da gravura em água-forte. O início da nova arte do cinema se sobrepôs à tradição realista da pintura atingindo o clímax na obra de artistas como Degas, que usou uma câmara em seu trabalho. Depois a arte realista seguiu um novo curso. Ou se tornou decadente, acadêmica, desligada de qualquer mercado e significação, p.ex., os nus que subsistem nas aulas de arte e nas galerias de segunda categoria, ou ela foi fraturada pela imagem expressionista ou surrealista, postulando uma realidade interna alternativa ou uma realidade fantástica. Contudo, enquanto isto, a jovem arte do cinema, baseada numa síntese verdadeira dos Modos Estético e Tecnológico (como tinha sido o próprio Empirismo) levou avante a tradição realista fundamental. E assim como a ciência empírica frutificou com o casamento dos Princípios Feminino e Masculino, antes separados, assim também aconteceu com o cinema. Mas, ao contrário de outros suportes estéticos do passado, ele destruiu a divisão entre o artificial e o real, entre a cultura e a própria vida, na qual o Modo Estético está baseado.

Outros desenvolvimentos relacionados com isso: a exploração de materiais artificiais, p.ex., o plástico; a tentativa de confrontar a própria cultura do plástico (pop art); o esgotamento das categorias tradicionais de *media*

DIALÉTICA		REVOLUÇÃO			TRANSIÇÃO	META FINAL
DA	HISTÓRIA ESCRITA	CLÁSSICA	RENASCENÇA	MODERNA		
SEXO CASTA <i>Extensivo a: idade e raça</i> BASEADO NA DIVISÃO BIOLÓGICA EM SEXOS PELA: REPRODUÇÃO DAS ESPÉCIES	♀ MATRIARCADO ♂ PATRIARCADO Várias formas de organização social através da história, todas baseadas na unidade biológica da família — incluindo o clã, a raça, a nação, etc.		REVOLUÇÃO SEXUAL REVOLTA FEMINISTA (TAMBÉM DAS CRIANÇAS E DA JUVENTUDE, RAÇAS OPRIMIDAS)		LIBERDADE SEXUAL TOTAL DESAPARECIMENTO DA DISTINÇÃO CULTURAL DE SEXO, IDADE E RAÇA E DA PSICOLOGIA DO PODER (INCLUINDO A "NEUROSE" "SUBLIMAÇÃO", ETC.)	ELIMINAÇÃO FINAL DA INFÂNCIA, DA VEHICÊ E DA MORTE) DESENVOLVIMENTO DA REPRODUÇÃO ARTIFICIAL OPCOS SOCIAIS MÚLTIPLAS (INCLUINDO O "HOUSEHOLD" REPRODUTIVO) MONOGAMIA DE "PADRÃO ÚNICO"
	CLASSE BASEADA NA DIVISÃO DO TRABALHO PELA: PRODUÇÃO DE MERCADORIAS E SERVIÇOS	NÔMADAS ("SELVAGERIA" DE ENGELS)	AGRICULTORES ("BARBARISMO" DE ENGELS) CÔNTROLE PROGRESSIVO DA NATUREZA	CIVILIZAÇÃO ♀ ARISTOCRACIA ELITE ♂ CLASSE BAIXA CLASSE MÉDIA CLASSE OPERÁRIA	REVOLUÇÃO ECONÔMICA REVOLTA DO PROLETARIADO (INCLUINDO O TERCEIRO MUNDO CONTRA O IMPERIALISMO)	SOCIALISMO DITADURA DO PROLETA-RIADO
CULTURA BASEADA NA DIVISÃO PSICOLÓGICA DE REAÇÕES À: REALIZAÇÃO DO CONCEBÍVEL NO POSSÍVEL	<i>Controle de: ferramentas...fogo...roda...minério } espada arado...alfabeto</i> ARQUITETURA JUSTIÇA E GOVERNO, ETC. ♂ MODO TECNOLÓGICO (PRAGMÁTICO) ♀ MODO ESTÉTICO (IDEAL) ————— RELIGIÃO ————— ARTE E MÁGICA PRIMITIVA...PROFECIA... HISTÓRIA		GOV., JUSTIÇA & COMÉRCIO } ARQUITETURA } CLASSICA } MEDICINA } MEDIEVAL CIÊNCIA } FILOSOFIA } ARTE }	INDÚSTRIA MODERNA ("Ciência aplicada") CIÊNCIA EMPIRICA ("Pesquisa pura") ARTE MODERNA ("Arte pela arte")	FUSÃO DA ARTE COM A REALIDADE REVOLUÇÃO CULTURAL RUPTURA CIENTÍFICA RUPTURA DAS CATEGORIAS CULTURAIS	REALIZAÇÃO DO CONCEBÍVEL NO REAL DESAPARECIMENTO DA "CULTURA"

(*média mistos*) e das distinções entre arte e realidade (“*happenings*”, “*environments*”). Todavia, eu acho difícil chamar, sem reservas, de progressistas a estes últimos desenvolvimentos. Até agora eles produziram trabalhos altamente pueris e inexpressivos. O artista ainda não sabe o que é a realidade, e muito menos como agir nela. Xícaras de papel enfileiradas numa rua, pedaços de jornal lançados num terreno baldio, não importa o número de críticas ponderadas que esses trabalhos consigam tirar da *Art News*, continuam sendo uma perda de tempo. A total inutilidade dessas tentativas desajeitadas corresponde ao grau de esgotamento das “belas”-artes, do qual elas são sinais.

A fusão do Modo Estético com o Modo Tecnológico gradativamente sufocará por completo a elevada arte “pura”. O primeiro esgotamento das categorias, a reincorporação da arte com uma realidade (tecnologizada) indica que estamos agora num período pré-revolucionário de transição, no qual as três correntes separadas, a tecnologia (“ciência aplicada”), a “pesquisa pura” e a moderna arte “pura” se fundirão, junto com as rígidas categorias sexuais que elas refletem.

A dualidade sexual da cultura ainda causa muitas vítimas. Se até o cientista “puro”, p.ex., o físico nuclear (sem falar do cientista “aplicado”, p.ex., o engenheiro) sofre de uma “masculinidade” excessiva, tornando-se autoritário, convencional, emocionalmente insensível, incapaz de compreender o próprio trabalho dentro do quebra-cabeça científico — e muito menos do cultural ou do social — o artista, em termos da divisão sexual, incorporou todos os desequilíbrios e padecimentos da personalidade feminina: é temperamental, inseguro, paranóide, derrotista, limitado. E a recente recusa em aceitar reforços da retaguarda (a sociedade em geral) exagerou enormemente tudo isto. O “id” superdesenvolvido do artista não deixa nada de quebra para contrabalançá-lo. Enquanto que o cientista puro é “esquizo”, ou pior, totalmente *ignorante* da realidade emocional, o artista puro

rejeita a realidade por causa de sua falta de perfeição, e, nos séculos modernos, por causa de sua feiura.³

E quem sofre mais, o cego (cientista) ou o aleijado (artista)? No plano cultural, tivemos em vista somente a escolha entre um ou outro papel sexual. Ou a marginalidade social, levando à inibição, à introversão, ao derrotismo, pessimismo, hiper-sensibilidade, e falta de contato com a realidade, ou uma personalidade “profissionalizada” partida, a ignorância emocional, as vistas estreitas do especialista.

CONCLUSÃO:

A REVOLUÇÃO CULTURA-ANTICULTURA

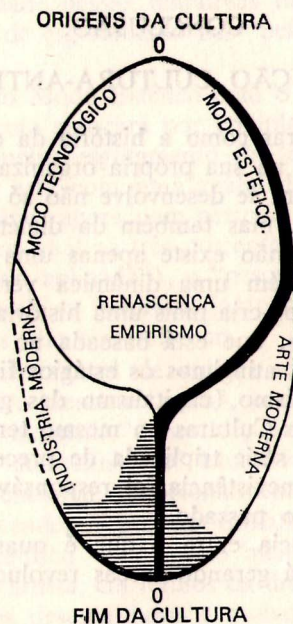
Tentei mostrar como a história da cultura reflete a dicotomia sexual na sua própria organização e desenvolvimento. A cultura se desenvolve não só a partir da dialética econômica, mas também da dialética sexual mais profunda. Assim não existe apenas uma dinâmica horizontal, mas também uma dinâmica vertical. Cada um desses três estratos cria mais uma história dentro da dialética da História, que está baseada no dualismo biológico. Atualmente, atingimos os estágios finais do Patriarcado, do Capitalismo (capitalismo das grandes corporações) e das Duas Culturas ao mesmo tempo. Brevemente, teremos uma série triplicada de condições para a revolução, cuja inexistência foi responsável pela falência das revoluções do passado.

A discrepância entre o que é quase possível e o que já existe está gerando forças revolucionárias.⁴ Esta-

3. Um pintor abstrato que eu conhecia, que tinha experimentado os horrores dos campos de batalha norte-africanos durante a Segunda Guerra Mundial — campos de homens (camaradas) apodrecendo ao sol com ratos saindo do estômago — passou anos movendo um simples círculo bege em volta de um simples quadrado bege. Desse modo, a arte “moderna” nega a feiura da realidade (ratos no estômago de companheiros) em favor de harmonias artificiais (círculos dentro de quadrados).

4. Os revolucionários, por definição, são visionários do Modo Estético, os idealistas da política (pragmática).

mos nos aproximando — acredito que chegaremos lá, talvez dentro de um século, se a bola de neve dos conhecimentos empíricos não se despedaçar antes com a sua própria velocidade — de uma revolução cultural, bem como de uma revolução sexual e econômica. A revolução cultural, assim como a revolução econômica, deve pregar a eliminação do dualismo (sexual), que está na origem não só das classes, mas também da divisão cultural.



Como seria essa revolução cultural? Ao contrário das “revoluções culturais” do passado, não deve ser meramente uma progressão quantitativa, mais e melhor cultura, no sentido em que a Renascença foi um ponto alto do Modo Estético, ou no sentido em que a ruptura tecnológica atual é o resultado da acumulação de séculos de

conhecimento básico sobre o mundo real. Grandes como foram, a cultura Estética e a Tecnológica, mesmo em seus respectivos apogeu, nunca atingiram a universalidade porque ou foram totalistas, mas divorciadas do mundo real, ou obtiveram “progresso” à custa da esquizofrenia cultural e da falsidade e aridez da “objetividade”. O que precisamos ter na próxima revolução cultural é a reintegração do Masculino (Modo Tecnológico) com o Feminino (Modo Estético). É criar uma cultura andrógina, que vá além não só de cada uma dessas correntes culturais tomadas individualmente, como também da soma de sua integração. Mais do que um casamento, é preciso a abolição das próprias categorias culturais, uma anulação mútua, uma explosão matéria-antimatéria, que ponha fim à própria ploft! cultura.

Não sentiremos sua falta. Não precisaremos mais dela. A essa altura, a humanidade terá dominado completamente a natureza, terá realizado seus sonhos na *realidade*. Com a realização total do concebível no real, não será mais necessário o substituto da cultura. O processo de sublimação, um desvio da realização dos desejos, dará lugar à satisfação direta na experiência, o que hoje só é experimentado pelas crianças, ou pelos adultos drogados.⁵ (Embora os adultos normais “representem” em graus variados, o exemplo que ilustra mais imediatamente o nível intenso desta experiência futura é o ato

5. As tentativas recentes da cultura { hippie
jovem para voltar a
de drogas

esse estado de simplicidade — mesmo se nos tornarmos “drogados” por meios artificiais de estimulação química — estão fadadas a fracassar. As pessoas desenvolveram camadas de repressão e de defesas, exclusivamente porque *precisam* viver em nosso atual mundo real. Hoje, na melhor das hipóteses, só podemos chegar a uma “experiência direta” (“afetada e tímida”) através do “escapismo”, ignorando o mundo real, por exemplo, indo para o Colorado (por volta de 1878) com pessoas de mentalidade parecida, e esperando ansiosamente que não se interessem em jogar bombas ali. Isso é ingênuo — e reacionário, regressivo, aistórico, utópico, etc. — acima de tudo, porém, é ineficaz.

sexual — ele vale zero numa escala de realização, pois “não se pode mostrá-lo”, mas sempre vale a pena de alguma forma.) Não será mais necessário o controle e o adiamento da satisfação do “id” pelo “ego”; o *id* poderá viver livremente. O prazer brotará diretamente no processo da experiência, no próprio ser e agir, em vez de brotar da qualidade da realização. Quando o Modo Tecnológico masculino puder, afinal, produzir na realidade o que o Modo Estético feminino tinha imaginado, teremos eliminado a necessidade de qualquer um dos dois.

X. O FEMINISMO NA ERA DA ECOLOGIA

A ciência empírica deixou repercussões na esteira de seu caminho: o súbito avanço da tecnologia transtornou a ordem natural das coisas. Mas o interesse recente pela ecologia, o estudo do relacionamento do homem com o meio-ambiente, surgido por volta de 1970, pode ser que tenha chegado tarde demais. Certamente, é tarde demais para o conservacionismo, a tentativa de restabelecer os equilíbrios naturais. O que é preciso é um programa ecológico revolucionário, que tente estabelecer um equilíbrio artificial (feito pelo homem), em lugar do equilíbrio “natural”, realizando, assim, a meta original da ciência empírica: o total domínio da natureza.

As mais recentes e melhores correntes da ecologia e do planejamento social concordam com os objetivos feministas. A coincidência aparente que marcou a erupção destes dois fenômenos ilustra uma verdade histórica: as novas teorias e os novos movimentos não se desenvolvem no vácuo; surgem como pontas-de-lança das soluções necessárias para os novos problemas, gerados por contradições no meio-ambiente. Neste caso, ambos os movimentos surgiram em resposta à mesma contradição: vida animal segundo uma tecnologia. No caso do feminismo, o problema é moral. A unidade da família biológica sempre oprimiu as mulheres e as crianças, mas

agora, pela primeira vez na História, a tecnologia criou as precondições reais para vencer essas condições “naturais” opressivas, juntamente com seus reforços culturais. No caso da nova ecologia, percebemos que, *independentemente de qualquer postura moral*, exclusivamente por motivos pragmáticos — de sobrevivência — tornou-se necessário libertar a humanidade da tirania de sua biologia. A humanidade não pode mais permitir-se permanecer no estágio de transição entre a simples existência animal e o controle total da natureza. E estamos, certamente, muito mais próximos de um salto evolucionário maior, no sentido de dirigir nossa própria evolução, do que de uma volta ao reino animal, do qual nós viemos.

Assim, em termos da moderna tecnologia, um movimento ecológico revolucionário terá o mesmo objetivo do movimento feminista: o controle da nova tecnologia para fins humanos, o estabelecimento de um equilíbrio “humano” proveitoso entre o homem e o novo meio-ambiente que ele está criando, que venha substituir o equilíbrio “natural” desfeito.

Quais são as preocupações da ecologia que têm interesse direto para o movimento feminista? Discutirei brevemente dois temas da nova ecologia que têm uma ligação particular com o novo feminismo: a reprodução e seu controle, incluindo a seriedade do problema da explosão demográfica e dos novos métodos de controle da fertilidade, e a cibernética, o futuro encargo de funções cada vez mais complexas legado às máquinas, alterando a velha relação do homem com o trabalho e com os salários.

Previamente fiz anotações detalhadas, escrevi registros completos sobre a explosão demográfica, citando todos os tipos de estatística alarmantes sobre a marcha do crescimento populacional. Mas, pensando bem, pareceu-me que eu já tinha ouvido falar em tudo aquilo antes, assim como todo mundo. Talvez, em função dos objetivos deste livro, fizéssemos melhor discutir porque estas estatísticas são ignoradas tão consistentemente. Porque, apesar dos pronunciamentos cada vez mais terríveis de todos os especialistas nesse campo, poucas pessoas estão

seriamente preocupadas com o problema. Na verdade, a euforia pública e o *laissez faire* parecem atualmente crescer na proporção direta à necessidade de uma ação imediata que previna um desastre futuro.

A relação entre as duas situações é direta. A incapacidade de enfrentar ou de ocupar-se do problema cria uma falsa segurança, cujo grau foi corroborado por recente pesquisa do Instituto Gallup (3 de agosto de 1968), no qual, à pergunta “Na sua opinião, qual o problema mais urgente que a nação enfrenta hoje?” menos de 1% da amostra nacional de adultos interrogados mencionou o problema da população. E contudo, para não dizer que não citamos os especialistas em população, estas são as palavras de Lincoln H. Day e de Alice Taylor Day em seu livro *Too Many Americans*: “Para suportar um novo crescimento de 180.000.000 (mais quarenta e quatro anos, no ritmo atual), este país teria que sofrer mudanças nas suas condições de vida tão radicais quanto as que ocorreram desde Colombo.” Esta é a mais conservadora das estimativas. A maioria dos demógrafos, biólogos e ecologistas são consideravelmente mais pessimistas. A todo momento são publicados livros sobre o assunto, cada um com uma nova opinião sobre o terror da explosão demográfica (Se tivéssemos nos reproduzido na mesma velocidade desde a época de Cristo, agora teríamos. . . . Se continuarmos nessa velocidade, a fome será. . . no ano. . . . Um número x de ratos congestionados num quarto produz um comportamento xyz. . . .). Os títulos dos livros são *Fome Coletiva, 1975, A Explosão Populacional*, e assim por diante. Os próprios cientistas estão em pânico. Diz-se que um conhecido biólogo da Universidade Rockefeller deixou de falar com sua própria filha depois do nascimento de sua terceira criança. Seus alunos multiplicam-se, pondo a si próprios em perigo.

Contudo, o público permanece convencido de que a ciência pode resolver o problema. Uma razão pela qual o homem da rua acredita tão ardentemente que “eles” podem manobrar o problema — além da existência da Mística do Feiticeiro, que insinua que “eles” sempre pa-

recem encontrar uma resposta para tudo — é o fato de a informação vir cuidadosamente filtrada do alto para baixo. Por exemplo: o público só começou a tomar conhecimento da “revolução verde” quando os cientistas deixaram de acreditar nela, vendo-a como uma medida tapa-buraco para adiar a fome coletiva mundial até a geração seguinte. Mas, em vez de causar o alarme geral, provocar a ação imediata, esta informação agiu como um clichê.

O Milagre-da-Nova-Ciência é apenas um dentre todo um estoque de argumentos, que continuam aflorando incessantemente, apesar de serem refutados um sem-número de vezes. Há o argumento da Comida Excedente, o argumento das Vastas-Extensões-de-Terra-Despovoadas, o argumento Econômico (a população aumenta a capacidade de defesa, cf. o Boogy-Woogy) e muitos outros mais, variando em sua sofisticação, de acordo com o meio social de seus sugestores. É inútil argumentar — e por isso eu não o farei aqui. Pois não se trata absolutamente de um problema de corrigir a informação ou a lógica. O importante é que há alguma coisa além disso que une todos estes argumentos. Que coisa é essa?

Por baixo de todos estes argumentos está o chauvinismo peculiar que se desenvolve na família. Nos capítulos anteriores discutimos alguns dos componentes dessa psicologia: a mentalidade patriarcal, preocupada exclusivamente com os próprios interesses e com a sua descendência, somente enquanto ela é a herdeira e a extensão de seu ego, na sua busca individual de imortalidade (por que preocupar-se com o bem-estar social, se — que bela frase — Na hora em que a grande catástrofe chegar *Você e os Seus* estarão felizes?). Outros componentes são: o chauvinismo do Nós-Contra-Eles (o sangue vale mais); a divisão entre o abstrato e o concreto, o público e o privado (o que poderia ser mais abstrato e público do que uma estatística demográfica? o que poderia ser mais privado e concreto do que nossa própria reprodução?); a privatização da experiência sexual; a psicologia do poder, e assim por diante.

Infelizmente, os esquerdistas e os revolucionários não são uma exceção a esta pseudopsicologia universal, gerada pela família. Entregam-se excessivamente ao Nós-Contra-Elesismo, apesar de agora ele estar invertido. Se “Nós”, a classe superior e a *intelligentsia* com pretensões intelectuais, argumenta que “É melhor não haver uma redução no índice de nascimentos, senão a ralé e/ou os débeis mentais predominarão”, “Eles”, o “zé-povinho” (ultimamente conhecidos como “lunatic fringe”*) opõem-se paranoicamente ao controle da natalidade — “Genocídio do Terceiro Mundo e dos Indesejados em Casa”. Este medo é bem fundado. Contudo, ele também é responsável por uma falta de capacidade da Esquerda de enxergar, por baixo dos efeitos prejudiciais do controle da natalidade, um problema ecológico genuíno, que nenhum número de argumentos fantasiosos e de estatísticas forçadas pode apagar. É verdade que os governos capitalistas imperialistas têm muitíssimo prazer em distribuir planos de controle da natalidade entre o Terceiro Mundo ou entre os negros e os pobres dos U.S.A. (particularmente entre as mães filiadas à Previdência Social, que são freqüentemente cobaias das últimas experiências), enquanto que, na sua própria casa, eles não se preocupam por ter condenado um homem a dez anos de prisão porque ele deu uma espuma anticoncepcional para uma aluna de colégio misto jovem, branca e solteira. É verdade que uma redistribuição das riquezas e das reservas do mundo aliviaria enormemente o problema — mesmo que ela *pudesse* ocorrer amanhã. Mas o problema ainda permaneceria, porque ele existe independentemente da política e da economia tradicionais. Essas complicações políticas e econômicas são apenas *agravantes* de um legítimo problema de ecologia. Uma vez mais os radicais não foram capazes de pensar com suficiente radicalidade. O capitalismo não é o *único* inimigo, a redistribuição das riquezas e das reservas não é a *única* solução, as tentativas de controlar a população não são *apenas* uma Supressão do Terceiro Mundo dissimulada.

* Ver nota à p. 41. (N.T.)

Mas, geralmente, existe um erro mais sério: o *uso impróprio* das conquistas científicas é muitas vezes confundido com a própria tecnologia. (Mas será que as militantes negras que advogam a fertilidade não controlada para as mulheres negras admitem que *elas próprias* são oneradas com ventres pesados e tantos meses de amamentação? Deduz-se que elas encontrem no controle da natalidade algum auxiliar na manutenção de seus programas de pregação ativa.) Como foi demonstrado na questão do desenvolvimento da energia atômica, os radicais, em vez de esbravejarem contra a imoralidade da pesquisa científica, foram muito mais eficientes concentrando *todas* as suas energias em exigências de controle das descobertas científicas pelo e para o povo. Pois, assim como a energia atômica, o controle da fertilidade, a reprodução artificial e a ciberneticização são, em si mesmos, libertadores, a *menos que* sejam usados imprópriamente.

Quais são os novos desenvolvimentos científicos relativos ao controle dessa reprodução perigosamente prolífera? Já existe mais e melhor controle da natalidade do que nunca houve antes na História.¹ A velha intervenção “força-barra” na concepção (diafragmas, camisas-de-vênus, espumas e geléias) foi apenas o início. Breve teremos uma compreensão perfeita de todo o processo reprodutor, em toda a sua complexidade, incluindo a sutil dinâmica dos hormônios e de todos os seus efeitos no sistema nervoso. O uso de anticoncepcionais orais feito atualmente é apenas um estágio primitivo (imperfeito), apenas um dentre os vários tipos de controle da fertilidade em experimentação hoje. A inseminação e a ovulação artificiais já são uma realidade. A escolha do sexo do feto, a fertilização em proveta (quando o tempo de vida do esperma dentro da vagina for totalmente compreendido) estão a um passo. Várias equipes de cientis-

1. Devo pedir ao leitor que me perdoe aqui — este capítulo foi escrito antes de Pill Hearings (*Interrogatórios sobre as Pílulas*), na verdade antes da propagação do próprio movimento ecológico. Essa é a marcha das comunicações modernas — um livro é ultrapassado antes mesmo de estar no prelo.

tas estão trabalhando no desenvolvimento de uma placenta artificial. Até a partenogênese — o parto virginal — poderá ser desenvolvida muito breve.

Estão as pessoas, os próprios cientistas, preparadas para qualquer uma dessas descobertas? Decididamente não. Recente pesquisa de Harris, citada na revista *Life*, representativa de uma ampla amostra de americanos — incluindo, por exemplo, fazendeiros de Iowa — revelou um surpreendente número de pessoas dispostas a considerar os novos métodos. O único empecilho estava em que esses métodos só seriam levados em consideração enquanto reforçassem e promovessem os valores atuais da vida em família e da reprodução, p.ex., para ajudar uma mulher estéril a ter um filho de seu marido. Qualquer questão que pudesse ser interpretada como sendo um incentivo a uma “revolução sexual” era meramente rejeitada como antinatural, de modo categórico. Mas, note-se que não foi o bebê de “tubo de vidro” que foi tido como antinatural (25 por cento das pessoas concordou, sem hesitação, em usarem elas próprias este método, geralmente sob a condição de serem observadas as condições que descrevemos). Só o novo sistema de valores, baseado na eliminação da supremacia do homem e da família, é que foi visto como antinatural.

É claro que, hoje, esta pesquisa na área da reprodução está sendo impedida de se desenvolver por causa do atraso cultural e dos preconceitos sexuais. O mesmo acontece com a verba distribuída para tipos específicos de pesquisa — os tipos de pesquisa já concluídos quando muito interessam apenas incidentalmente às mulheres. Por exemplo, ainda é preciso justificar a pesquisa para desenvolver uma placenta artificial, sob o pretexto de que ela poderia evitar o nascimento prematuro de crianças. Assim, embora seja tecnicamente muito mais fácil transferir um embrião jovem do que um bebê já quase que totalmente desenvolvido, todo o dinheiro vai para a última pesquisa. Ou, por outro lado, o fato de as mulheres serem excluídas da ciência é diretamente responsável pelo adiamento da pesquisa de anticoncepcionais orais para os homens (será possível que se pense que as mulheres

MEN-
TALI-
DADE
PATRI-
ARCAL

são melhores cobaias por que são consideradas “inferiores” pelos cientistas homens? Ou isso se dá exclusivamente porque os cientistas homens cultuam a fertilidade masculina?) São muitos os exemplos desse tipo.

Os medos em relação aos novos métodos de reprodução são de tal modo difundidos que, até há bem pouco tempo, o assunto era ainda um tabu, fora dos círculos científicos. Até mesmo várias mulheres do movimento de libertação feminina (women's lib) — e talvez especialmente estas mulheres — têm medo de expressar qualquer interesse sobre o assunto, para evitar que se confirmem as suspeitas de todo mundo de que elas são “antinaturais”. Assim, gastam grande quantidade de energia negando serem contra a maternidade, ou a favor da reprodução artificial, e assim por diante. Falando francamente:

A gravidez é uma barbaridade. Eu não acredito, como muitas mulheres dizem hoje, que a gravidez seja vista como feia devido a perversões estritamente culturais. A reação imediata da criança: “O que que aquela Senhora Gorda tem?”, a diminuição culpada do desejo sexual do marido; as lágrimas das mulheres diante do espelho aos oito meses de gravidez — tudo isso são reações instintivas, que não podem ser explicadas como hábitos culturais. A gravidez é a deformação temporária do corpo do indivíduo, em benefício da espécie.

Além disso, o parto dói. E isso não é bom. Há três mil anos atrás, as mulheres que tinham um parto “natural” não tinham necessidade de simular que a gravidez era uma verdadeira viagem, um orgasmo místico (aquele olhar longínquo). A Bíblia dizia: sofrimento e trabalho. O êxtase era desnecessário: as mulheres não tinham escolha. Elas não ousavam dar gritos. Mas, finalmente, foi-lhes possível gritar tão alto quanto quisessem durante as horas do parto. E quando este terminava, e mesmo durante ele, elas eram admiradas, dentro de um certo limite, por sua coragem. O valor delas era medido pelo número de crianças (filhos) que elas conseguiam suportar botar no mundo.

Hoje, tudo isso foi confundido. O próprio culto do parto natural nos mostra como ficamos distante da verdadeira identidade com a natureza. O parto natural é

apenas mais uma faceta do reacionário Retorno-à-Natureza hippie-rousseauiano, e tão forçado quanto ele. Talvez a mistificação do parto o torne mais fácil na realidade para a mulher comprometida. Os exercícios pseudo-iogas, vinte mulheres grávidas respirando profundamente sobre o chão, pode ser até que ajudem algumas mulheres a desenvolverem atitudes “apropriadas” (como “eu nunca mais berrei”). O marido que se contorce à cabeceira da cama, tal como acontece nas dores de parto empáticas de membros certas de tribos (“Veja como eu sofro com você, querida!”), pode fazer uma mulher sentir-se menos só durante sua provação. Mas o fato permanece: o parto é, na melhor das hipóteses, necessário e tolerável. Não é divertido.

(É como fazer um cocô do tamanho de uma abóbora, disse-me um amigo, quando eu lhe perguntei sobre a Grande-Experiência-Que-Você-Está-Perdendo. O-que-há-de-errado-em-cagar-cagar-pode-ser-agradável, diz a Escola (masculina) da Grande Experiência. Dói, ela responde. Qual-o-problema-de-sentir-uma-pequena-dor-de-parto-se-ela-não-te-mata? responde a Escola. É chato, diz ela. A-dor-pode-ser-interessante-como-experiência, responde a Escola. Não é um preço muito alto que se paga por essa experiência interessante?, diz ela. Mas-você-ganha-uma-recompensa, fala a Escola: um-bebê-todo-seu-para-você-foder-como-quiser. Bem, isto já é alguma coisa, diz ela. Mas como eu posso saber se ele vai ser um homem, como você?)

A reprodução artificial não é inerentemente desumanizante. De qualquer maneira, o exercício de uma opção poderá tornar possível um reexame honesto do antigo valor da maternidade. No momento, é fisicamente perigoso para uma mulher declarar-se por princípio abertamente contra a maternidade. Ela só escapará imune se acrescentar que é neurótica, anormal, que tem aversão a crianças, sendo, portanto, “incapaz”. (“Talvez mais tarde. . . quando eu estiver mais preparada.”) Isto é apenas uma atmosfera de inquisição livre. Até o tabu se dissipar, até que a decisão de não ter filhos ou de não tê-los de um modo “natural” seja considerado, pelo menos, tão legítima quan-

to o parto tradicional, as mulheres estarão sendo coagidas dentro de seus papéis femininos.

Um outro avanço científico que achamos difícil de ser absorvido pelo nosso sistema tradicional de valores é o início da cibernetização, o encargo de função de trabalho assumido por máquinas que, brevemente, poderão igualar ou superar o homem no pensamento e na solução de problemas. Embora seja possível argumentar, como no caso da reprodução artificial, que essas máquinas mal passaram do estágio especulativo, lembremo-nos de que há apenas cinco ou dez anos atrás os especialistas prediziam que cinco ou seis computadores seriam suficientes para suprir permanentemente as necessidades de todo o país.

A cibernetização, do mesmo modo que o controle da natalidade, pode ser uma faca de dois gumes. Imaginá-la, assim como a reprodução artificial, nas mãos dos poderes atuais é o mesmo que imaginar um pesadelo. É preciso não aperfeiçoar. Todo mundo está familiarizado com 1984: com a crescente alienação das massas, com o intensificado papel da elite (talvez cibernetista), com as fábricas de bebês, a crescente eficiência governamental (o Grande Irmão), e assim por diante. Nas mãos da sociedade atual não há dúvida de que a máquina poderia ser usada — e o está sendo — para intensificar o aparelho da repressão e para intensificar o poder estabelecido.

Mas, por outro lado, como no caso da exploração demográfica e do controle da natalidade, a distinção entre o *uso impróprio* da ciência e o valor da própria ciência, em geral, não é deixada clara. Nesse caso, embora talvez a reação possa não ser tão histérica e evasiva, nós ainda geralmente tendemos mais a uma concentração pouco imaginosa nos males da própria máquina, do que a um reconhecimento de seu significado revolucionário. São abundantes os livros e pesquisas a respeito de como evitar 1984 (p.ex., *Privacidade e Liberdade*, de Alan Weston). Mas existem muito poucas reflexões sobre como lidar efetivamente com as mudanças qualitativas no estilo de vida que a cibernetização trará.

Os dois temas do controle demográfico e da cibernetização geram o mesmo tipo de resposta nervosa e superficial, porque em ambos os casos o problema básico não tem precedentes. Trata-se de mudanças qualitativas nas relações básicas de produção e reprodução da humanidade. Precisaremos quase que de pernoitar para podermos lidar com os profundos efeitos do controle da fertilidade e da cibernetização, uma nova cultura baseada numa redefinição radical das relações humanas e do lazer para as massas. Para redefinir de um modo tão radical nosso relacionamento com a produção e a reprodução é preciso destruir simultaneamente o sistema de classes, assim como a família. Estaremos além de discussões do tipo “quem vai ganhar o pão” — ninguém vai ganhar o pão, porque ninguém estará “trabalhando”. A discriminação em função do emprego não terá mais nenhum fundamento para existir numa sociedade, na qual as máquinas executam o trabalho melhor do que seres humanos de qualquer tamanho ou habilidade. Assim, as máquinas poderiam agir como equalizadores perfeitos, destruindo o sistema de classes baseado na exploração do trabalho.

Qual poderia ser o impacto imediato da cibernetização sobre a posição das mulheres? Resumidamente, podemos prever o seguinte: 1) Embora inicialmente a automação continue a prover novos empregos para as mulheres, p.ex., operador de perfuração, programador de computadores, etc., essas posições provavelmente não durarão muito (precisamente porque as mulheres, a força de trabalho transitória *por excelência*, são procuradas para preenchê-las). Finalmente, esses controles especializados de máquinas darão lugar a um conhecimento de seu controle usual e mais difundido e, ao mesmo tempo, nos níveis mais altos, a um conhecimento especializado e intensificado de suas funções mais complexas, dominado por uma nova elite de engenheiros, os cibernetizadores. Os tipos de trabalho em que as mulheres foram bem-vindas, situados nos níveis mais baixos dos serviços de escritório, também serão cibernetizados. Ao mesmo tempo, os trabalhos domésticos serão automatizados de um modo mais completo, reduzindo ainda mais as funções de trabalho legiti-

mamente femininas. 2) A erosão do *status* do “cabeça da casa”, particularmente na classe proletária, pode abalar ainda mais profundamente a vida familiar e os papéis sexuais tradicionais. 3) Crescerá a grande inquietação dos jovens, dos pobres, e dos desempregados. Como os trabalhos se tornarão mais difíceis de conseguir, e não haverá um amortecimento do choque cultural através de educação para o lazer, o fermento revolucionário provavelmente se tornará primordial. Assim, no todo, a cibernetização poderá agravar a frustração que as mulheres já sentem em seus papéis, impelindo-as à revolução.

Uma revolução feminista poderá ser o fator decisivo no estabelecimento de um novo equilíbrio ecológico. A atenção dada à explosão demográfica, o deslocamento de ênfase da reprodução para o controle da natalidade, e as exigências de um desenvolvimento total da reprodução artificial proporcionarão uma alternativa para as opressões da família biológica. Mudando as relações do homem com o trabalho e com os salários, e substituindo o trabalho pela diversão (atividade feita em seu próprio benefício), a cibernetização permitirá uma redefinição total da economia, incluindo a atividade familiar e sua capacidade econômica. A dupla maldição, de que o homem terá que cultivar o solo com o suor de seu rosto e de que a mulher deverá suportar as dores e o trabalho do parto, serão dissipadas pela tecnologia, para tornar o viver humano pela primeira vez uma possibilidade. O movimento feminista tem a missão essencial de criar uma aceitação cultural para o novo equilíbrio ecológico necessário à sobrevivência da raça humana no século XX.

CONCLUSÃO A REVOLUÇÃO DEFINITIVA

1. *Imperativos Estruturais*

Antes de falar sobre as alternativas revolucionárias, façamos um resumo de tudo o que foi visto — para determinar as coisas específicas que precisam ser cuidadosamente excluídas de todas as novas estruturas. Em seguida podemos avançar até “especulações utópicas” orientadas, ao menos, por pautas negativas.

Vimos como as mulheres, no plano biológico, são diferenciadas dos homens, e no plano cultural são diferenciadas do “humano”. A natureza produziu a desigualdade fundamental — metade da raça humana deve nutrir e educar as crianças de toda a raça — que foi, mais tarde, consolidada e institucionalizada, em benefício dos homens. A reprodução da espécie custa muito às mulheres, não só emocional, psicológica e culturalmente, como também em termos estritamente materiais (físicos). Antes do aparecimento recente dos métodos anticoncepcionais, os partos sucessivos levaram as mulheres a experimentarem constantes “males femininos”, ao envelhecimento precoce e à morte. As mulheres eram a classe escrava que mantinha a espécie, a fim de que a outra metade fosse libe-

rada para o trabalho — geralmente admitindo-se os aspectos escravizantes disso, mas certamente também todos os aspectos criativos.

Essa divisão natural do trabalho continuou somente à custa de um grande sacrifício cultural: os homens e as mulheres desenvolveram apenas uma metade de si mesmos, em prejuízo da outra metade. A divisão da psique em psique masculina e feminina, estabelecida com o fim de reforçar a divisão em função da reprodução, resultou trágica. A hipertrofia nos homens do racionalismo, do impulso agressivo e a atrofia de sua sensibilidade emocional representaram um desastre tanto físico (guerra), quanto cultural. O emocionalismo e a passividade das mulheres aumentou seu sofrimento (não podemos nos referir a elas de um modo simétrico, já que elas foram vitimadas pela divisão como uma classe). Sexualmente, os homens e as mulheres foram canalizados para uma heterossexualidade altamente organizada — no tempo, no lugar, no procedimento, e até no diálogo — e restrita aos genitais, em vez de espalhada pelo corpo inteiro.

Proponho, então, que a primeira exigência para qualquer sistema alternativo deva ser:

1) *A libertação das mulheres da tirania de sua biologia reprodutora, através de todos os meios disponíveis, e a distribuição do papel de nutrição e educação das crianças entre a sociedade como um todo, tanto entre os homens, quanto entre as mulheres.* Há muitas etapas nisto. Já existe uma aceitação (conseguida com dificuldade) do “planejamento familiar”, ainda que não da contracepção em si mesma. São iminentes as propostas de creches que atendam durante o dia, talvez até durante vinte e quatro horas, com equipes mistas. Mas, na minha opinião, tudo isso é tímido como uma transição, se não for totalmente inútil. Estamos falando de uma mudança radical. E apesar de, na verdade, ela não poder surgir de repente, os objetivos radicais devem ser o tempo todo mantidos em vista. As creches liberam as mulheres. Aliviam uma opressão imediata, mas não se pergunta porque essa opressão é feita sobre *as mulheres*.

No outro extremo se situam as soluções mais distantes, baseadas nas potencialidades da embriologia moderna, i.e., a reprodução artificial, possibilidades ainda tão aterrorizantes que raramente são discutidas com seriedade. Vimos que o medo é, até certo ponto, justificável: nas mãos da sociedade atual e sob o controle dos cientistas de hoje (poucos dos quais são mulheres ou mesmo feministas), qualquer tentativa de usar a tecnologia para “libertar” alguém é suspeita. Mas estamos preparando-nos para falar sobre sistemas especulativos, e, para os fins de nossa discussão, devemos supor que haja flexibilidade e boas intenções nos que estão elaborando a mudança.

Assim, libertar as mulheres de sua biologia significaria ameaçar a unidade *social*, que está organizada em torno da reprodução biológica e da sujeição das mulheres ao seu destino biológico, a família. Nossa segunda exigência surgirá também como uma contestação básica à família, desta vez vista como uma unidade *econômica*:

2) *A total autodeterminação, incluindo a independência econômica, tanto das mulheres, quanto das crianças.* Para atingir esta meta serão necessárias mudanças fundamentais em nossa estrutura social e econômica. É por isso que precisamos falar de um socialismo feminista. No futuro imediato, sob a orientação do capitalismo, na melhor das hipóteses poderá ocorrer uma integração derivativa das mulheres na força de trabalho. Isto porque se descobriu nas mulheres um suprimento de mão-de-obra altamente especializado e transitório, extremamente útil e barato,¹ sem mencionar o valor econômico de sua função tradicional, a reprodução e a educação das crianças, um trabalho para o qual elas recebem regalias de

1. A maioria dos patrões fracassaria totalmente se tivesse que assumir o trabalho de suas secretárias ou se tivesse que trabalhar sem elas. Conheço várias secretárias que assinam sem pensar o nome de seus patrões embaixo de suas próprias resoluções (até brilhantes). As habilidades das mulheres das universidades custariam uma fortuna se calculadas em termos materiais de trabalho masculino.

seus patrões, mas não são pagas. Mas estas são funções econômicas essenciais, sejam elas reconhecidas ou não oficialmente. As mulheres, nessa condição atual, são os verdadeiros alicerces da superestrutura econômica, vitais para a existência desta.² As odes à abnegação da maternidade encontram um fundamento na realidade: a Mãe é vital para o *american way of life*, bem mais do que a torta de maçãs. Ela é uma instituição sem a qual o sistema *realmente* se desintegraria. Nos termos capitalistas oficiais, a fatura por seus serviços econômicos³ pode custar tão alto quanto um quinto do produto nacional bruto. Mas o pagamento não é a solução. Pagá-la, como é freqüentemente discutido na Suécia, é uma reforma que não contesta a divisão fundamental do trabalho, e, conseqüentemente, nunca poderia erradicar as desastrosas

2. Margaret Benston ("A Polícia Econômica da Libertação das Mulheres", *Monthly Review*, setembro de 1969) ao tentar mostrar que a opressão das mulheres é na verdade econômica — embora as análises econômicas anteriores tenham sido incorretas — faz distinção entre a economia de superestrutura masculina, baseada na produção de *mercadorias* (propriedade capitalista dos meios de produção e trabalho assalariado) e a economia reducativa pré-industrial da família, a produção para *uso* imediato. Pelo fato de a última não fazer parte da economia contemporânea *oficial*, geralmente se faz vista grossa para sua função na base dessa economia. Falar em arrastar as mulheres para a economia de mercadorias da superestrutura falha em lidar com tremenda quantidade de produção necessária do tipo tradicional hoje realizada pelas mulheres sem receber pagamento. Quem a fará?

3. Juliet Mitchell, em "Women: The Longest Revolution" (*New Left Review*, dezembro de 1966), afirma que "o trabalho doméstico é enorme se qualificado em termos de trabalho produtivo. Na Suécia, 2.340 milhões de horas ao ano são gastas por mulheres nos serviços domésticos, comparadas aos 1.290 milhões de horas gastas por uma mulher na indústria". O The Chase Manhattan Bank estima em 99,6 horas uma semana inteira de trabalho doméstico feito pela mulher. Margaret Benston calcula a sua estimativa *mínima* relativa a uma mulher casada *sem filhos* em 16 horas, perto de metade de uma semana regular de trabalho. Uma *mãe* precisa gastar pelo menos seis ou sete dias na semana, trabalhando cerca de 12 horas.

conseqüências psicológicas e culturais desta divisão do trabalho.

Quanto à independência econômica das crianças, trata-se realmente de um sonho, até agora não realizado em nenhum lugar do mundo. E, no caso das crianças, também estamos falando de mais do que de uma justa integração na força de trabalho; falamos da abolição da própria força de trabalho sob um socialismo cibernético, da reestruturação radical da economia de modo que o "trabalho", i.e., o trabalho assalariado não seja mais relevante. Em nossa sociedade pós-revolucionária, tanto os adultos quanto as crianças seriam atendidos nas suas necessidades de subsistência, independentemente de suas contribuições sociais, no primeiro caso na História de uma distribuição justa de riqueza.

Com isso atacamos a família numa frente dupla, contestando aquilo em torno de que ela está organizada: a reprodução das espécies pelas mulheres, e sua conseqüência, a dependência física das mulheres e das crianças. Eliminar estas condições já seria suficiente para destruir a família, que produz a psicologia de poder. Contudo, nós a destruiremos ainda mais.

3) *A total integração das mulheres e das crianças em todos os níveis da sociedade.* Todas as instituições que segregam os sexos, ou que excluem as crianças da sociedade adulta, p.ex., a escola moderna, devem ser destruídas.

Estas três exigências afirmam uma revolução feminista baseada na tecnologia avançada. E, se as distinções culturais entre homem/mulher e adulto/criança forem destruídas, nós não precisaremos mais da repressão sexual que mantém estas classes díspares, sendo pela primeira vez possível uma liberdade sexual "natural". Assim chegaremos à:

4) *Liberdade para todas as mulheres e crianças usarem a sua sexualidade como quiserem.* Não haverá mais nenhuma razão para não ser assim. (Razões passadas: a sexualidade plena ameaçava a continuidade da reprodução necessária para a sobrevivência humana, e, assim, a sexualidade tinha que ser restringida, através da reli-

gião e de outras instituições culturais, a fins reprodutores, sendo todo o prazer sexual não-reprodutor considerado um desvio, ou coisa pior; a liberdade sexual das mulheres poderia colocar em dúvida a paternidade da criança, ameaçando assim o patrimônio; a sexualidade infantil tinha que ser reprimida porque constituía uma ameaça ao precário equilíbrio interno da família. Estas repressões sexuais cresceram em proporção ao grau de exageração cultural da família biológica.) Em nossa nova sociedade, a humanidade poderá finalmente voltar a sua sexualidade natural “polimorfamente perversa” — serão permitidas e satisfeitas todas as formas de sexualidade. A mente plenamente sexuada, realizada no passado apenas em alguns indivíduos (sobreviventes), tornar-se-ia universal. A realização cultural, feita artificialmente, não seria mais a única via para a auto-realização sexual. Nós poderíamos nos realizar plenamente então, simplesmente no processo de ser e agir.

2. *Medos e Considerações*

Estes imperativos categóricos devem constituir a base de um programa feminista radical ainda mais específico. Mas nossas exigências revolucionárias provavelmente vão dar com alguma coisa, desde uma leve oposição (“utópico... irreal... afetado... muito distante no futuro... impossível... bem, isso pode ser uma droga, mas vocês não conseguiram nada melhor...”) até a histeria (“desumano... antinatural... doentio... corrompido... comunista... 1984... o quê? a maternidade criativa destruída por bebês em tubos de vidro, monstros feitos pelos cientistas?, etc.”) Vimos porém que essas reações negativas podem paradoxalmente significar o tanto que estamos atingindo o íntimo das pessoas. O feminismo revolucionário é o único programa radical que faz estourar imediatamente os estratos emocionais subjacentes à política “séria”, reintegrando assim o pessoal com o público,

o subjetivo com o objetivo, o emocional com o racional — o princípio feminino com o masculino.

Quais são os principais componentes desta resistência que está impedindo as pessoas de experimentarem alternativas para a família, e de onde vem essa resistência? Estamos todos familiarizados com os detalhes do Admirável Mundo Novo: frias organizações coletivistas, onde o individualismo é abolido, o sexo, reduzido a um ato mecânico, onde as crianças se tornam robôs, o Grande Irmão se intromete em todos os aspectos da vida privada, onde existem filas de bebês alimentados por máquinas impessoais, uma eugenia manipulada pelo Estado, o genocídio dos inválidos e dos retardados em benefício de uma super-raça criada por técnicos de avental branco, onde toda emoção é considerada fraqueza, o amor é destruído, e assim por diante. A família (que, apesar da opressividade do poder do estado, é no momento o último refúgio deste poder abusivo, um abrigo que supre o pouco de calor emocional, de privacidade e de conforto individual viáveis agora) será destruída, deixando o medo penetrar dentro de casa.

Paradoxalmente, uma das razões pelas quais o Pesadelo de 1984 ocorre tão freqüentemente é o fato de ele originar-se diretamente dos males de nossa cultura supremacista masculina atual, representando um exagero dela. Por exemplo, muitos de seus detalhes são tirados diretamente dos orfanatos e das instituições públicas, para crianças dirigidas pelo Estado.⁴ O Pesadelo é o resultado

4. Embora seja verdade que as crianças dos orfanatos não recebem sequer o calor e a atenção que os pais dão ao filho, com resultados danificantes — os testes revelaram que o QI das crianças em instituições era mais baixo, o desajustamento emocional era maior, e até, como no famoso experimento com macacos desprovidos de cuidado maternal, o funcionamento sexual é danificado ou destruído — aqueles que citam estas estatísticas tão triunfantemente só para desmerecer as alternativas radicais, não reconhecem que o orfanato é uma *conseqüência daquilo que nós estamos tentando corrigir.*

O orfanato é o subterrâneo da família, assim como a prostituição é o *produto direto* da instituição do casamento patriarcal.

direto da tentativa de imaginar uma sociedade na qual as mulheres tornaram-se iguais aos homens, aleijadas de modos idênticos, destruindo-se assim um equilíbrio delicado de interdependências.

Contudo, estamos sugerindo o oposto; em vez de concentrar o princípio feminino num refúgio “privado”, no qual os homens, como patos, periodicamente “mergulham na água” para descansar, em vez disso queremos reespalhá-lo — criando pela primeira vez a sociedade de baixo para cima. O difícil triunfo do homem sobre a natureza tornou possível restaurar o verdadeiramente natural: ele poderia invalidar as maldições de Adão e de Eva, e restabelecer o Jardim do Eden na Terra. Mas, em seu longo afã, a imaginação lhe foi sufocada: ele teme um aumento de sua lida com a incorporação da maldição de Eva à sua própria maldição.

No mesmo sentido em que a prostituição complementa o casamento, o orfanato é o mal complementar necessário de uma sociedade na qual a maioria das crianças vive sob um sistema de patronato, de pais genéticos. De um lado, porque as mulheres vivem sob o patronato, as mulheres desamparadas pagam um preço especial; do outro lado, porque as crianças são possessões de indivíduos específicos, em vez de serem membros livres da sociedade, as crianças desamparadas sofrem.

Os órfãos são essas crianças infortunadas que não têm pais numa sociedade que dita que todas as crianças *precisam* ter pais para sobreviver. Quando todos os adultos são monopolizados pelos seus filhos genéticos, não sobra ninguém para cuidar dos desamparados. Contudo, se *ninguém* tivesse relações exclusivistas com as crianças, então *todas* estariam livres para *todas* as crianças. O interesse natural pelas crianças se espalharia por todas as crianças, em vez de se concentrar estreitamente na própria criança de cada um.

Os males deste sistema de orfanato, a existência-tipo-quartel, a impessoalidade, o anonimato surgem porque estas instituições são *depósitos* para os rejeitados num sistema familiar exclusivista; ao passo que nós queremos espalhar as emoções familiares por toda a sociedade. Assim, as instituições para crianças e suas conseqüências estão entre os passos mais distantes nas alternativas revolucionárias porque elas violam quase que todos os nossos postulados essenciais: a integração das crianças numa sociedade total, e a concessão de plena liberdade econômica e sexual.

Mas existe uma razão mais concreta pela qual essa imagem subliminar de horror funciona no sentido de destruir as sérias considerações do feminismo: o malogro das experiências sociais do passado. Os experimentos radicais, quando aconteceu de solucionarem os problemas totalmente, criaram uma série de problemas inteiramente novos — e não necessariamente melhorada — em seu lugar. Lancemos um breve olhar sobre alguns destes experimentos radicais, a fim de determinar as causas de seu fracasso — porque eu acredito que o fiasco não foi de modo algum surpreendente, dados os postulados originais do experimento, e seu contexto social específico. Podemos depois usar essa informação como uma pauta negativa nova e valiosa, que nos instrua sobre o que mais deve ser evitado em nosso próprio programa.

O mais importante malogro de todas as experiências sociais modernas foi o das comunas russas. (O fracasso da Revolução Russa é, em geral, um espinho na vida de todo partido radical; mas raramente é observada a relação direta entre a sua frustração e a das comunas.) Isto levou, ironicamente, à suposição de existência de uma conexão causal entre a abolição da família e o desenvolvimento de um estado totalitário. Nessa visão, a reinstalação do sistema da família nuclear, feita posteriormente pela Rússia, é vista como uma tentativa desesperada de recuperar os valores humanistas — a privacidade, o individualismo, o amor, etc., naquela altura em rápido desaparecimento.

Mas trata-se do oposto: *O fracasso da Revolução Russa se atribui diretamente à derrota de suas tentativas para eliminar a família e a repressão sexual.* Este fracasso, por sua vez, como vimos, foi causado pelas limitações de uma análise revolucionária de óptica masculina, fundamentada exclusivamente em classes econômicas, que não considerou em nenhum momento a família na sua função de unidade econômica. *Além disso, todas as revoluções sociais até esta data malograram ou malograram precisamente por estas razões.* Qualquer liberação inicial, sob o socialismo atual, deverá sempre reverter à repressão, porque a estrutura da família é a *fonte* da

opressão psicológica, econômica e política. As tentativas socialistas de suavizar a estrutura de poder dentro da família, através da incorporação das mulheres na força de trabalho ou no exército, não passam de reformistas. Assim, não é uma surpresa o fato de o socialismo, como ele é hoje constituído nas várias partes do mundo, não só não representar nenhuma melhoria em relação ao capitalismo, como ser freqüentemente pior do que ele.

Assim se desenvolve um componente importante da imagem do Pesadelo: a destruição da família, o último refúgio da intimidade, do conforto, da privacidade, do individualismo, etc., e a intrusão total da economia da superestrutura em todos os aspectos da vida, a convocação das mulheres para um mundo masculino, em vez da eliminação total das distinções de classes sexuais. Pelo fato de nenhuma medida ter sido tomada para restabelecer o elemento feminino no mundo exterior, para incorporar o "privado" no "público", e ainda porque o princípio feminino foi menosprezado ou eliminado, em vez de ser difundido de modo a humanizar a sociedade, o resultado foi um horror.

Wilhelm Reich, em seu livro *A Revolução Sexual*, sintetizou as razões objetivas específicas do fracasso das comunas russas, numa das melhores análises já feitas até hoje:

1) Confusão dentro da liderança e evasão do problema.

2) A árdua tarefa de reconstrução geral, dados o atraso cultural da Velha Rússia, a guerra e a fome coletiva.

3) Falta de Teoria. A Revolução Russa foi a primeira de seu gênero. Nenhuma tentativa foi feita para lidar com os problemas emocionais-sexuais-familiares existentes na formulação da teoria revolucionária fundamental. (Ou, nos nossos termos, houve falta de um "aumento de consciência" relativo à opressão das mulheres/crianças e falta de uma análise feminista radical, antes da própria revolução.)

4) A estrutura psicológica sexual-negativa do indivíduo, criada e reforçada através de toda a História pela

família, impediu a liberação do indivíduo dessa mesma estrutura. Como propõe Reich:

"Deve ser lembrado que os seres humanos têm um medo enorme daquele gênero de vida por que eles tanto anseiam, mas que diverge de sua própria estrutura."

5) As complexidades concretas e explosivas da sexualidade.

No quadro que Reich descreve da época, sentimos a imensa frustração das pessoas tentando se libertar, mas não dispondo de uma ideologia bem-estruturada para orientá-las. No fim das contas, o fato de terem tentado tanto sem haver um preparo adequado tornou seu fracasso ainda maior. *Destruir o equilíbrio da polarização sexual sem eliminá-lo totalmente foi pior do que não fazer absolutamente nada.*

Um outro sistema comunitário experimental, muito elogiado, é o *kibbutz* em Israel. Aqui, contudo, não existe um fracasso total. Geralmente se diz que as crianças do *kibbutz* carecem de individualismo, que existe um "grupismo" na sua psicologia, que é o preço da eliminação da família ("E se você quiser pagar o preço, bem...") Nesse caso eu prefiro falar da minha própria experiência, embora haja vários livros sobre a matéria. Esta é a minha impressão da vida no *kibbutz*:

A divisão do trabalho é tão pronunciada quanto sempre foi (uma mulher explicou-me que dirigir um trator é capaz de arruinar a natureza feminina). As moças estrangeiras são as únicas que ainda discutem porque as mulheres não estão no campo, e sim confinadas à cozinha, à lavanderia, à sala de costura, ou, na melhor das hipóteses, ao galinheiro.⁵ As crianças identificam-se in-

5. Durante curta estada, observei o seguinte: Uma amiga minha americana, embora fosse uma enfermeira registrada, não poderia, apesar de uma disputa infundável, conseguir um emprego na enfermagem — porque todas as mulheres eram necessárias na cozinha. Um emprego numa loja de sandálias foi dado a um rapaz inexperiente, preferido a uma moça especializada em atesanoato.

tensamente com seus pais genéticos (ouvem-se repetidamente as palavras “Emma Sheli”, “Abba Sheli”, “Minha mãe”, “Meu pai”, no mesmo tom em que toda criança em todo quarteirão dos EUA diz: “Se você não fizer isso eu vou falar com meu pai”, ou “Minha mãe vai te bater”). Os laços familiares permanecem fortes, ainda que suas piores conseqüências sejam evitadas.

Acima de tudo, as crianças ainda são segregadas, tendo até facilidades, fazendas, horários de refeição e atividades especiais. O conceito de infância permanece, incluindo as atividades próprias a ela. O ensino segue o modelo europeu, ainda que alguns de seus piores aspectos, como a graduação, tenham sido eliminados. As salas de aula se mantêm, na proporção de um adulto para vinte crianças, sendo ainda o seu objetivo final a aprovação do adulto, em vez da aprendizagem em si mesma.

Os modelos de papel sexual são adotados vigorosamente, a segregação sexual não foi eliminada (há banheiros diferentes para homens e mulheres) e a homo ou a bissexualidade são tão desconhecidas que, quando eu trouxe o assunto à baila, várias mulheres saíram da sala em sinal de protesto. Apesar dos rumores em contrário, o *kibbutz* é cada vez mais conservador em relação ao sexo (é embaraçante para uma mulher solteira pedir pílulas anticoncepcionais, e as doenças venéreas são consideradas uma vergonha), e qualquer união que não seja a união a-longo-prazo com um parceiro aprovado socialmente é vista com maus olhos. A sexualidade no *kibbutz* continua sendo estruturada de modo convencional, pouco diferente da sexualidade da sociedade em geral. O tabu do incesto e suas conseqüências simplesmente foram estendidos da família ao grupo que a substitui.

Na verdade, o *kibbutz* não representa uma experiência radical, mas um comunismo limitado, instituído para fins agrícolas específicos ulteriores. O *kibbutz* não é nada mais do que uma comunidade de pioneiros da lavoura, forçados a sacrificar temporariamente as estruturas sociais tradicionais para se adaptarem a um conjunto de condições específicas nacionais. Se e quando estas condições mudarem, o *kibbutz* voltará ao “normal”.

Por exemplo: no *kibbutz* de extrema esquerda em que eu fiquei, as mulheres preocupavam-se em exigir cozinhas particulares adicionais à da comunidade, que servia refeições seis vezes ao dia. Elas ainda estavam confiadas ao papel da Esposa Perfeita, mas não dispunham das condições apropriadas para desempenhá-lo. Seu interesse pelas roupas, moda, maquiagem, charme, não muito fácil de saciar, parecia e na verdade *era* a aspiração da moça da roça pelos vícios da cidade grande — tanto mais intensa na fantasia porque difícil de se realizar na prática. Atravessando a seção residencial do *kibbutz*, ao início do entardecer, eu poderia sem nenhum esforço imaginar que estava caminhando por um subúrbio tranqüilo ou por uma cidadezinha dos EUA. As casas padronizadas são cuidadas com a atenção das propriedades privadas de qualquer pequeno burguês, com a mesma decoração zelosa dos apartamentos. (O retorno à propriedade me foi justificado como sendo “apenas realista”. Anteriormente os membros do *kibbutz* tinham repartido entre si até as próprias roupas, mas logo ficaram saturados.) A propriedade ainda é uma importante extensão do *self* — porque as crianças ainda são uma propriedade. A fila dos Pequeninhos seguindo a Super-Mãe num passeio fora da Casa das Crianças é igual a todos os jardins-de-infância de todo o mundo. As crianças ainda continuam oprimidas.

É extraordinário que, apesar da falta de radicalismo da experiência do *kibbutz*, ela tenha funcionado tão bem. Os resultados proporcionais ainda que de um enfraquecimento apenas da divisão do trabalho, da mentalidade de propriedade, da família nuclear, da repressão sexual, etc. são espetaculares. Minha impressão foi de que as crianças eram física, mental e emocionalmente mais saudáveis do que as crianças que viviam na estrutura familiar americana; que não eram mais amistosas e generosas, com uma grande curiosidade pelo mundo exterior; que seus pais não eram tão nervosos e briguentos, conseqüentemente capazes de manter melhores relações com elas; e que sua

criatividade e individualidade eram incentivadas tanto quando era possível de serem custeadas pela comunidade.⁶

Uma outra experiência, limitada porém mais elogiada do que esta, que produziu bons resultados de um modo desproporcionado, é Summerhill, de A. S. Neill. No famoso livro sobre sua pequena escola experimental ao norte da Inglaterra, intitulado *Summerhill: A Radical Approach to Childrearing* (um livro obrigatório na estante de todo pai liberal digno, radical, boêmio, e/ou universitário), ele descreve a transição das crianças normais para crianças “livres” que se autodirigem. Mas Summerhill não é um enfoque “radical” sobre a educação das crianças — é um enfoque liberal. Neill, uma espécie de diretor de escola benevolente e honesto, em vez de um verdadeiro inovador social,⁷ construiu um pequeno refúgio para aquelas vítimas de nosso sistema atual, cujos pais tinham o dinheiro e a visão liberal necessários para mandá-las para lá. Dentro deste abrigo, as crianças são poupadas dos efeitos mais prejudiciais do autoritarismo existente na estrutura familiar. Há uma aparência de igualdade entre as crianças e os que dirigem o lugar (o voto de Neill conta como sendo somente um, embora eu imagine que numa crise real a decisão não seja determinada por voto. Em todo caso, as crianças sempre sabem quem é o chefe, por mais benevolente que ele seja), e a educação obrigatória é abrandada; embora as crianças aprendam somente quando quiserem, a estrutura das aulas, ainda que mais flexível, permanece inalterada. Apesar da masturbação não ser vista com maus olhos, certamente as relações sexuais não são incentivadas (afinal, observa Neill, com muita propriedade, “eles” fechariam

6. Num *kibbutz* encontrei um rapaz de dezessete anos que tinha construído seu próprio ateliê de artista, onde ele ia com seus amigos pintar regularmente. Isto foi feito, tipicamente, como o seu projeto inteiro.

7. Neill fala de si mesmo: “Embora escreva e diga o que penso da sociedade, se eu tentasse reformar a sociedade *pela ação* a sociedade me mataria como sendo uma ameaça pública... [Acredito] que meu trabalho primordial não é a reforma da sociedade, mas levar felicidade para algumas poucas crianças.”

a escola). E o que é pior: os papéis sexuais não começaram a ser eliminados,⁸ o que estaria um pouco além dos objetivos desta experiência, visto que as crianças já estão psicosssexualmente formadas pela família na época em que entram na escola, aos cinco anos de idade ou mais. Em todos os aspectos — psicológico, sexual, educacional — temos então apenas um abrandamento de alguns dos mais severos aspectos do sistema.

O problema não foi atacado em suas raízes. Legalmente, as crianças ainda estão sob a jurisdição dos pais, que podem fazer delas o que quiserem. (É as crianças não podem encomendar pelo correio pais do tipo dos que as enviarão para Summerhill.) Neill queixa-se continuamente dos pais, que podem desfazer todo o seu trabalho nas férias, ou arrastar os filhos para fora da escola, no momento em que os piores efeitos da vitimação tiverem desaparecido. Ele tem medo do poder deles sobre si mesmo. Afinal, ele está às suas ordens: se não

8. Neill comenta sobre a volta às divisões de papéis sexuais com um pouco de frustração, mas com uma aceitação geral. Na verdade, ele e sua esposa Ena agem dentro dos papéis de modelos benevolentes, embora talvez para uma família maior. Eis Neill falando sobre o assunto: “Num dia bom pode ser que você não veja os meninos “*gangsters*” [?] de Summerhill. Eles estão em cantos distantes nas suas *aventuras*. Mas você verá as meninas. Elas estarão dentro ou perto de casa, e nunca muito longe dos *mais velhos*.”

Você geralmente encontrará a Sala de Artes cheia de meninas pintando e fazendo coisas em tecidos. Contudo, principalmente eu creio que os meninos menores são mais criativos; pelo menos eu nunca ouvi um menino dizer que está aborrecido porque não sabe o que fazer, enquanto que de vez em quando eu ouço as meninas dizerem isso.

Talvez eu ache os meninos mais criativos do que as meninas porque a escola deve estar melhor equipada para os meninos do que para as meninas. As meninas de dez ou mais anos têm pouca utilidade para uma sala de ferro e madeira... Elas têm seus trabalhos de arte, que incluem cerâmica, cortar moldes de linóleo, pintura, costura, mas para algumas isto não é suficiente.

As meninas tomam parte menos ativa nas reuniões da escola do que os meninos, e não encontro qualquer explicação para o fato.” (Grifos da autora)

estão satisfeitos com O Produto, os “eles” obscuros ainda têm a palavra final. Mesmo quando acontece serem os pais seguidores devotos da filosofia de Summerhill,⁹ eles incomodam com as suas constantes visitas e perguntas. As crianças têm que se acostumar a viver num zoológico, entre os dois, os visitantes admirados e os investigadores cheios de dúvidas (incluindo todo um exército de investigadores oficiais), o que constitui uma mudança ínfima em seu *status* habitual de objeto.

E como poderia deixar de ser assim? Summerhill é um refúgio isolado, onde as crianças estão ainda mais — e não menos — segregadas dos adultos e até da vida da cidade. E a escola depende totalmente, até para existir, da boa vontade dos pais legais e dos doadores liberais. Ela não passa de uma comunidade auto-suficiente com uma economia própria e, conseqüentemente, está propensa a se tornar um acampamento que funciona durante o ano todo para atender a crianças-problema, cujos pais foram arrastados para o liberalismo como um último recurso. Pelo fato de as crianças serem muito mais numerosas do que os adultos, e constituírem a razão central da existência de todo o projeto, seus desejos e opiniões são observados e “respeitados” mais do que na maioria dos outros lugares no mundo, mas trata-se de um respeito artificial, sem bases numa verdadeira integração em uma comunidade legítima.

9. Se a experiência escolar isolada de Summerhill funciona num grau “limitado”, a “casa” Summerhill falha gritantemente. Não há nada mais triste do que o espetáculo dos pais tentando iniciar sua versão particular própria de Summerhill na sua vida familiar, nunca compreendendo a profunda contradição entre a família nuclear e a verdadeira liberdade da criança. Eu estive em casas em que as mães restringiam-se a implorar aos filhos para pararem de bater nas visitas (eu) — elas não se atreviam a usar o poder que o filho, pelo menos, *sabia* que estava lá e de fato estava provocando. Há outras famílias em que as crianças são arrastadas periodicamente para conselhos de família; e assim por diante. Mas no entanto, apesar de todas estas medidas progressivas, as crianças instintivamente sabem — e agem a partir desse conhecimento — que quaisquer decisões serão baseadas em realidades práticas, *que os pais controlam*.

E se, só com essas reformas superficiais, as crianças já mostram um comportamento notavelmente aperfeiçoado, sendo substituídas a sua agressão, repressão e hostilidade pela cortesia autêntica, pela liberalidade psicológica e pela honestidade, imagine-se então o que poderíamos esperar sob condições verdadeiramente revolucionárias.

Um estudo detalhado destas e de outras experiências, feito a partir de um ponto de vista feminista radical constituiria uma contribuição valiosa para a teoria feminista. Fomos breves por necessidade. Discutimos algumas das mais importantes experiências sociais modernas, em primeiro lugar para mostrar que elas não preenchem as quatro condições mínimas apresentadas por nós para uma revolução feminista.

Sintetizemos as causas do fracasso:

1) Os laços especiais das mulheres com a reprodução biológica e a educação das crianças, que levam a uma divisão desigual do trabalho, ao estabelecimento de classes baseadas no sexo, à psicologia do poder e a outros males, nunca foram rompidos. Os papéis femininos foram ampliados, em vez de redefinidos. As mulheres podem ter sido (parcialmente) integradas na economia masculina da superestrutura, e isto geralmente só para preencher uma necessidade de trabalho específica e usualmente transitória, mas nunca o papel feminino foi difundido pela sociedade como um todo. Assim, as mulheres conservaram seus antigos papéis e, em alguns casos, meramente acrescentaram um papel novo a estes.

2) Em alguns casos, como em Summerhill, a experiência dependia da economia — e da boa vontade — de uma comunidade (repressiva) mais ampla, e conseqüentemente era parasitária, e de fundamentos fracos. Contudo, naquelas comunidades que tinham o socialismo na base de sua experiência o problema não foi tanto este. As crianças das comunas e do *kibbutz* sentem-se tão dependentes da comunidade em geral quanto de qualquer pessoa específica. Frequentemente elas participam até do trabalho produtivo. Essas experiências só são ainda falhas na divisão do trabalho, e isto, sabemos, deriva de outras razões.

3) A contínua segregação das crianças e uma falta de reestruturação radical da escola ou de dar um fim nela. Os métodos de segregação têm variado, desde o extremo dos orfanatos do tipo quartel, até a sua versão mais liberal, o acampamento isolado de um Summerhill, ou de uma *Beit Yeladim*, a Casa das Crianças do *kibbutz*. Mas, apesar de seu impacto destrutivo poder ter sido amortecido, em nenhuma circunstância foi discutido o conceito de infância, ou foi abandonado completamente o aparato da infância (a escola moderna, as roupas especiais para crianças, etc.).

4) A repressão sexual continuou a atuar, em parte por causa do fracasso em cortar as conexões especiais existentes entre as mulheres e as crianças, e em parte porque os pioneiros não foram capazes de superar suas próprias estruturas "sexuais negativas".¹⁰

5) Não houve o desenvolvimento de uma consciência e de uma análise feminista, anteriores ao início da experiência. O melhor exemplo dessa deficiência são nossas experiências comunitárias americanas, feitas atualmente, que meramente expandem a estrutura da família de modo a incluir um maior número de pessoas. A divisão do trabalho permanece atuando, porque não foi questionado o papel da mulher junto ao berço (da criança) ou junto à cozinha, nem o papel do homem como provisor. E, uma vez que a relação "mãe/filho" permanece intacta, não é de surpreender que, quando acontece uma comuna se dissolver, desapareçam todos os "padrinhos", bem como o próprio pai genético, deixando a mãe engasgada — sem sequer a proteção de um casamento normal.

Assim, nunca houve um exemplo verdadeiro de uma associação ampla de mulheres e crianças na sociedade

10. Reich discute a incapacidade russa de lidar com os primeiros sinais de uma sexualidade livre infantil. O sexo na criança foi interpretado em termos puritanos como o sinal de uma decadência moral, em vez de como o primeiro estágio da volta a uma sexualidade natural.

em geral. A experiência social moderna, semelhante ao estágio matriarcal da história humana, significa apenas um afrouxamento relativo dentro do movimento mais amplo em direção à consolidação da supremacia masculina através da História. Ela nunca alterou a condição fundamental de opressão sexual. Alguns benefícios que reverteram para as mulheres e as crianças foram incidentais diante dos outros objetivos sociais — que, eles próprios, foram dificultados pelo vasto e irreconhecível substrato da opressão sexual. Porque sua ideologia não estava fundada nas quatro mínimas premissas feministas afirmadas anteriormente, estas experiências nunca chegaram a realizar sequer os objetivos democráticos mais limitados que seus teóricos (homens) e líderes haviam predito. Contudo, seu êxito dentro de esferas limitadas mostra que a unidade da família biológica é receptiva à mudança. Mas teremos que controlar totalmente as suas instituições para que a opressão seja eliminada completamente.

Contudo — para ser justa — só recentemente, nos países industriais mais adiantados é que começaram a existir aquelas condições autênticas, necessárias para uma revolução feminista. Pela primeira vez está sendo possível atacar a família, não só em bases morais — por ela reforçar as classes sexuais baseadas na biologia, colocando os homens, que são posteriormente divididos entre si em função da raça e do privilégio de classe, numa posição acima das mulheres de todas as idades e da infância masculina — mas também em bases funcionais: a família não é mais necessária ou útil como unidade social básica da reprodução e da produção. Não existe mais uma necessidade de reprodução universal, ainda que o desenvolvimento da reprodução artificial não venha logo substituir a própria reprodução biológica em questão. A cibernetização, ao alterar não só a relação do homem com o trabalho, mas também a sua necessidade de trabalho, finalmente arrancará qualquer valor prático remanescente na divisão do trabalho, que está na origem da família.

3. A Morte Lenta da Família

A crescente erosão das funções da família, gerada pela tecnologia moderna, poderia já ter produzido agora alguns sinais de seu enfraquecimento. Contudo, a situação não é absolutamente esta. Embora a instituição seja arcaica, foram importados, para escorá-la, alguns reforços culturais artificiais: sermões sentimentais, manuais de liderança, colunas diárias em jornais e revistas, cursos especiais, serviços e instituições para casais (profissionais), pais e educadores infantis, nostalgia, advertências às pessoas que questionam a família ou que a abandonam, e, finalmente, uma reação verdadeira, incluindo uma perseguição implacável aos inconformistas, no caso de o número de deserções se tornar uma ameaça séria à família. Isto só não aconteceu ainda porque não foi realmente necessário.

O casamento encontra-se na mesma situação da Igreja. Ambos, do ponto de vista funcional, estão virando cadáveres, por mais que seus pregadores andem por aí anunciando um renascimento, angariando avidamente conversões num dia de pavor. E, exatamente como se declarou a morte de Deus muitas vezes, e ele sempre encontra este modo furtivo de ressurgir, assim também todo mundo desmascara o casamento, mas acaba se casando.¹¹

O que é que mantém o casamento de pé? Chamei a atenção para alguns dos baluartes culturais do casamento no século XX. Vimos como a tradição romântica do amor não-conjugal, o hetairismo que foi um auxiliar indispensável na manutenção do casamento monogâmico, foi propositalmente confundida com esta instituição mais

11. Noventa e cinco por cento das mulheres americanas ainda se casam e noventa por cento têm filhos, na maioria das vezes mais de dois. As famílias com crianças em número médio (dois a quatro) são tão predominantes como sempre, o que não é mais atribuível ao surto de bebês do pós-guerra.

pragmática do que qualquer outra, tornando-a mais atraente — e conseqüentemente impedindo os indivíduos de experimentarem outras formas sociais que poderiam satisfazer suas necessidades emocionais de um modo igual ou melhor do que este.

Sob uma pressão crescente, minadas as bases pragmáticas da instituição do casamento, os papéis sexuais afrouxaram a um tal ponto, que teria causado vergonha a qualquer vitoriano. *Ele* não sofria dúvidas torturantes em relação ao seu papel, nem em relação à função e ao valor do casamento. Para ele, o casamento era simplesmente um acordo econômico em seu próprio benefício, que poderia satisfazer mais facilmente as necessidades físicas e reproduzir seus herdeiros. A esposa também estava certa de seus deveres e recompensas: devia a ele, durante toda a vida, a propriedade de si mesma e de todos os seus serviços sexuais, psicológicos e domésticos, em troca de apoio e proteção a longo prazo de um membro da classe dominante, e por sua vez ele lhe devia um controle limitado sobre um lar e sobre os filhos dela até eles atingirem uma certa idade. Hoje em dia, este contrato baseado em papéis separados foi tão dissimulado pelo sentimentalismo que se tornou completamente irreconhecível para milhões de recém-casados, e até para a maioria dos casais mais antigos.

Mas, este enfraquecimento do contrato econômico e a conseqüente confusão dos papéis sexuais não aliviou a opressão da mulher num grau significativo. Em muitos casos, ele apenas a colocou numa posição mais vulnerável ainda. Com o acordo de casamento tratado pelos pais quase abolido, uma mulher, considerada ainda parte de uma subclasse, deve, hoje, jogar um jogo desesperado para ganhar o apoio e a proteção indispensáveis de um homem, perseguindo até pegar machos entendiados, que aparentam contudo serenidade. E mesmo uma vez casada, qualquer sobreposição de papéis geralmente acontece do lado da mulher e não do marido. A cláusula “trate com carinho e proteja” é a primeira coisa a ser esquecida — ao passo que a esposa ganhou o privilégio de ir trabalhar para “ajudar”, e até o de obrigar o marido a

ir à escola. Mais do que nunca ela arca com o impacto do casamento, não só no plano emocional, mas também em todos os seus aspectos mais práticos. Ela simplesmente somou o trabalho dele ao dela.

Um segundo suporte cultural dessa instituição obsoleta é a privatização da experiência do matrimônio. Cada cônjuge inicia o matrimônio convencido de que aquilo que aconteceu com seus pais, de que aquilo que aconteceu com seus amigos não poderá nunca acontecer com ele. Embora o Naufrágio do Casamento tenha-se tornado um *hobby* nacional, uma obsessão universal — como é testemunhado pela proliferação de manuais para o casamento e o divórcio, pela indústria de revistas femininas, por uma classe afluyente de consultores matrimoniais, pelos repertórios completos de piadas do gênero “Ball-and-Chain”*, e pelos produtos culturais tais como a novela de rádio, o gênero casamento-e-família da TV, p.ex., *I Love Lucy* ou *Papai Sabe-Tudo*, os filmes e peças de teatro como *Faces*, de Cassavetes, e *Quem Tem Medo de Virgínia Woolf?* — ainda encontramos em todo lugar um sinal desafiante de otimismo do gênero “Nós somos diferentes”, que cita habitualmente o único caso de um bom casamento (mesmo que exemplar externamente) na comunidade para provar que *isto* é possível.

O processo de privatização é caracterizado por observações do tipo “Bem, eu sabia que daria uma ótima mãe.” É inútil chamar a atenção para o fato de que *todo mundo* diz isso, que os pais ou amigos hoje repudiados como “maus” pais e “pobres” parceiros de casamento, todos começaram o casamento e a paternidade exatamente com o mesmo espírito. Afinal, será que alguém *escolhe* um casamento “ruim”? Será que alguém *escolhe* ser uma mãe “ruim”? E, mesmo que se tratasse de uma questão dos “bons” *versus* os “maus” cônjuges ou pais, sempre haveria tantos destes quanto daqueles. Sob o atual sistema de casamento e paternidade universal, o número de esposas e crianças que podem tirar a sorte boa só pode

* A expressão refere-se ao gênero clássico de piadas girando em torno da imagem da corrente presa a uma bola usada pelos presos. (N.T.)

ser exatamente o mesmo das de sorte má. Na verdade, todas as classificações de “bom” e “mau” estão fadadas a se reproduzirem em proporções idênticas.¹² Assim, o processo de privatização funciona no sentido de fazer que as pessoas continuem a culpar a si mesmas, em vez de culpar a instituição por este fracasso. Apesar da instituição revelar-se bastante insatisfatória e até podre, ela incita as pessoas a acreditar de algum modo que sua situação específica será diferente. As advertências podem não surtir nenhum efeito, porque não existe nenhuma lógica no por-quê as pessoas se casam. Todo mundo tem os próprios olhos, os próprios pais. Se alguém prefere bloquear qualquer evidência, é porque precisa disso. Num mundo descontrolado, as únicas instituições que lhe dão uma *ilusão* de controle, que parecem oferecer alguma segurança, proteção ou calor são as instituições “privadas”: a religião, o casamento/família, e, mais recentemente, a terapia psicanalítica. Mas, como vimos, a família não é nem privada, nem é um refúgio; está, sim, diretamente relacionada — sendo até a sua causa — aos males da sociedade em geral, males que o indivíduo não é mais capaz de enfrentar.

Mas os baluartes culturais que acabamos de examinar — a confusão do romance com o casamento, o enfraquecimento das suas funções econômicas e de seus papéis sexuais rígidos, o processo de privatização, a ilusão de controle e de refúgio, todos os quais exploram os medos do indivíduo moderno vivendo dentro de um meio

12. Mas o que realmente significa essa dicotomia do bom/mau? Talvez, afinal, ela seja apenas uma distinção eufemística de *classes*: sensíveis e educados, opostos aos ineducados, desprotegidos, esgotados e portanto indiferentes. Mas, embora mesmo uma criança nascida de pais educados e da classe alta seja mais feliz em todos os aspectos, e esteja capacitada a receber um bom número de privilégios em virtude de sua classe, de seu nome, e da propriedade, que ela está apta a herdar, a distribuição das crianças é igual em todas as classes — se de fato as crianças nascidas dos infortunados não excederem em número às outras — desse modo reproduzindo a proporção idêntica da desigualdade original.

ambiente cada vez mais hostil — não são ainda a resposta completa ao porquê a instituição do casamento continua a florescer. É pouco provável que esses pontos negativos pudessem manter sozinhos a unidade familiar como uma instituição vital. Também seria fácil demais atribuir a continuidade da estrutura familiar unicamente a um reflexo. Revendo o casamento em relação às nossas quatro exigências mínimas feministas, descobriremos, e eu temo isto, que ele preenche (a seu modo miserável) pelo menos uma parte dessas exigências de um modo pelo menos igual ou melhor do que o da maior parte das experiências sociais que discutimos.

1) A libertação das mulheres da tirania da reprodução e da função de educar as crianças mal é preenchida. Contudo, as mulheres freqüentemente têm atenuados os seus trabalhos mais pesados através da classe das empregadas — e, no casamento moderno, através da ginecologia moderna, do “planejamento familiar”, e da crescente atribuição à escola, às creches diurnas, e outras mais, da função de educação das crianças.

2) Apesar de geralmente não ser concedida a *independência* financeira às mulheres e às crianças, existe um substituto para ela: a *segurança* física.

3) As mulheres e as crianças, segregadas da sociedade como um todo, estão integradas dentro da unidade familiar, único lugar onde ocorre esta integração. O fato de a pequena interação existente entre os homens, as mulheres e as crianças estar concentrada numa única unidade social torna esta unidade tanto mais difícil de ser abandonada.

4) Apesar de a família ser a fonte da repressão sexual, ela garante ao casal um suprimento sexual estável, senão satisfatório, e supre os outros membros de relações “inibidas quanto ao alvo”, que, em muitos casos, serão as únicas relações a longo prazo que esses indivíduos terão.

Assim, estas são vantagens práticas do casamento, às quais as pessoas se apegam. Não se trata absolutamente de uma propaganda cultural. Numa escala de vantagens, o casamento — pelo menos na sua versão liberal

desesperada — funciona tanto quanto a maioria das alternativas experimentais tentadas até aqui, e que, como vimos, também preencheram algumas das exigências e não outras, ou preencheram todas elas apenas parcialmente. E o casamento tem somada a vantagem de ser uma quantidade conhecida.

E contudo o casamento, por sua própria definição, nunca será capaz de preencher as necessidades de seus participantes, porque ele se organizou em torno de uma condição biológica fundamentalmente opressiva, que ele reforça, e que somente agora saberíamos corrigir. Enquanto houver a instituição, subsistirão condições opressivas nas quais ela se baseia. Precisamos começar a falar de novas alternativas que satisfaçam, melhor que o casamento, as necessidades emocionais e psicológicas que ele, arcaico como é, ainda satisfaz. Mas qualquer proposta em nossa escala feminista deve ser pelo menos melhor que a do casamento, senão, apesar de todas as advertências, as pessoas continuarão presas a ele — na esperança de que ao menos essa vez, exatamente com elas, o casamento dará certo.

4. Alternativas

A armadilha clássica para apanhar qualquer revolucionário é sempre a mesma: “Qual a alternativa que você apresenta?” Mas mesmo que você *pudesse* oferecer um plano ao interrogador, isto não significa que ele o usaria. Na maioria dos casos ele não é sincero quando demonstra querer saber. Na verdade, este é um ataque comum, uma técnica para desviar a ira revolucionária e voltá-la contra si mesma. Além do mais, os oprimidos não têm o dever de convencer todas as pessoas. Tudo o que eles precisam saber é que o sistema atual os está oprimindo.

Mas, apesar de ser necessário que qualquer direção específica surja organicamente da própria ação revolucionária, eu ainda me sinto tentada a lançar aqui algumas

propostas concretas “perigosamente utópicas” — não só em solidariedade aos meus próprios dias pré-radicais, quando a Linha Não-Responsável-Pelos-Projetos me deixou perplexa, mas também porque estou ciente dos perigos políticos decorrentes do fracasso peculiar da imaginação em criar alternativas para a família. Existem, como vimos, várias razões justificáveis para esse fracasso. Em primeiro lugar, não há precedentes de uma revolução feminista na História — certamente houve mulheres revolucionárias, mas foram usadas pelos homens revolucionários, que raramente sequer faziam protestos pela igualdade das mulheres, muito menos por uma reestruturação radical feminista da sociedade. Além do mais, não nos foi dada sequer uma imagem literária dessa sociedade futura; não existe nem mesmo uma literatura feminista *utópica*. Em terceiro lugar, a natureza da unidade é tal que ela penetra no indivíduo num nível mais profundo do que qualquer outra organização social nossa: ela literalmente o toca “no ponto certo”. Mostrei como a família molda a psique do indivíduo de acordo com sua estrutura — até que finalmente ele a imagina absoluta, soando-lhe a referência a qualquer outra alternativa como uma perversão. Finalmente, a maioria das alternativas insinua uma perda até do pouco calor emocional proporcionado pela família, colocando o indivíduo em pânico. Contudo, o modelo que eu vou traçar agora está sujeito às limitações de qualquer plano disposto num papel por um único indivíduo. Mantenham em mente que estas não pretendem ser respostas finais, que na verdade o leitor provavelmente poderá redigir um outro plano que atenda tanto ou melhor do que o meu aos quatro imperativos estruturais expostos anteriormente. As propostas que se seguem são portanto um esboço, que pretende estimular o pensamento a operar em áreas arejadas, em vez de ditar a ação.

* * *

Qual seria a alternativa para 1984, se nos fosse possível realizar a tempo nossas próprias exigências?

A característica mais importante a ser mantida em qualquer revolução é a *flexibilidade*. Proporei, então, um programa de opções múltiplas, algumas transitórias, outras distantes no futuro, que existiriam simultaneamente, combinando-se umas às outras. Uma pessoa deve escolher um “estilo de vida” por um período de uma década, e preferir um outro estilo no período seguinte.

1) *Profissões de Solteiro* — Uma vida de solteiro, organizada em torno das exigências de uma escolha profissional, em que as necessidades sociais e emocionais do indivíduo sejam satisfeitas através da própria estrutura ocupacional particular dessa profissão, poderá constituir uma solução atraente para muitos indivíduos, especialmente no período de transição.

As profissões de solteiro praticamente desapareceram, apesar do incentivo à reprodução não ser mais uma preocupação socialmente válida. Os papéis antigos de solteiro, como a vida religiosa celibatária, os papéis cortesãos — de bufão, músico, mensageiro, cavaleiro e escondeiro real — os vaqueiros, marinheiros, bombeiros, choferes de caminhão, detetives, pilotos, tinham um prestígio todo próprio. Não havia nenhum estigma ligado ao fato de ser profissionalmente solteiro. Infelizmente, estes papéis raramente foram franqueados às mulheres. A maioria dos papéis femininos de solteiro (como tia solteirona, freira, ou cortesã) eram ainda determinados por sua natureza sexual.

Vários cientistas sociais estão hoje propondo como solução para o problema demográfico o incentivo de “estilos de vida anormais” que por definição implicam a não-fertilidade. Richard Meier sugere que as atraentes profissões de solteiro, previamente atribuídas somente aos homens, poderiam agora ser abertas às mulheres, como, por exemplo, a de “astronauta”. Observa que quando essas ocupações são entregues às mulheres, é porque elas estão baseadas nos atrativos sexuais de uma moça, e conseqüentemente não podem ser consideradas senão como estações intermediárias limitadas no caminho em direção a um melhor emprego ou ao casamento. E acrescenta, “tantas são as limitações impostas [ao trabalho das mu-

lheres fora de casa]. . . que chegamos a suspeitar da existência de uma conspiração, na qual está envolvida toda a cultura, no sentido de tornar o papel profissional tão desagradável que 90 por cento ou mais das mulheres preferirão os afazeres domésticos, por verem neles uma alternativa melhor". Através de uma ampliação de seja quais forem os papéis de solteiro ainda existentes em nossa cultura de modo a incluir as mulheres, através da criação de uma quantidade maior destes papéis, e de um programa de incentivos que torne estas profissões compensadoras, poderíamos, sem muito esforço, reduzir o número de pessoas interessadas pela paternidade ou pela maternidade.

2) "Morar Junto" — Inicialmente praticado exclusivamente entre os círculos boêmios ou intelectuais, e agora cada vez mais pela população em geral — especialmente pela juventude das metrópoles — "morar junto" está se tornando uma prática social comum. "Morar junto" é a forma social maleável na qual duas ou mais pessoas, de qualquer sexo, entram num acordo não-legalizado de convivência baseada no sexo e/ou companheirismo, e cuja duração varia conforme a dinâmica interna do relacionamento. O contrato é feito somente entre essas pessoas; a sociedade não interessa, já que nem a reprodução, nem a produção — dependência de uma parte sobre a outra — estão implicadas nele. Esta não-forma bastante flexível poderia ser expandida até se tornar a unidade padrão, que seria adotada pela maioria das pessoas, durante a maior parte de suas vidas.

Inicialmente, no período de transição, as relações sexuais seriam provavelmente monogâmicas (dessa vez no estilo feminino *single standard*),* mesmo que o casal decidisse viver com outras pessoas. Poderíamos até ter a continuação dos acordos de moradia entre grupos de caráter estritamente não-sexual ("companheiros de quarto"). Contudo, depois de várias gerações de um modo de vida não-em-família, nossas estruturas psicosssexuais poderiam

* Expressão usada para indicar os direitos atribuídos socialmente às mulheres, em comparação aos direitos muito maiores atribuídos aos homens (*double standard*). (N.T.)

se transformar de um modo tão radical que o casal monogâmico, ou os relacionamentos "inibidos quanto ao alvo" se tornariam obsoletos. Só nos é possível tentar adivinhar que tipo de relação poderia substituir estas — talvez "grupos matrimoniais" verdadeiros, casamentos entre grupos transexuais que também envolveriam as crianças mais velhas? Não sabemos.

As duas opções que sugerimos até agora — as profissões de solteiro e o "morar junto" — já existem, mas somente fora do padrão geral de nossa sociedade, ou durante breves períodos na vida do indivíduo normal. Precisamos *ampliar* essas opções de modo a incluir nelas um número muito maior de pessoas e durante períodos maiores de suas vidas, e de modo a transferir para essa nova opção todos os incentivos culturais que sustentam o casamento atualmente — tornando finalmente estas alternativas tão comuns e aceitas quanto o casamento é hoje.

Mas, e as crianças? Não é verdade que todo mundo deseja ter filhos ao menos uma vez na vida? Não se pode negar que as pessoas hoje sintam um desejo autêntico de ter filhos. Mas não sabemos até que ponto isto é o produto de uma afeição autêntica pelas crianças, e até que ponto representa um deslocamento de outras necessidades. Vimos que as necessidades parentais só são possíveis de serem satisfeitas através do aleijamento do filho. A tentativa de criar uma extensão do ego através dos filhos — no caso do homem, significando a "imortalização" do nome, da propriedade, da classe, e da identificação étnica, e no caso da mulher, significando a maternidade como a razão de ser de sua existência, e a consequente tentativa de viver através do filho, de ter o filho-como-um-projeto — acaba prejudicando ou destruindo conforme seja o caso ou a criança, ou o pai, ou ambos no caso de nenhum deles vencer.

Talvez quando a paternidade for despida dessas outras funções seja descoberto um instinto verdadeiro de paternidade, até mesmo da parte dos homens, nada mais do que um simples desejo físico de associar-se aos novos. Mas se isso acontecer, nós não teremos perdido nada, já que uma das exigências básicas de nosso sistema alter-

nativo é a existência de alguma forma de interação íntima com as crianças. Se existe de fato um instinto de paternidade, ele poderá atuar até mais livremente, quando se desligar das responsabilidades práticas da paternidade, que a tornam hoje um inferno agonizante.

Mas, e se, ao contrário, descobrirmos que não existe afinal um instinto de paternidade? Talvez todo esse tempo a sociedade tenha persuadido os indivíduos a terem filhos, através do deslocamento para a paternidade de interesses do ego que não encontram uma saída adequada. Isto pode ter sido impossível de evitar no passado — mas talvez agora seja o momento de começarmos a satisfazer de um modo mais direto essas necessidades do ego. Enquanto a reprodução natural for ainda necessária, poderemos planejar incentivos culturais menos destrutivos. Mas é provável que, uma vez eliminados os investimentos do ego na paternidade, a reprodução artificial seja desenvolvida e amplamente aceita.

3) *Households** — Descreverei agora, em linhas gerais, um sistema que, acredito, satisfará quaisquer necessidades remanescentes de ter filhos, depois que os interesses do ego deixarem de fazer parte de nossas motivações. Suponhamos que uma pessoa ou um determinado casal deseje, a certa altura da vida, viver ao redor de crianças, numa unidade tipo família. Embora a reprodução não mais represente o objetivo vital do indivíduo normal — vimos como os estilos de vida não-reprodutivos adotados por uma pessoa solteira ou por um grupo podem ser ampliados de modo a se tornarem satisfatórios para muitas pessoas, seja durante toda a vida, ou apenas durante um bom período dela — algumas pessoas podem ainda preferir o grupo estilo-comunidade de duração permanente, e outras podem querer experimentá-lo durante algum momento de suas vidas, especialmente no começo da infância.

* Optei aqui por conservar o termo em inglês, porque as palavras que poderiam traduzi-lo, como lar e comunidade, já trazem em nossa língua uma carga cultural que alteraria o sentido do original. O termo se refere a um tipo de estrutura substitutivo à família, proposto pela autora. (N.T.)

Assim, em qualquer momento, uma parte da população desejará viver dentro de estruturas sociais reprodutivas. Analogamente, a sociedade em geral ainda necessitará da reprodução, embora menos do que antes, e mesmo que só para criar uma geração nova.

Esta proporção da população será automaticamente constituída por um grupo selecionado, com um mais alto grau de estabilidade, porque ela terá tido liberdade de escolha que hoje é, em geral, inviável. Hoje, aqueles que não se casam, ou que não têm filhos até uma certa idade são punidos por isto. Sentem-se sozinhos, excluídos e miseráveis, à margem de uma sociedade na qual todos além deles se encontram compartimentalizados em famílias baseadas na continuidade geracional, no chauvinismo e no exclusivismo, suas características principais. (Em Nova Iorque, o único lugar em que a vida de solteiro chega a ser apenas tolerável é Manhattan, e mesmo isso pode ser discutido.) A maioria das pessoas ainda é compelida ao casamento pela pressão da família, pelo “casamento-relâmpago”, pelas considerações econômicas, e por outras razões que nada têm a ver com a escolha de um estilo de vida. Contudo, em nossa nova unidade reprodutora de contrato limitado (ver adiante), onde a educação das crianças estará espalhada a ponto de ser praticamente eliminada, onde não haverá considerações econômicas, onde o ingresso de todos os membros participantes será feito com bases exclusivamente na preferência pessoal, nessa unidade desaparecerão as estruturas sociais reprodutoras “instáveis”.

A essa unidade devo chamar de *household*, em vez de família ampliada. A distinção é importante. A palavra *família* implica reprodução biológica e em algum grau de divisão do trabalho em função do sexo, conseqüentemente nas dependências tradicionais e nas relações de poder decorrentes, prorrogadas durante gerações. Embora o tamanho da família — nesse caso, o número maior da família “ampliada” — possa afetar a força dessa hierarquia, ele não altera sua definição estrutural. Contudo, o *household* significa apenas um vasto agrupamento de pessoas que vivem juntas por um tempo e numa série de

relações interpessoais não especificados. Como funcionaria um *household*?

Contrato Limitado. Se o *household* substituísse o casamento, talvez inicialmente ele seria legalizado do mesmo modo — se isto fosse absolutamente necessário. Um grupo de mais ou menos dez adultos de idades variadas¹³ poderia requerer uma licença de grupo, do mesmo modo que hoje um casal jovem requer uma licença para casar, talvez até se submetendo a alguma forma de cerimônia ritual, e então procedendo da mesma forma para montar casa. A licença do *household* valeria, contudo, somente por um período determinado, talvez de sete a dez anos, ou por qualquer que fosse o tempo decidido como sendo o tempo mínimo durante o qual as crianças necessitam de uma estrutura estável para crescer — mas provavelmente este período seria muito mais curto do que agora imaginamos. Se no fim deste período o grupo decidisse continuar junto, ele poderia sempre obter uma renovação do contrato. Contudo, nenhum indivíduo estaria comprometido a continuar depois deste período; talvez alguns membros da unidade pudessem sair, ou membros novos pudessem entrar. Ou então a unidade poderia debandar completamente.

Existem várias vantagens nos *households* a curto prazo, unidades composicionais estáveis, durando apenas por períodos de dez anos: o fim do chauvinismo da família, firmado durante gerações, e dos preconceitos passados de uma geração para outra; a inclusão de pessoas de todas as idades no processo de educação das crianças; a integração de grupos de várias idades numa única unidade social; a amplitude da personalidade decorrente da sua exposição frente a muitas, em vez de a (idiosincrasia de) poucas pessoas, e assim por diante.

Crianças. Uma percentagem regular de cada *household* — digamos um terço — seria constituída de crian-

13. Uma vantagem adicional do *household* é que ele possibilita que as pessoas mais velhas, que já passaram dos seus anos de fertilidade, possam participar plenamente na paternidade quando o quiserem.

ças. Mas não importa se, inicialmente, elas seriam os filhos genéticos criados pelos casais dentro do *household*, ou se, nalgum futuro — depois de algumas gerações de vida em *household* terem cortado as ligações especiais dos adultos com “seus” filhos — elas seriam produzidas artificialmente, ou seriam adotadas. A responsabilidade (mínima) pela dependência física inicial das crianças estaria igualmente distribuída entre todos os membros do *household*.

Mas, embora ele possa ser estruturalmente sólido, devemos nos dar conta de que enquanto usarmos métodos de parto natural, o *household* nunca poderá ser uma forma social totalmente liberadora. Uma mulher que suporta uma gravidez de nove meses provavelmente sentirá que o produto de todo aquele sofrimento e desconforto “pertence” a ela (“E pensar no que eu sofri para ter você!”) Mas precisamos destruir essa possessividade, junto com seus reforços culturais, de modo que nem um só filho seja favorecido *a priori* sobre outro, de modo que os filhos sejam amados pelo que eles são.

Mas, e se existir um instinto de gravidez? Eu duvido. Uma vez abandonadas as superestruturas culturais, pode ser que descubramos um instinto sexual, cujas conseqüências normais *levam* à gravidez. E talvez haja também um instinto de proteção às crianças, logo que elas venham. Mas, um instinto de gravidez em si seria supérfluo — poderia a natureza prever o controle da reprodução pelo homem? E se, quando tivessem sido abandonadas as falsas motivações da gravidez, as mulheres não quisessem mais “ter” filhos de modo algum? Isto não seria um desastre, dado que a reprodução artificialmente ainda não está aperfeiçoada? Mas as mulheres não têm uma *obrigação* especial de reproduzir a espécie. Se elas não quiserem mais reproduzir, então terão que ser desenvolvidos apressadamente métodos artificiais de reprodução, ou, ao menos, terão que ser fornecidas compensações satisfatórias — que não sejam investimentos destrutivos do ego — que valham a pena para a mulher.

Os adultos e as crianças mais velhas tomarão conta dos bebês enquanto eles necessitarem disso. Mas, já que

haverá muitos adultos e crianças mais velhas dividindo as responsabilidades — do mesmo modo que na família ampliada — nenhuma pessoa jamais ficará involuntariamente presa por isso.

As relações adulto/criança se desenvolverão exatamente como as melhores relações de hoje. Alguns adultos poderão preferir certas crianças a outras, assim como algumas crianças poderão preferir certos adultos a outros. Estas poderiam se tornar ligações para toda a vida, concordando os indivíduos envolvidos em permanecer juntos, talvez para formar algum tipo de unidade não-reprodutora. Assim, todas as relações seriam baseadas exclusivamente no amor, sem serem corrompidas por dependências objetivas, nem pelas conseqüentes desigualdades de classe. As relações duradouras entre pessoas de idades bastante diferentes se tornariam comuns.

Direitos Legais e Transferências. Com o enfraquecimento e o rompimento dos laços de parentesco, a hierarquia de poder da família seria destruída. A estrutura legal — enquanto ela fosse ainda necessária — refletiria essa democracia na raiz de nossa sociedade. As mulheres seriam iguais aos homens diante da Lei. As crianças não seriam mais “menores” sob a proteção dos pais — teriam plenos direitos. As desigualdades físicas que permanecessem poderiam ser compensadas legalmente. Por exemplo: se uma criança fosse espancada, talvez ela pudesse notificar isso a um tribunal especial e simplificado de *household*, onde poderia obter imediatamente compensações legais.

Outro direito especial concedido às crianças seria o direito de transferência imediata. Se a criança, por qualquer motivo, não gostasse do *household* onde tinha nascido de um modo tão arbitrário, poderia ser ajudada a se transferir dele. Por outro lado, um adulto — que tivesse vivido um pequeno período num *household* (sete a dez anos) — teria que apresentar suas alegações ao tribunal, que decidiria, como fazem hoje os tribunais de divórcio, se ele tinha motivos justos para anular seu contrato. Um certo número de transferências, dentro do período estabelecido de sete anos, poderia ser necessário

ao bom funcionamento do *household* e não seria prejudicial à sua estabilidade como unidade, desde que fosse mantido um núcleo. (De fato, a entrada, de vez em quando, de pessoas novas poderia trazer mudanças revitalizantes.) Contudo, a unidade, em função de um melhor rendimento, poderia ter que estabelecer um teto de transferências, relativo ao número de entradas e saídas, para evitar o esgotamento, o crescimento excessivo e/ou os atritos.

Afazeres. No que tange aos serviços domésticos, este grupo (provavelmente cerca de quinze pessoas), de tamanho maior que a família padrão, seria mais prático. Seriam eliminados o desgaste e a repetição que caracterizam os afazeres domésticos na unidade-a-dois da família nuclear, p.ex., fazer compras e cozinhar para uma família pequena, sem a perda de intimidade que ocorre na experiência com comunidades maiores. Provisoriamente, qualquer serviço doméstico teria que ser feito em rodízio; a cibernetização porém, finalmente, automatizaria quase todos os afazeres domésticos.

Planejamento da Cidade. O planejamento da cidade, a arquitetura, a mobília, todos seriam alterados de modo a refletir a nova estrutura social. A tendência para as moradias feitas-em-série provavelmente continuaria, mas a habitação teria que ser desenhada e até construída (talvez com elementos pré-fabricados) por pessoas que morassem nelas, de modo a atender às suas próprias necessidades e gostos. A privacidade poderia ser construída no interior: ou através de cômodos privados em cada *household*, ou através de “retiros” dentro da cidade, a serem compartilhados por pessoas de vários *households*, ou ambos. O conjunto todo poderia ter o tamanho de uma cidade pequena, ou de um *campus* extenso. Talvez um *campus* seja a melhor imagem. Poderíamos ter pequenas unidades de habitações autogestantes — as partes pré-fabricadas podendo ser montadas ou desmontadas fácil e rapidamente de modo a atender às necessidades do contrato limitado — bem como edifícios centrais permanentes que atendessem às necessidades da comunidade como um todo, i.e., talvez o equivalente de uma “união

de estudantes” pela socialização, e restaurantes, uma grande agência de computadores, um centro moderno de comunicações, uma livraria e um centro de cinema computalizados, “centros de instrução” dedicados a vários interesses específicos, e tudo o mais que pudesse ser necessário numa comunidade cibernética.

A Economia. O fim da estrutura familiar exigiria o surgimento de mudanças simultâneas na economia. Não só a reprodução, mas também a produção seria qualitativamente diferente. Assim como tivemos que purificar as relações com as crianças de todas as considerações externas, teremos inicialmente que ter, para obter pleno êxito em nossos objetivos, o socialismo de um estado industrial cibernético, visando não só à redistribuição equitativa do trabalho pesado, como também eliminá-lo, enfim, completamente. Com o desenvolvimento posterior e o uso inteligente das máquinas, as pessoas poderão ser libertas do trabalho pesado, sendo o “trabalho” desvinculado dos salários e redefinido. Então tanto os adultos quanto as crianças poderiam entregar-se a um “divertimento” sério tanto quanto quisessem.

No período de transição, enquanto ainda tivermos uma economia baseada no dinheiro, as pessoas deverão receber uma renda anual garantida pelo estado para cuidar das necessidades físicas básicas. Esses rendimentos, distribuídos equitativamente entre homens, mulheres e crianças, independente da idade, função, prestígio e nascimento, por si só uniformizariam, de uma só vez, o sistema de classes econômicas.

Atividade. O que as pessoas fariam dentro dessa utopia? Acho que isso não será um problema. Se tivermos realmente eliminado todos os trabalhos enfadonhos, as pessoas terão tempo e energia para desenvolver interesses sadios. O que hoje só acontece dentro de uma elite, a busca de interesses específicos por si mesmos, provavelmente se tornaria a norma.

No que tange às nossas instituições educacionais: a inadequação do sistema de escolas públicas praticamente garantirá a sua destruição num futuro próximo. Talvez pudéssemos substituí-lo por “centros de instrução” não

obrigatória, que combinariam as funções atuais das instituições educacionais de nível mais baixo, ou seja, o ensino de habilidades rudimentares, com as das de nível mais alto, a ampliação do conhecimento, e que incluiriam pessoas de qualquer idade ou nível, crianças e adultos.

Sim, e as habilidades básicas? Como, por exemplo, uma criança sem nenhum treino continuado formal poderia ser admitida num currículo superior como a arquitetura? Mas, a aprendizagem tradicional a partir de livros, a memorização de fatos, que constitui a parte mais substancial do currículo de nossas escolas elementares, seriam alteradas radicalmente sob o impacto da cibernetização — o que constituiria uma diferença qualitativa, uma mudança no aparato cultural ao menos tão significativa quanto foi a imprensa, e até tão importante quanto o alfabeto. McLuhan chamou a atenção para o início de uma inversão caracterizada pelo uso de meios visuais, em lugar de meios literários no processo de absorção de conhecimentos. Podemos esperar o aumento dessa e de outras conseqüências no desenvolvimento dos *media* modernos visando a rápida transmissão de informação. E até a *quantidade* necessária de conhecimentos automatizados tanto para as crianças quanto para os adultos será imensamente reduzida, já que deveremos dispor de agências de computadores de fácil acesso. Afinal, para que armazenar fatos na cabeça, se as agências de computadores poderão fornecer informações mais sutis e mais amplas instantaneamente? (Hoje em dia as crianças já se perguntam porque devem aprender tabuadas de multiplicação, em vez de aprenderem a operar uma máquina de somar.) Qualquer armazenamento mental de fatos ainda necessário poderá ser prontamente realizado por novos meios mecânicos, máquinas de ensinar, discos e fitas magnéticas, e assim por diante, os quais, quando se tornarem facilmente acessíveis, permitirão a extinção do ensino obrigatório de habilidades básicas. Como estudantes estrangeiros em busca de uma profissão especializada, a criança pode aprender, nas horas vagas, qualquer “linguagem” básica necessária, através desses métodos suplementares de máquinas. Mas é mais provável que as habilidades e os conhecimentos

fundamentais necessários sejam os mesmos para os adultos e para as crianças: a habilidade de operar máquinas novas. Programar especializações pode se tornar uma coisa universalmente requerida, mas em vez de ser feito através de anos de escolarização, isso teria que ser aprendido (rapidamente) somente em conjunção com as exigências de dominar uma disciplina específica.

No que tange à “indecisão profissional”: hoje, as pessoas cujo *hobby* inicial da infância sobreviveu intacto até tornar-se sua “profissão” adulta, lhe dirão, na maioria das vezes, que desenvolveram seu interesse nisso antes dos nove anos.¹⁴ Enquanto ainda houvesse especializações profissionais, elas poderiam ser trocadas com a mesma frequência com que os adultos trocam títulos ou profissões hoje em dia. Mas se a escolha profissional não se apoiasse em motivos sobrepostos, e sim em motivos baseados exclusivamente no interesse pela própria matéria, provavelmente haveria muito menos mudanças no-meio-caminho. A incapacidade de desenvolver interesses sólidos é hoje na maioria das vezes o resultado da corrupção da cultura e de suas instituições.

Assim, nossa concepção de trabalho e de educação estaria mais próxima do aprendizado direto de uma disciplina, característico da Idade Média, do qual participavam pessoas de todas as idades e em todos os níveis. Como nas universidades de hoje, a dinâmica interna das várias disciplinas criaria sua própria organização social, fornecendo os meios de contatar com outras pessoas de interesses iguais, e de partilhar das atividades intelectuais e estéticas acessíveis então só a uns poucos escolhidos, a *intelligentsia*. O tipo de meio-ambiente social hoje só encontrado nos melhores departamentos das melhores universidades poderia tornar-se o estilo de vida das massas, que estariam livres para desenvolver seu potencial desde o início. Enquanto que hoje só os felizardos ou os perseverantes chegam (geralmente só aparentam) a “fazer suas

14. Se hoje fosse dada às crianças uma idéia realista das profissões disponíveis — não exatamente bombeiro/enfermeira — elas poderiam chegar a um interesse especial até mais cedo.

coisas”, então todos teriam a oportunidade de desenvolver seu potencial ao máximo.

Ou de não desenvolvê-lo, se assim o quisessem — mas isso seria pouco provável, já que toda criança desde o início mostra curiosidade pelas pessoas, pelas coisas, pelo mundo em geral e pelo que o faz girar. É somente porque a realidade desagradável *atrofia* a sua curiosidade que a criança aprende a reduzir seus interesses, tornando-se então o afável adulto médio. Mas, se pudéssemos remover esses obstáculos, então todas as pessoas se desenvolveriam tão completamente quanto só as classes mais ricas e uns poucos “gênios” isolados foram capazes de se desenvolver. Cada pessoa contribuiria para a sociedade como um todo, não em função de salários ou outros incentivos de prestígio e poder, mas porque o trabalho que ela escolheu fazer lhe interessa em si mesmo, e também, mas talvez só incidentalmente, porque esse trabalho tenha um valor social para outros (tão saudavelmente egoísta quanto só a arte o é hoje). O trabalho que só tivesse um valor social e não um valor pessoal teria sido eliminado pela máquina.

* * *

Assim, no amplo contexto de um socialismo cibernético, o estabelecimento do *household* como a alternativa para a família, no plano da reprodução das crianças, combinado com todos os estilos de vida imagináveis para aqueles que decidam viver sós ou em unidades não-reprodutoras, resolveria todos os dilemas básicos que hoje se originam da família, impedindo a felicidade humana. Examinemos nossas quatro exigências mínimas para ver como nossa construção imaginária aconteceria.

1) *A libertação das mulheres da tirania de sua biologia, através de todos os meios disponíveis, e a distribuição do papel de nutrição e educação das crianças entre a sociedade como um todo, tanto entre os homens, quanto entre as mulheres.* Isto foi corrigido. A nutrição das crianças poderia ser assumida pela tecnologia, e se isso se mostrasse excessivamente contra a nossa tradição pas-

sada, e a nossa estrutura psíquica (o que certamente ocorreria de início), então teriam que ser desenvolvidos incentivos e compensações adequados — outros que não as gratificações do ego em possuir um filho — para recompensar as mulheres por sua contribuição social específica: a gravidez e o parto. A maior parte da *educação das crianças*, como vimos, tem a ver com a manutenção de relações de poder, a internalização forçada das tradições familiares, e muitos outros interesses do ego que lutam contra a felicidade da criança. Esse processo repressivo de socialização seria desnecessário numa sociedade na qual os interesses do indivíduo coincidissem com os da sociedade em geral. Qualquer responsabilidade restante pela educação das crianças seria espalhada de modo a incluir igualmente tanto os homens e as outras crianças, quanto as mulheres. Além disso, os novos métodos de comunicação imediata diminuiriam os nexos de dependência da criança até com essa unidade primária igualitária.

2) *A independência econômica e a autodeterminação de todos*. Sob o socialismo, ainda que numa economia de mercado, o trabalho estaria dissociado dos salários, a propriedade dos meios de produção estaria nas mãos de todos, e as riquezas seriam distribuídas com base nas necessidades, independentemente do valor social da contribuição do indivíduo para a sociedade. Visaríamos eliminar a dependência das mulheres e das crianças do trabalho dos homens, assim como todos os outros tipos de exploração do trabalho. Cada pessoa poderia escolher seu estilo de vida à vontade, mudando-o de modo a satisfazer seus gostos, sem com isso incomodar seriamente qualquer outra pessoa. Ninguém estaria preso a nenhuma estrutura social contra a vontade, já que cada pessoa seria totalmente independente, logo que fosse fisicamente capaz.

3) *A total integração das mulheres e das crianças na sociedade em geral*. Isto foi cumprido. O conceito de infância foi abolido, tendo as crianças plenos direitos legais, sexuais e econômicos, e não sendo suas atividades educacionais e de trabalho diferentes das dos adultos.

Durante os poucos anos de sua infância, substituímos a “paternidade” genética psicologicamente destrutiva de um ou dois adultos arbitrários pela difusão da responsabilidade pela saúde física entre um número maior de pessoas. A criança ainda continuará estabelecendo relações de amor íntimas, mas em vez de fortalecer laços estreitos com uma “mãe” e um “pai” legais ela poderá criar esses laços com pessoas de sua própria escolha, de qualquer idade ou sexo. Assim, todas as relações entre adultos e crianças serão escolhidas mutuamente — relações sem desníveis, íntimas e livres de dependências materiais. Analogamente, embora haja menos crianças, elas não serão monopolizadas, e sim participarão livremente de toda a sociedade, em benefício de todos, satisfazendo assim o desejo legítimo de estar junto com os jovens, em geral chamado de “instinto” reprodutor.

4) *Liberdade sexual, amor, etc.* Por enquanto não falamos muito sobre o amor, nem sobre a liberdade sexual, porque não há razão para isso ser um problema: não haverá nada os impedindo. Com uma licença total, as relações humanas finalmente seriam redefinidas para melhor. Se uma criança não conhece a própria mãe, ou pelo menos não atribui a ela um valor especial em relação às outras pessoas, é pouco provável que ela a escolha como seu primeiro objeto de amor apenas para depois ter que desenvolver inibições em relação a esse amor. É possível que a criança estabeleça suas primeiras relações físicas íntimas com pessoas de seu próprio tamanho, por mera conveniência física, exatamente como os homens e as mulheres podem preferir um ao outro em vez de pessoas do mesmo sexo, por mera conveniência física. Mas, se ao contrário ela escolhesse se relacionar sexualmente com os adultos, mesmo que isso se desse com a sua própria mãe genética, não haveria razões *a priori* para ela rejeitar seus avanços sexuais, uma vez que o tabu do incesto teria perdido valor. O *household*, forma social transitória, não estaria sujeito aos perigos da endogamia.

Assim, sem o tabu do incesto, os adultos poderiam voltar, dentro de poucas gerações, a uma sexualidade

mais natural “polimorfamente pervertida”, a concentração na sexualidade genital e no prazer orgásmico dando lugar a relações físicas/emocionais totais que os *incluíssem*. As relações com as crianças incluiriam o grau de sexualidade genital que as crianças fossem capazes de ter — provavelmente bem mais do que nós imaginamos hoje — mas pelo fato de a sexualidade não ser mais o foco dos relacionamentos, a ausência de orgasmo não constituiria um problema sério. Os tabus referentes à sexualidade entre adultos/crianças e à homossexualidade desapareceriam, tanto quanto as amizades não-sexuais (o amor “inibido quanto ao alvo”, de Freud). Todas as relações íntimas incluiriam o relacionamento físico, desaparecendo de nossa estrutura psíquica o conceito de relações físicas exclusivas (monogamia), bem como a imagem de um Parceiro Ideal. Mas permanecem em conjuntura o tempo que levaria para essas mudanças acontecerem e as formas que elas tomariam. Os casos específicos não nos interessam aqui. Necessitamos apenas estabelecer as precondições para uma sexualidade livre. As formas que ela assumirá representariam seguramente um progresso dentro do que temos agora, “natural” no seu sentido mais autêntico.

Na fase de transição, a sexualidade genital adulta e a exclusividade dos casais poderão ter que ser mantidas dentro do *household*, para que a unidade possa funcionar tranqüilamente, com um mínimo da tensão interna gerada pelos atritos sexuais. É irreal querer impor teorias sobre o que se *deveria* passar numa psique já fundamentalmente organizada em torno de necessidades emocionais específicas. E é por isso que as tentativas individuais para eliminar a possessividade sexual são hoje sempre inautênticas. Faríamos muito melhor em nos concentrar na mudança das estruturas sociais que produziram essa organização física, o que permitiria finalmente — senão na nossa época — a reestruturação (ou devo dizer desestruturação) fundamental de nossa psicosssexualidade.

Acima, redigi apenas um plano muito grosseiro, com vista a tornar mais clara a direção geral de uma revolução feminista. A produção e a reprodução das espécies

seriam simultaneamente reorganizadas de um modo não-repressivo. O parentesco das crianças com uma unidade que se dispersaria ou se recomporia tão cedo as crianças fossem fisicamente capazes de ser independentes, e que seria destinada a atender às necessidades imediatas, em vez de transmitir poderes e privilégios (a base do patriarcado é a herança da propriedade adquirida através do trabalho), eliminaria a psicologia do poder, a repressão sexual e a sublimação cultural. O chauvinismo da família, o privilégio de classe baseado no nascimento, seria eliminado. Os laços de parentesco da mãe para com o filho seriam finalmente rompidos — se de fato existe uma inveja do parto “criativo” no homem, breve teremos meios de criar a vida independentemente do sexo — de modo a que a gravidez, hoje abertamente reconhecida como deselegante, ineficiente e dolorosa, seria considerada apenas um arcaísmo fútil, exatamente como as mulheres hoje vestem o branco virginal em suas núpcias. Um socialismo cibernético eliminaria as classes econômicas, e todas as formas de exploração do trabalho, pela concessão a todas as pessoas de uma subsistência baseada apenas em necessidades materiais. Finalmente, os trabalhos pesados (empregos) seriam eliminados em favor da diversão (complexa), atividade feita por seu próprio valor, tanto para os adultos, quanto para as crianças.

A revolta contra a família poderia acarretar a primeira revolução bem sucedida, ou o que era tido pelos antigos como a Idade Messiânica. A dupla maldição lançada contra a humanidade quando ela comeu a Maçã do Conhecimento (o conhecimento crescente das leis do meio-ambiente indo gerar a civilização repressiva), de que o homem teria que trabalhar com o suor do seu rosto para viver, e de que a mulher suportaria dores e o trabalho do parto pode ser agora desfeita, mediante as realizações do homem no trabalho. Agora temos conhecimento para criar de novo um Paraíso na Terra. A alternativa para isso é o nosso próprio suicídio através desse conhecimento, a criação de um Inferno na Terra, seguido do perdão.